UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS I
COLEGIADO DE TURISMO E HOTELARIA

BRUNO SANTOS DA SILVA
SARAI ONDINA FERNANDES

A CAPOEIRA DOS GRUPOS LOCALIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR, SUA RELAÇÃO COM OS TURISTAS E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS PARA A TRADIÇÃO DA CAPOEIRAGEM.

Salvador – BA
2016

BRUNO SANTOS DA SILVA
SARAI ONDINA FERNANDES

A CAPOEIRA DOS GRUPOS LOCALIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR, SUA RELAÇÃO COM OS TURISTAS E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS PARA A TRADIÇÃO DA CAPOEIRAGEM.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas, Campus I da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof[a]. Rosana Santana dos Reis
Coorientadora: Prof[a]. Natalia Silva Coimbra de Sá.

Salvador – BA

2016

BRUNO SANTOS DA SILVA
SARAI ONDINA FERNANDES

A CAPOEIRA DOS GRUPOS LOCALIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR, SUA RELAÇÃO COM OS TURISTAS E OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS PARA A TRADIÇÃO DA CAPOEIRAGEM.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Colegiado de Turismo e Hotelaria, Departamento de Ciências Humanas, Campus I da Universidade do Estado da Bahia, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Turismo e Hotelaria.

Orientadora: Prof[a]. Rosana Santana dos Reis
Coorientadora: Prof[a]. Natalia Silva Coimbra de Sá.

Aprovado em _____ de _____ de 2016.

_____
Prof.a M. Rosana Santana dos Reis – UNEB
Mestre em Arquitetura e Urbanismo (UFBA)

_____
Prof.Dr. Biágio Maurício Avena – UFBA
Doutor em Educação (UFBA)

_____
Prof. Esp. Tadeu Bello dos Santos – UNEB
Especialista em Turismo (Olga Mettig)

AGRADECIMENTOS

Durante esta jornada foram muitas as pessoas imprescindíveis para a realização desta monografia que será apresentada. Por este motivo, gostaria de agradecer especialmente a algumas.

Em primeiro lugar, à minha coorientadora, Profa. Dra. Natalia Silva Coimbra de Sá, professora que nos incentivou e estimulou a seguir na realização desta pesquisa científica; pela sua dedicação; críticas e sugestões sempre precisas.

Agradeço aos Mestres (Bamba, Já Morreu, Lua Rasta, Nenel, Pelé, Sabiá) e aos Grupos de Capoeira que aceitaram fazer parte e contribuir para a realização dessa pesquisa.

À minha parceira e amiga Sarai Fernandes pelo trabalho, apoio, pelas cobranças, pela dedicação e principalmente por me aturar na realização desta pesquisa.

À minha orientadora, Rosana Reis, pelo apoio e dedicação.

Por fim, mas não menos importante, as pessoas do meu convívio pessoal, por suportar algumas ausências e conversas intermináveis sobre um assunto.

À minha mãe, Dejanira, que acompanhou a realização da construção dessa pesquisa científica e por me ouvir durante todo esse tempo sobre o TCC.

Aos meus amigos e amigas, que esperam ansiosamente o fim desta etapa para podermos comemorar, deixo o meu muito obrigada e dedico o resultado do trabalho.

Bruno Santos da Silva

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à energia do universo e ao Criador por ter me proporcionado a vida, e por ter me guiado a escolher, na maioria das vezes, por situações muito enriquecedoras.

Agradeço à minha família, não somente pelo amor e criação, mas por terem me estimulado desde pequena a fazer parte da arte, me ensinando a admirar a cultura afro-brasileira, não somente a capoeira, mas a dança, o artesanato, as canções, os instrumentos, as manifestações, entre diversos outros elementos ligados e inspirados na cultura africana. Sem eles, Mestre Lua, Marijô e meus irmãos Mahêva e Inaê esse trabalho não existiria.

Agradeço também a meu companheiro, por sempre me acompanhar e incentivar a fazer coisas boas e construtivas na minha vida.

A todos os meus amigos que tanto que ensinam, incentivam, descontraem meus dias e contribuem para meu crescimento. Dentre eles, cito meu parceiro de trabalho, Bruno Silva, por toda dedicação e paciência durante o TCC. Com certeza essa fase nos marcará para toda vida!

Eternamente grata a todos meus professores da UNEB, em especial à professora e coorientadora Natália Coimbra que com muita paciência e dedicação nos inspirou muito acerca do tema do trabalho; ao professor Roberto Dantas, por ter me provocado e dito que não me veria falando de outro tema que não fosse sobre a capoeira; e à professora, orientadora Rosana Reis por ter aceitado nos acompanhar e orientar da melhor forma na execução do trabalho.

Gratidão especial a todos os Mestres e capoeiristas locais, que também fazem parte do meu ciclo de amizade, por terem sido tão solícitos e atenciosos conosco, enriquecendo muito o nosso entendimento acerca dessa tradição que tanto admiramos e nos preocupamos.

E, por fim, a todas as pessoas que participam e colaboram direta ou indiretamente pela conclusão desse trabalho e pelo sucesso na minha vida.

MUITO OBRIGADA!

Sarai Ondina Fernandes

RESUMO

A presente monografia analisa até que ponto os grupos de capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador são impactados socioeconômico e culturalmente a partir do contato com os turistas que vêm à cidade inspirados pelo aprendizado da capoeira. A capoeira vem, ao longo dos anos, se expandido e atingindo uma série de praticantes espalhados pelo mundo; o que pode gerar uma preocupação a respeito da modificação da tradição, fazendo com que a prática se torne mal utilizada podendo se descaracterizar ou até mesmo levar à extinção dos fundamentos e da originalidade da capoeira. O objetivo geral da pesquisa é produzir conhecimento sobre de que forma os impactos gerados pela expansão da Capoeira afeta ou pode afetar os grupos localizados no Centro Histórico de Salvador e a tradição da capoeiragem. A análise da pesquisa ocorreu por meio das observações feitas pelos pesquisadores aos grupos que aceitaram contribuir com informações, respondendo a entrevistas feitas com mestres e questionários aplicados aos capoeiristas dos grupos e aos turistas capoeiristas. O estudo é embasado mediante a utilização de pesquisa bibliográfica, documental e observação participante com registro em caderno de campo que possibilitaram o entendimento da relação entre a capoeira dos grupos e o turismo, bem como a identificação dos impactos socioeconômicos e culturais que surgem por meio dessa relação. Contudo, o que se tenta demonstrar com a conclusão desse trabalho, é que qualquer arte ou tradição que entra em contato com o novo, tende a se modificar. Os participantes da mesma são os maiores responsáveis pela permissão da modificação, mas, por outro lado, também são os que em consenso e união, podem garantir sua preservação.

Palavras-chave: Turismo; Cultura; Capoeira; Centro Histórico de Salvador.

RÉSUMÉ

Cette monographie analyse dans quelle mesure les groupes de capoeira situés dans le centre historique de Salvador sont culturellement touchés par le contact avec les touristes attirés par l'apprentissage et la pratique de la capoeira. L'expansion de la capoeira de part le monde, et par conséquent l'augmentation de ses pratiquants, nous conduit à une préoccupation concernant la modification de sa tradition, pouvant transformer sa pratique et son originalité, conduisant à l'extinction de ses principes. Le but de ce travail est d'apporter des connaissances sur les impactes socio-économiques et culturels, dû à l'expansion de la Capoeira, pour les groupes situés dans le Centre Historique de Salvador. Les objectifs spécifiques consistent en une brève description de l'histoire de la capoeira, à définir son contexte actuel dans le Centre historique de Salvador et à reconnaître son potentiel touristique. L'analyse de cette investigation se fonde sur des interviews, faits par les auteurs, à des Maîtres de capoeira, et d' un questionnaire destinés à des capoeiristes locaux et touristes pratiquant la capoeira, qui ont accepté de contribuer avec leurs informations. L'étude est fondée sur la recherche bibliographique, documentaire et sur des annotations, qui permettront de comprendre la relation entre les groupes de capoeira et le tourisme, ainsi que l'identification des impacts culturels qui se posent à travers cette relation.Ce que nous essayons de démontrer avec l'achèvement de ce travail, est que tout art ou tradition tend à se transformer, ou se modifie au contact du nouveau. Les participants du même sont les responsables qui permettent le changement, mais d'autre part, ce sont eux aussi qui, par consensus et union, peuvent assurer sa préservation.

Mots Clés: Turisme; Culture; Capoeira; Centre Historique de Salvador.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Capoeira praticada por escravos 35
Figura 2: Início do jogo de capoeira 37
Figura 3: Roda de capoeira de rua 41
Figura 4: Gráfico referente ao local de origem dos turistas capoeiristas 70
Figura 5: Gráfico referente ao gênero do turista capoeirista 71
Figura 6: Gráfico referente à faixa etária dos turistas capoeiristas 72
Figura 7: Gráfico referente ao nível de escolaridade dos turistas capoeiristas 73
Figura 8: Gráfico referente à descoberta da capoeira por parte dos turistas capoeiristas 74
Figura 9: Gráfico referente ao tempo de prática de capoeira dos turistas capoeiristas.....75
Figura 10: Gráfico referente ao local de treino na cidade de Salvador 77
Figura 11: Gráfico referente à vinda a Salvador 79
Figura 12: Gráfico referente ao tempo de permanência em Salvador 80
Figura 13: Gráfico referente ao interesse de ensinar capoeira no seu local de residência 81
Figura 14: Gráfico referente às dificuldades no aprendizado da capoeira 82
Figura 15: Gráfico referente ao genêro dos capoeiristas locais 89
Figura 16: Gráfico referente à faixa etária dos capoeiristas locais 90
Figura 17: Gráfico referente ao nível de escolaridade dos capoeiristas locais 91
Figura 18: Gráfico referente ao tempo de prática de capoeira por parte dos capoeiristas locais 92
Figura 19: Gráfico referente à aptidão em lecionar 93
Figura 20: Gráfico referente à quantidade de capoeiristas que já participaram de shows folclóricos 94
Figura 21: Gráfico referente à acessibilidade do Centro Histórico de Salvador 95
Figura 22: Gráfico referente aos benefícios advindos do contato com os turistas 97
Figura 23: Gráfico referente às problemáticas geradas pela presença de turistas ...98

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Relação dos grupos de capoeira que os turistas capoeiristas participam fora da cidade de Salvador 76
Quadro 2: Relação dos grupos de capoeira visitados pelos turistas capoeiristas, sediados em Salvador 78

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

OMT – Organização Mundial de Turismo

EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo

ICOMOS – Conselho Internacional de Monumentos e Sítios

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

IPAC – Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia

DPHAN – Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

PLANDIP – Plano Diretor do Pelourinho

CAU/BA – Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia

IAB/BA – Instituto de Arquitetos do Brasil

SINARQ-BA – Sindicato de Arquitetos e Urbanistas do Estado da Bahia

ABCA – Associação de Capoeira Angola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO..... 11
2 ESTABELECENDO A RELAÇÃO ENTRE TURISMO E CULTURA 17
2.1 TURISMO 17
2.2 TURISMO CULTURAL 20
2.3 TURISMO DE EXPERIÊNCIA 24
2.4 CULTURA 26
2.4.1 Cultura Popular 29
3 A CAPOEIRA E O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR 34
3.1 BREVE HISTÓRICO DA CAPOEIRA 34
3.2 A TRADIÇÃO DA CAPOEIRA NA BAHIA 40
3.3 O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR 45
3.3.1 Grupos de Capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador 52
4 A POPULARIZAÇÃO DA CAPOEIRA E SEUS IMPACTOS PARA A TRADIÇÃO DA CAPOEIRAGEM 62
4.1 A POPULARIZAÇÃO DA CAPOEIRA PELO BRASIL E PELO MUNDO 62
4.2 A CAPOEIRA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO 68
4.2.1 Conhecendo o turista capoeirista 69
4.2.2 O capoeirista local 88
4.3 OS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS DA POPULARIZAÇÃO DA CAPOEIRA PARA OS GRUPOS LOCALIZADOS NO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR E PARA SUA TRADIÇÃO 104
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS 110
REFERÊNCIAS 114
APÊNDICE A – MODELO DE ENTREVISTA FEITA COM OS MESTRES DE CAPOEIRA 118
APÊNDICE B – MODELO DE QUESTIONÁRIO FEITO COM OS CAPOEIRISTAS BAIANOS 119
APÊNDICE C – MODELO DE QUESTIONÁRIO FEITO COM OS TURISTAS CAPOEIRISTAS 120

1 INTRODUÇÃO

A capoeira é uma das práticas culturais mais antigas no Brasil, representa a luta e a resistência dos negros contra a escravidão durante os períodos colonial e imperial da história. Foi durante muitos anos discriminada pelo Estado e pela população que os consideravam marginais e proibiam a prática da capoeira em locais públicos da cidade.

A Capoeira, após muito tempo de resistência, passou a ser reconhecida, com apoio de intelectuais e do Governo, como uma dança, luta, esporte e arte que representa o país, ganhando visibilidade na sociedade, atingindo e conquistando diversos praticantes de diferentes classes sociais.

Em Salvador, especificamente no Centro Histórico, atualmente há uma concentração de grupos de capoeira e mestres requisitados por conta de ser o lugar onde grandes e antigos mestres como Bimba e Pastinha se encontravam para “vadiar’’, expressão usada pelos capoeiristas quando se brinca, joga descontraidamente, usando o espaço da roda de capoeira para uma espécie de confraternização entre os praticantes; criando ao mesmo tempo sedes de Capoeira direcionada às suas duas vertentes, Angola (o estilo mais próximo da capoeira criada pelos escravos africanos) e a Regional (criada por Mestre Bimba, incorporada com diferentes golpes, assemelhando-se mais a uma luta) no local.

No seu desenvolvimento, a capoeira se expandiu por todo o mundo, espalhando inicialmente os capoeiristas brasileiros por diversos países por meio de shows folclóricos que apresentavam manifestações culturais típicas do Brasil; criando mediante a implantação de grupos no exterior, uma rede mundial de praticantes e seguidores, o que estimulou o Brasil a se tornar um destino turístico cultural em que pessoas de diversos lugares começaram a vir pesquisar e aprender sobre a tradição da capoeira no país, inspirados principalmente por estes capoeiristas instalados no exterior.

Por meio dessa rede mundial criada, os capoeiristas que permaneceram no seu local de origem no Brasil, passaram a ter uma relação forte com o turismo, tomando medidas de adaptação ao que estava acontecendo para poder receber bem os visitantes no seu espaço de atuação podendo, assim, ter uma

sustentabilidade financeira a partir do ensino da arte e venda de instrumentos para os turistas estrangeiros ou nacionais que procuravam aprender a capoeira.

A partir dessas visitas aos mestres, grupos e rodas em diferentes locais da cidade começaram a se estabelecer, fortalecendo relações entre os capoeiristas locais e os turistas capoeiristas gerando influências tanto positivas quanto, em parte, negativas para os grupos receptores e de forma mais abrangente para a tradição da capoeira em si.

Provocados pelo contexto em que a capoeira se encontra, as relações criadas por meio do contato com o turismo e com a valorização da tradição da capoeira, os pesquisadores identificaram quais são os impactos gerados a partir desta popularização da capoeira para os grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, receptor turístico importante da cidade e para a tradição da capoeira em si. A partir dessa análise, propuseram medidas iniciais de preservação para que a arte não continue se modificando a ponto de chegar a um processo de transformação irreversível, levando à sua total descaracterização ou mesmo extinção.

Essas são as principais questões que norteam o trabalho, cujo tema é: a capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos socioeconômicos e culturais para a tradição da capoeiragem.

O problema que se busca esclarecer é até que ponto os grupos localizados no Centro Histórico de Salvador são impactados positiva e negativamente, principalmente do ponto de vista econômico, social e cultural, no que se refere à tradição da capoeiragem, a partir do contato com os turistas. Haja vista, que esses grupos recebem participação frequente de turistas em suas atividades, muito maior que os grupos sediados em outros bairros, devido à sua localização em um espaço turístico de destaque da cidade.

Acredita-se que, quando uma prática cultural entra em contato com elementos novos, ela se modifica. Nesse sentido, poderá sofrer uma descaracterização ao afastar-se da tradição ou estabelecer táticas de sobrevivência e adaptação sem perder as suas raízes originais. No exemplo da capoeira, isso ocorre pelo fato dos turistas, apesar de demonstrarem interesse pela Capoeira, não compreenderem os

seus fundamentos em sua totalidade devido ao pouco tempo que permanecem na localidade para aprender a arte.

O objetivo geral da pesquisa é produzir conhecimento sobre de que forma os impactos socioeconômicos e culturais da expansão da Capoeira afeta ou pode afetar os grupos localizados no Centro Histórico de Salvador e a tradição da capoeiragem. Apresentando como objetivos específicos: um histórico da capoeira; a expansão da prática pelo Brasil e pelo mundo; um mapeamento do atual cenário da capoeira no Centro Histórico da Cidade, identificando o potencial da manifestação com um atrativo turístico para a cidade.

A presente pesquisa é um Trabalho de Conclusão de Curso de Turismo e Hotelaria, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), desenvolvido por dois estudantes e praticantes de capoeira, sendo uma delas filha de Mestre, moradora do Centro Histórico, mantendo contato direto com os grupos de capoeira localizados no local, e que tem uma preocupação em relação aos rumos que a capoeira vem tomando. Essa torna-se a principal motivação para a escolha do tema juntamente com o interesse de detectar e analisar os reais impactos socioeconômicos e culturais da popularização da Capoeira para os grupos tradicionais localizados no Centro Histórico de Salvador, a partir da relação entre os grupos e os turistas capoeiristas. O que se busca com este trabalho é conhecer, divulgar e valorizar a tradição, fazendo com que o Centro Histórico de Salvador e a Bahia continuem sendo lugares de referência para a Capoeira e recebam, cada vez mais, turistas conscientes à procura de autenticidade e aprofundamento dessa tradição.

O proposto trabalho apresenta uma metodologia utilizando o método dedutivo que, como afirmam Lakatos e Marconi (2003),

> [...] diríamos que os argumentos dedutivos ou estão corretos ou incorretos, ou as premissas sustentam de modo completo a conclusão ou, quando a forma é logicamente incorreta, não a sustentam de forma alguma; portanto, não há graduações intermediárias. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 92).

Trata-se de uma pesquisa descritiva e qualitativa com características da etnografia. A etnografia, segundo Leal (2010), parte de um pressuposto que permite que o pesquisador vivencie, participe e seja afetado pela rotina e dinâmica local, possibilitando um registro detalhado e sistematizado do contexto pesquisado.

Os procedimentos utilizados foram de pesquisa bibliográfica, que se realizou a partir do registro disponível de pesquisas em livros, artigos, teses; pesquisa documental, por meio de filmes, fotos, gravações; pesquisa de campo com observação participante junto aos principais grupos de Capoeira selecionados no Centro Histórico de Salvador; registro em caderno de campo de todas as visitações junto aos grupos; aplicação de entrevistas semiestruturadas com os sete Mestres de Capoeira e um total de 64 questionários entre dois diferentes perfis: capoeiristas locais e turistas capoeiristas.

O método de procedimento utilizado foi o monográfico, uma vez que,

> Partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes, o método monográfico consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. A investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 108).

A participação ativa na manifestação cultural em estudo, através de treinos, pesquisas, palestras, apresentações e coleta de material reforçam a curiosidade e o comprometimento com a mesma. O trabalho se iniciou a partir da delimitação do espaço territorial a ser pesquisado, em seguida, obteve-se uma relação dos principais grupos inseridos no local. Algumas pesquisas foram feitas acerca desses principais grupos e alguns deles foram escolhidos para a pesquisa com base na disponibilidade de participação no trabalho.

O segundo passo foi retomado a partir de visitações semanais aos grupos de Capoeira, para que se começasse a ter contato tanto com os Mestres como com os alunos. O intuito era observar inicialmente como era o cotidiano de cada grupo, as metodologias usadas nos treinos, nas rodas, nas relações e, posteriormente, perceber a presença ou não de turistas capoeiristas e turistas em geral no local. Juntamente com as visitações, foi-se fazendo pesquisas acerca de temas que rodeavam os assuntos, como: Cultura, Cultura Popular, Turismo, Turismo Cultural e Turismo de Experiência.

Em seguida, com a necessidade de ter um contato maior com os sujeitos participantes da pesquisa, iniciou-se a realização das entrevistas com Mestres e questionários com os praticantes dos grupos, sendo capoeiristas locais, capoeiristas

turistas e turistas que estavam apenas apreciando a arte dos grupos. As técnicas para a obtenção dessas informações, segundo Lakatos e Marconi (2003), foram as seguintes

> Observação direta intensiva, com as técnicas da:
> - observação - utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar. Pode ser: Sistemática, Assistemática; Participante, Não-participante; Individual, em Equipe; na Vida Real, em Laboratório;
> - entrevista - é uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica; proporciona ao entrevistador, verbalmente, a informação necessária. Tipos: Padronizada ou Estruturada, Despadronizada ou Não-Estruturada, Painel.
> Observação direta extensiva, apresentando as técnicas:
> - questionário - constituído por uma série de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do pesquisador;
> - história de vida - tenta obter dados relativos à "experiência última" de alguém que tenha significado importante para o conhecimento do objeto em estudo. (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 222-223).

O aspecto metodológico de maior relevância para esta monografia foi o registro da expressão da opinião de capoeiristas envolvidos diretamente no movimento de expansão da capoeira atual, a história contada pelo dia a dia de quem a constrói.

Os resultados foram obtidos por meio da observação participante dos pesquisadores com os grupos, das entrevistas com os Mestres e análise dos questionários respondidos pelos capoeiristas locais e capoeiristas turistas. Os questionários foram transformados em gráficos mostrando quantitativamente as opiniões dessas pessoas, sendo que a análise qualitativa também está presente em todo o trabalho.

No que se refere à estrutura, esta monografia é composta por cinco seções. O primeiro capítulo é caracterizado pela presente introdução, ao longo do qual se faz uma contextualização inicial da capoeira e suas transformações ao longo do tempo principalmente por conta de sua popularização, justifica-o, relata o problema, os objetivos gerais e específicos e descreve também quais os procedimentos metodológicos usados durante toda a pesquisa.

O segundo capítulo traz discussões acerca de conceitos como turismo e cultura, sendo apresentados os referenciais teóricos necessários para que haja a

compreensão do estudo feito, estabelecendo uma co-relação entre todos os conceitos.

O terceiro capítulo traz uma contextualização a respeito da capoeira, seus elementos históricos, a força da tradição na Bahia, com foco maior no Centro Histórico de Salvador, que é o local onde há uma concentração representativa de capoeiristas e grupos no mesmo bairro. Nesse mesmo capítulo é feita a apresentação dos grupos selecionados pelos pesquisadores para serem fontes de pesquisa do trabalho, pois todos eles têm contato e relação forte com o Turismo.

O quarto capítulo expressa-se na análise da popularização da capoeira no Brasil e no mundo, seguido por um entendimento acerca de como se dá a relação entre a capoeira e o turismo, trazendo contribuições fundamentais dos mestres de capoeira dos grupos pesquisados, capoeiristas locais e turistas capoeiristas, seguidos de questionamentos acerca das consequências atualmente presentes na tradição da capoeira devido, provavelmente, a essa relação. Para finalizar, os pesquisadores fazem uma análise em relação ao contato da atividade do turismo com uma manifestação tão rica, gerando uma série de impactos ou reflexões acerca da originalidade da prática nos grupos locais e na sua expansão, como a preocupação do saber-fazer de pessoas dos grupos, lutando para não serem influenciados pela demanda econômica e o saber-fazer de novas pessoas envolvidas na arte, espalhados por todos os cantos do mundo.

O quinto e último capítulo consiste nas considerações finais, um espaço de questionamentos, reflexões e sugestões acerca da preservação da capoeira, tema motivador para a construção e finalização da pesquisa. Acaba por fornecer assim pensamentos críticos em relação ao saber-fazer da capoeira na atualidade, proporcionando pistas para futuras investigações.

2 ESTABELECENDO A RELAÇÃO ENTRE TURISMO E CULTURA

O presente capítulo se encarrega de trazer discussões acerca dos conceitos de turismo e cultura, entre outras definições como: turismo cultural, turismo de experiência, cultura popular, para que haja a compreensão inicial acerca do que será tratado no decorrer do trabalho, fazendo uma correlação entre diferentes assuntos.

2.1 TURISMO

O turismo é um fenômeno que engloba uma gama de setores econômicos e diversas atividades como hospedagem, alimentação, transporte, lazer, entre outras, e é associado à motivação humana de pessoas que saem do seu local habitual de residência para outro, em busca de trocas de relações temporárias. Algumas definições foram criadas para destacar os principais aspectos da atividade do turismo. A maioria delas apresenta elementos comuns e talvez, por conta de sua complexidade, se torne tão difícil chegar a uma compreensão única. Independente disto, a atividade precisa de um marco conceitual que a defina e que possa ser incrementada com novas contribuições que surgem com o passar do tempo.

Segundo Ferreira (2007), desde 1840, quando Thomas Cook organizou a primeira viagem organizada do mundo, a prática do turismo passou então a ser estudada por diversas áreas do conhecimento. As primeiras definições de turismo foram desenvolvidas por economistas, pois na época esta atividade estava associada, principalmente, a questões econômicas.

Herman von Shullern zu Schattenhofen (1911 *apud* DIAS, 2013, p. 13), em seu livro Turismo e Economia, definiu turismo como o “conceito que compreende todos os processos, especialmente os econômicos, que se manifestam na afluência, permanência e regresso do turista, dentro e fora de um determinado município, país ou Estado”.

Anos depois, alguns autores como José Vicente de Andrade, Oscar de La Torre, entre outros, desenvolveram conceitos em que se destacavam o turista e as suas necessidades. As definições ora apresentadas fundamentam-se no conceito de

turismo estabelecido pela Organização Mundial de Turismo (OMT), em 1991, e adotado oficialmente pelo Brasil, que compreende

> [...] atividades que as pessoas realizam durante suas viagens e estadas em lugares diferentes daqueles onde têm sua moradia habitual, por um período de tempo contínuo inferior a um ano, com fins de lazer, negócios ou outros motivos, não relacionados ao exercício de uma atividade remunerada no lugar visitado (OMT, 1991 *apud* DIAS, 2006, p. 253).

Desta forma, José Vicente de Andrade (1998 *apud* IGNARRA, 2003), complementa o conceito de turismo com os principais serviços oferecidos ao turista ao chegar no seu destino: “turismo é o conjunto de serviços que tem por objetivo o planejamento, a promoção e a execução de viagens, e os serviços de recepção, hospedagem e atendimento aos indivíduos e aos grupos, fora de suas residências habituais”.

Como pode-se notar nas definições apresentadas anteriormente, o turismo até começo da década de 1990 era visto como uma prestação de serviços de satisfação das “necessidades” do viajante e as questões econômicas eram as que mais se destacavam. Com o passar do tempo, a atividade turística foi se desenvolvendo e as definições acompanharam essa evolução. Surgem então definições que, além de apresentar questões econômicas e a satisfação do turista, retratam a relação entre os turistas e a população local do território visitado, as questões culturais, sociais, entre outros aspectos.

Nesse sentido, Oscar de La Torre (1994) propõe a seguinte definição de turismo:

> O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultural ou saúde, se deslocam de seu lugar de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas relações de impotência social, econômica e cultural. (DE LA TORRE, 1994 *apud* DIAS, 2003, p. 29).
> .

A satisfação em conhecer e ter o convívio com outras culturas ingressa nas definições de turismo a partir do momento que é visto um maior interesse dos turistas nas questões culturais dos lugares visitados. Nessa perspectiva, pode-se definir turismo como:

> Tráfego de pessoas que se afastam temporariamente de seu lugar de residência para deter-se em outro lugar com o objetivo de satisfazer suas necessidades vitais e de cultura ou para levar a cabo desejos de diversa índole, unicamente como consumidores de bens econômicos e culturais. (MORGENROTH *apud* DIAS, 2013, p. 14).

Keila Cristina Nicolau Mota (2001) também adotou para o turismo a seguinte definição:

> Turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento temporário e voluntário de um ou mais indivíduos que, por uma complexidade de fatores que envolvem a motivação humana, saem de seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem atividades lucrativas ou remuneradas, gerando múltiplas inter-relações de importância cultural, socioeconômico e ecológica entre os núcleos emissores e receptores. (MOTA, 2001, p. 43).

Como observado o turismo envolve todo deslocamento do viajante entre o local habitual e o local visitado, exercendo atividades muitas vezes de lazer, sem fins lucrativos, resultando em um série de relações entre pessoas e locais, o que permite ao visitante enriquecer culturalmente, e contribuir socioeconômica e ecologicamente tanto com o local visitado quanto com o de origem, no seu retorno.

Muitas outras definições foram criadas, a partir da evolução da atividade, e, em 2013, Reinaldo Dias traz uma importante contribuição, ressaltando o quanto a atividade tem se tornado expansiva e o quanto ela pode provocar mudanças na localidade que é visitada.

O conceito de Dias (2013) diz que o turismo é:

> Um fenômeno social provocado por um agente principal – o turista –, que através de um deslocamento temporário fora de seu local de residência habitual, provoca mudanças culturais e sociais na localidade que escolheu para passar um período limitado de tempo. Essa atividade social é considerada hoje como o maior movimento de pessoas que já ocorreu na história da humanidade e só tende a crescer, provocando, desse modo, novas modificações no ambiente sociocultural global, nacional e local. (DIAS, 2013, p.117).

Essa definição torna-se muito importante para o trabalho apresentado, pois serão abordados quais os impactos que o turismo pode causar a uma determinada localidade, cultura ou manifestação popular.

Segundo Dias (2006), nos últimos anos do século XX, houve uma multiplicação dos lugares turísticos, tanto dos tradicionais – sol e praia – quanto dos novos, que exploram outras motivações para o deslocamento das pessoas. Pelo

aumento da diversificação de interesses dos consumidores turistas e pela elevação do turismo à condição de atividade produtiva, é válida a afirmação de que qualquer lugar pode tornar-se um destino turístico. Assim, “o turismo integrado definitivamente ao processo de acumulação capitalista – em sua fase pós-fordista, de acumulação flexível – incorpora os mais diversos espaços – culturais, naturais – à lógica do mercado” (DIAS, 2006, p. 17).

Diante do interesse do viajante em trocas de conhecimentos socioculturais, e todas as mudanças provocadas a partir das trocas culturais, destacou-se na atividade do turismo um segmento que buscou contemplar essas questões e que se tornou conhecido como turismo cultural.

2.2 TURISMO CULTURAL

O turismo cultural, assim como o nome diz, envolve as práticas e experiências turísticas que fogem do turismo “convencional” e preocupa-se mais com os aspectos culturais dos lugares visitados. Numa perspectiva histórica, o historiador francês Pascal Ory (1993) diz que o turismo cultural está ligado a algo que sempre tem existido, a curiosidade (ORY, 1993; WALLE, 1998 *apud* PEREZ, s.d.), isto é, o interesse dos sujeitos pela “formação”, pela estética, pelo patrimônio cultural e a criação cultural de outros países. Para o autor, há três etapas históricas básicas:

> 1) A Antiguidade e a Idade média, caracterizadas pelas suas peregrinações a santuários famosos, ex.: Ephesus, Santiago de Compostela;
> 2) As grandes viagens dos ss. XVIII e XIX, quando intelectuais e artistas do Norte de Europa visitam o Sul de Europa;
> 3) A atualidade, quando o turismo cultural se converte num segmento do turismo de massas, sobretudo praticado pelas pessoas de maior capital cultural. (*apud* PEREZ, s.d., p. 4).

A maioria dos estudos atuais relacionados a esse assunto trazem o conceito de turismo cultural de uma maneira restrita, restringindo-o à aquele segmento que trata de viagens de estudos, principalmente de outras línguas; esquecendo da complexa dimensão que tem a cultura e da quantidade de assuntos que fazem parte desse fenômeno. A exemplo disso, ressalta-se o conceito dado pela Embratur em 1992 que denomina turismo cultural como “[...] aquele que se pratica para satisfazer

o desejo de emoções artísticas e informação cultural, visando à visitação à monumentos históricos, obras de arte, relíquias, antiguidades, concertos, musicais, museus, pinacotecas.” (EMBRATUR, s.d., p. 10).

Para Rodrigues (*apud* FUNARI, 2002) a atividade turística, é produto da sociedade capitalista industrial e se desenvolveu sob o impulso de motivações diversas, que incluem o consumo de bens culturais. O turismo cultural, tal qual é concebido atualmente, implica não apenas na oferta de espetáculos ou eventos, mas também na existência e na preservação do patrimônio cultural representado por museus, monumentos e locais históricos.

Acredita-se que seja equivocado dizer que o turismo cultural somente acontece em cidades históricas ou locais com grandes monumentos arquitetônicos. Todo local tem sua riqueza cultural, tem seus habitantes, seus costumes e suas vivências, e pode ser facilmente atrativo para qualquer tipo de viajante interessado nesses aspectos. Ou seja, num sentido amplo, todas as nossas ações humanas fazem parte da cultura.

Mais tarde, a Organização Mundial do Turismo (OMT) traz uma definição mais completa e diz que o Turismo Cultural trata de um: “[...] movimento de pessoas, devido essencialmente a motivos culturais como viagens de estudo, viagens a festivais ou outros eventos artísticos, visitas a sítios e monumentos, viagens para estudar a natureza, a arte, o folclore e as peregrinações.’’ (OMT, s.d., p. 11).

O turismo cultural – assim como suas variações, como o turismo étnico, ou o turismo antropológico – começa a ser muito desenvolvido no Brasil e as viagens desse tipo de segmento são motivadas por interesses ditos culturais, na qual os visitantes buscam ter contato com culturas e cotidianos diferentes dos seus.

Segundo Ricco (s.d.) no contexto dos atrativos culturais, o que interessa ao fenômeno do turismo são os aspectos mais peculiares do lugar, é o caráter mais autêntico de sua gente e seu cotidiano mais original, representado por toda a sua gama simbólica, ainda que possa parecer estranho à estética da globalização. O turismo cultural, entendido como o turismo que possui como principal atrativo aspectos da cultura humana, oferece a possibilidade de maior conhecimento e comunicação entre diferentes povos. Esse contato, quando tem por base o respeito

à alteridade, tende a enriquecer culturalmente tanto os turistas quanto a comunidade receptora.

Diversos impactos positivos são relatados pela literatura da área demonstrando que a troca de relações entre os turistas e a localidade beneficia ambos os lados: os turistas que acabam tendo um contato maior com a localidade, aprendendo diferentes aspectos da tradição local; e a comunidade que acaba entrando em contato com outras culturas, outros idiomas, e pode se beneficiar com a renda gerada pelo turista e com difusão de sua cultura pelo mundo.

> O turista que é atento a cultura apreciará melhor seus interlocutores locais e seus costumes, aproveitará melhor seu lazer e poderá valorizar a diversidade cultural, contribuindo, dessa forma, para a formação de uma cidadania mais crítica. Não serão apenas consumidores passivos da cultura, mas poderão interagir com as diversas manifestações culturais. (FUNARI; PINSKY, 2002, p. 11).

O que o turista cultural busca é justamente a vivência junto aos moradores locais. A interação com as manifestações culturais ajuda-lhes a ter uma melhor e mais completa absorção da vivência que lhe foi proporcionada na viagem.

A Carta de Turismo Cultural, elaborada pelo ICOMOS em 1976 define Turismo Cultural da seguinte forma:

> [...] forma de turismo que tem por objeto, entre outros fins, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artísticos. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tanto quanto contribui – para satisfazer seus próprios fins – à sua manutenção e proteção. Esta forma de turismo justifica, de fato, os esforços que tal manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e econômicos que comporta para toda a população envolvida. (RICCO, s.d., p. 10).

Para Santos *apud* Ricco (s.d.), o turismo cultural tem se tornado um dos segmentos mais importantes da atividade turística em virtude de alguns fatores, como a mudança de orientação do turismo tradicional, as novas alternativas ao chamado turismo de sol e praia, no qual, além do descanso, se busca aprofundar a cultura, conhecer as tradições gastronômicas, artísticas e as paisagens, bem como pelo apoio de instituições que subsidiam iniciativas locais de desenvolvimento. Como fruto dessa demanda, a oferta turística tem evoluído na promoção de produtos culturais de qualidade.

Isso ocorre, também, pelo fato de que as pessoas têm a necessidade de conhecer coisas novas. Num mundo onde o acesso à informação é obtido cada vez mais rápido, com mais qualidade e eficiência, a busca pelo novo, diferente e contrastante, aguça muito mais o imaginário das pessoas.

Para Barreto (2000 *apud* RICCO, s.d.) o tipo de turista desse segmento são aqueles que admiram um turismo ligado ao legado cultural de um determinado povo e lugar. O seu interesse não depende de sua situação econômica e sim de sua formação cultural. Exemplificando com o que Barretto (2000) traz: vivenciar alguma experiência ligada a outra cultura, como uma dança; fazer ou presenciar a construção de algum artesanato; aprender e consumir pratos da culinária local; enfim, trata-se da ideia de que vivenciar uma experiência vale mais a pena do que só olhar a cidade superficialmente e comprar alguns *souvenirs.*

Dias (2013) demonstra em seu trabalho os principais tipos de turismo presentes no Brasil, entre eles o turismo cultural, afirmando que

> é uma modalidade de turismo alternativo que apresenta uma das maiores possibilidades de crescimento, dada a diversidade de conteúdos que podem ser explorados, tornando-se excelente complemento a qualquer outra forma de turismo. Entre as modalidades de turismo cultural, temos aquelas vinculadas: ao patrimônio histórico, ao patrimônio arqueológico, à gastronomia, ao patrimônio religioso, aos museus, ao patrimônio industrial, ao patrimônio antropológico, ao patrimônio rural, a acontecimentos culturais pré-programados, entre outros. (DIAS, 2013, p. 71).

O autor traz, com base na definição acima, uma ampliação do conhecimento e mostra as possibilidades que o turismo cultural tem. Pode-se conhecer a cultura de determinado povo mediante qualquer uma das modalidades citadas, acompanhar a produção artesanal de uma comunidade, a forma de dançar de determinada manifestação, um prato típico daquela comunidade, aprender sobre o passado de uma região, utilizar meios de transporte tradicionais, ter contato com experiências novas e valiosas, entre outras coisas; isso é o que caracteriza o turista cultural.

Diante de todas as discussões a respeito do que pode ser considerado como turismo cultural, busca-se trazer também um novo conceito que vem despertando interesse apenas mais recentemente, mas que possui um grande potencial e relação direta com o turismo cultural. Esse outro segmento de turismo vem sendo denominado de turismo de experiência e será abordado a seguir.

2.3 TURISMO DE EXPERIÊNCIA

O Turismo de Experiência é um segmento de turismo muito recente, que tem uma forte relação com o desenvolvimento social e pode facilmente ser um complemento do turismo cultural que foi apresentado na seção anterior.

Essa modalidade tem como principal foco a experiência, ou seja, o contato, seja visual, auditivo, sensitivo, do ser humano com informações e/ou objetos de um determinado local. Nesse sentido, toda e qualquer experiência apresenta caráter único e, em cada indivíduo, a experiência provocará diferentes sensações. Avena (2008) apresenta uma diferenciação entre viagem e turismo, mostrando que o turismo pode ter um lado mais humanista e cultural, como propõe o turismo de experiência.

> As viagens são formas de conhecer melhor o mundo, o outro e outros lugares. O turismo, por outro lado, é considerado uma atividade econômica que não se preocupa verdadeiramente com os aspectos formativos que se encontram nas viagens. Ao contrário, dá ênfase maior às relações de mercado, classificando o sujeito-turista (o cliente) como um simples produto a ser comercializado. Mas, na minha concepção pode-se e deve-se fazer viagens, incluindo-se as viagens turísticas com uma abordagem humanista e cultural. (AVENA, 2008, p. 69).

Essas experiências permitem ao turista substituir roteiros convencionais pela possibilidade de experimentar as sensações. Isso torna a viagem muito mais sensitiva, proveitosa e deixa o visitante com a sensação de que realmente fez parte daquele local por determinado momento.

A partir da experiência vivenciada pelo indivíduo, de alguma forma, mudanças irão acontecer no seu modo de pensar, de agir, de se comportar e de ser, pois toda pessoa que está disposta a conhecer uma outra cultura tão intensamente, está apta e propícia a mudanças. Desta forma, Avena (2008, p. 73) considera

> que as viagens são elementos muito importantes na formação e alteração dos sujeitos. Estes, após experimentar verdadeiramente uma viagem, no seu retorno, não serão mais os mesmos, transformaram-se, alteraram-se. Aqueles que recebem os viajantes e os turistas – guias, recepcionistas, habitantes locais, dentre outros – também se modificam de alguma forma, pois eles precisam compreender e muitas vezes se adaptar aos gostos, vontades e necessidades dos viajantes.

Para Krippendorf (2003)

> O ser humano não nasceu turista, mas sua curiosidade e a necessidade de mobilidade o fez um viajante, buscando em um primeiro momento desbravar, descobrir e aprender, para que, em uma fase mais recente, buscasse o lazer, a fuga do massificante dia-a-dia de trabalho e da monotonia do cotidiano. (*apud* PEZZI, 2012, p.6).

O autor argumenta que trabalho, moradia e lazer são condições existenciais dos humanos no cotidiano. Parte desse lazer pode configurar-se em forma de viagem. Essa fuga da cidade possivelmente ocorre por uma falta de infraestrutura satisfatória de lazer e uma busca de "consolo externo" (KRIPPENDORF, 2003 *apud* PEZZI, 2012 p. 37), pois descanso e férias podem ser entendidos igualmente como sair e viajar.

Segundo Cohen (1974 *apud* PEZZI, 2012, p. 6) uma das características do turismo é conotar uma mudança de rotina, algo diferente, estranho, incomum, uma experiência não comumente presente na vida diária do viajante. Esse estranhamento, no sentido de "experiência turística", pode se apresentar de diversas formas. Uma delas é a ideia de "liberdade", pois em seu país ou grupo social, o sujeito poderia sofrer sanções ou retaliações. No entanto, nessa situação, impera a ideia do "vamos aproveitar porque amanhã iremos embora."

Ainda é difícil encontrar conceitos sobre esse segmento de turismo, como dizem alguns estudiosos, a exemplo de Trigo que é citado por Panosso Neto (2010) (*apud* PEZZI, 2012):

> é preciso compreender o termo experiência turística como um diferencial a ser oferecido, e não permitir que o modismo superficial neutralize os avanços conquistados. A viagem no segmento de turismo de experiência precisa superar a banalidade, os aspectos convencionais, e deixar de ser uma atividade totalmente econômica. (PANOSSO NETO, 2010 *apud* PEZZI, 2012).

A ênfase que se dá a essa atividade se relaciona diretamente com a cultura, a cultura contemporânea, e ao sujeito atual que não se satisfaz apenas com os produtos e serviços que são oferecidos pelo turismo tradicional. Quem procura o turismo de experiência busca um maior aprofundamento na cultura do local visitado, pois segundo Michel (2000, p. 71 *apud* AVENA, 2008, p. 239), numa viagem

> [...] o sujeito passa da sua cultura de origem para uma cultura turística, processo pelo qual tem acesso parcialmente à cultura do

> outro, à cultura original da sociedade que foi colocada na cena turística. Nesse contexto, este antropólogo considera que se assiste a um choque entre três culturas diferentes: a do viajante, aquela da localidade/destino visitado e aquela de "turistificação" das duas culturas.

Esse sujeito, enquanto pratica o turismo, além de repousar na sua viagem, busca viver momentos únicos relacionados à cultura do local visitado, que lhe enriqueçam como pessoa e que durem como aprendizado pela vida toda.

2.4 CULTURA

O homem é o único ser possuidor de cultura. Por ser considerado tão complexo, o homem sempre despertou o interesse de diversos cientistas a pesquisar todas as suas características. Ao longo dos anos uma série de estudos começaram a ser feitos a partir do homem e, posteriormente, sobre os grupos sociais ao qual ele fazia parte e os seus costumes.

A partir desses estudos, Edward Tylor em 1871 apresenta a primeira definição de cultura salientando que cultura é: "todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade" (*apud* LARAIA, 2001, p. 25).

Após o surgimento dessa definição, diversas áreas do conhecimento, como a antropologia, a sociologia, a filosofia, entre outras começaram a estudar a cultura e suas características. Em 1941, Bronislaw Malinowski (1997), em seu ensaio intitulado "Uma teoria científica da cultura", afirma que "a cultura consiste no conjunto integral dos instrumentos e bens de consumo, nos códigos constitucionais dos vários grupos da sociedade, nas ideias e artes, nas crenças e costumes humanos." (MALINOWSKI, 1997 *apud* DIAS, 2010, p. 67).

A cultura é algo que é aprendido pelo indivíduo no decorrer de sua vida e o ajuda a viver em sociedade. Ajuda, principalmente, nas questões de leis e costumes que são aspectos culturais no qual a sociedade insiste em preservar. Assim como foi apresentado por Tylor, cada grupo estabelece determinados costumes e leis para um melhor convívio de todos os indivíduos do grupo.

Segundo Mello (2001), é por meio da cultura que um indivíduo, por exemplo, criado no Brasil seja um brasileiro, ou criado na África do Sul seja um sul-africano. É essa relação entre a vivência do indivíduo e as características enraizadas das diversas formas (documentos, fotos, vídeos, obras de arte etc.) no meio onde ele se encontra, que determina a relação deste indivíduo com a cultura. As características transmitidas por meio da cultura são assimiladas e absorvidas pelo indivíduo por intermédio dos símbolos. Mediante os símbolos, são difundidos todo o conjunto de ensinamentos que um ser humano costuma aprender. Desta forma, considera-se que:

> A cultura é um conjunto de significados sistematizados, transmitido necessariamente através de símbolos e sinais. Ao nosso ver, portanto, a característica básica da cultura é seu caráter simbólico. É essa propriedade da cultura que permite que ela seja transmitida e seja social. (MELLO, 2008, p. 48).

Compreende-se que, por meio desses símbolos e sinais utilizados, a cultura é passada de uma geração a outra de uma forma tão natural que na maioria das vezes não é nem perceptível, desde pequeno o indivíduo é apresentado a costumes, hábitos e regras já estabelecidas pela sociedade onde ele vive e, com o passar do tempo, acaba fazendo parte do meio. Isto posto, pode-se destacar que:

> A herança cultural é assaz forte para conformação dos hábitos e costumes, para o modo de pensar e de comportar-se do homem; tão forte como a hereditariedade o é para a conformação física do homem. Nesse aspecto, é correto dizer-se que a cultura é um processo inconsciente. [...] (MELLO, 2008, p. 58).

Para o autor, a cultura é passada inconscientemente, talvez, pelo fato da necessidade que as pessoas tenham de querer conservar o que lhes foi passado para que a tradição permaneça igual. A cultura faz parte da história de uma sociedade, ou melhor, a cultura faz parte da construção dessa história. Ela é passada de uma geração a outra a fim de manter a identidade de um grupo social, porém, isso não quer dizer que ela não se modifique.

Ao pesquisar sobre uma manifestação cultural de relevante importância como a capoeira é necessário, além de trazer o conceito de cultura, trazer o conceito de tradição. Primeiramente, por ser uma característica bem significativa para o presente trabalho e depois por ser está totalmente associado a definição de cultura. Silva e Silva (2009) apresentam a seguinte definição para tradição

> Em sua definição mais simples, tradição é um produto do passado que continua a ser aceito e atuante no presente. É um conjunto de práticas e valores enraizado nos costumes de uma sociedade. Esse conceito tem profundas ligações com outro como cultura e folclore. (SILVA E SILVA, 2009, p. 405)

A partir da definição acima pode-se notar a relação existente entre a capoeira e a tradição, pois a capoeira que é praticada nos dias de hoje é totalmente vinda do passado, e foi sendo enraizada com o tempo. Os princípios da capoeira são um produto do passado que continua sendo aceito e atuante no presente.

A partir do momento que se inicia determinado desenvolvimento no grupo, a cultura vai sofrendo adaptações. Nesse caso, Mello (2008) expõe o paradoxo existente na cultura, pois ela pode ser simultaneamente tanto estável, quanto dinâmica. Estável tentando garantir a manutenção de suas tradições e comportamentos; e dinâmica quando aceita certas modificações.

O que se quer dizer aqui é que a tradição e a base da cultura permanecem a mesmas, mas sempre há uma adaptação ao desenvolvimento daquele grupo. Por exemplo, o samba é um estilo musical pertencente à cultura brasileira e, com o passar do tempo, sofreu modificações na forma de ser cantado, no incremento de novos instrumentos, no surgimento de segmentações (samba de roda, samba partido alto, samba carnavalesco, pagode, entre outros). Mesmo assim o samba de raiz (como é conhecido o samba tradicional) é respeitado e lembrado como base da cultura do samba. Então, por mais que ocorram adaptações, o importante é a tradição e a base sejam conservadas, para que a cultura de determinado grupo permaneça viva e valorizada. Porém, é importante ressaltar que mesmo com a presença desse paradoxo a cultura:

> [...] é uma espécie de inércia do pensamento. Difícil é mudar a cultura, mas uma vez aceita a modificação dificilmente ela abre mão do novo padrão. Naturalmente tais movimentos dependem do volume, do peso e da força dos novos padrões. O que é sabido é que a cultura tende a ser conservadora. (MELLO, 2008, p. 60).

Culturalmente cada grupo social tem sua singularidade. Uma forma de falar, uma forma de agir, costumes, leis e características autênticas.

> Cada cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas dessa maneira. Este estilo, este “espírito” próprio a cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. (CUCHE, 1999, p. 45).

O indivíduo é um aspecto ativamente presente no desenvolvimento de uma cultura. A partir da sua organização em grupos sociais foram desenvolvidas as manifestações culturais ao redor do mundo. O povo influencia muito as questões culturais, por isso a necessidade de especificar também aqui o conceito de cultura popular.

2.4.1 Cultura Popular

Segundo Dias (2010) a expressão “cultura popular” surge na Idade Média, na Europa, em oposição a cultura oficial, dominante ou das elites. A cultura popular passa a expressar uma visão de mundo diferente daquela oficial, representada pela nobreza e pelo clero.” (DIAS, 2010, p.71) Cria-se então um ambiente nos locais públicos onde o povo começa a ter um lugar para se expressar. Expressar-se a favor da valorização do trabalho, das normas e tabus religiosos e políticos, criando uma oposição ao sistema.

Marilena Chauí (*apud* DIAS, 2010, p. 72) define cultura popular como “um conjunto disperso de práticas, representações e formas de consciência que possuem lógica própria, distinguindo-se da cultura dominante exatamente por essa lógica de práticas, representações e formas de consciência.”

Para a autora, o termo cultura popular é muito ambíguo, pois inclui tanto a cultura gerada ou manipulada pelo povo, quanto a cultura imposta de cima para baixo (cultura de massa). A cultura do povo refere-se à cultura que não pertence simplesmente ao povo, mas que é produzida por ele. A partir disso pode-se observar que na sociedade a cultura popular é expressa de diversas formas: através da arte, do folclore, da religião etc. O que se torna interessante é que na cultura popular além do povo produzir sua própria cultura, são eles mesmos que a consomem, gerando assim auto-suficiência de rentabilidade. Segundo Xidieh (BOSI, 2000) uma

outra característica da cultura popular é a sua reelaboração constante. Os temas se refazem, se modificam, nem tudo é herdado.

Bosi (2000) traz a ideia de que na “cultura popular, o novo e o arcaico se entrelaçam: os elementos mais abstratos do folclore podem persistir através dos tempos e muito além da situação em que se formaram.” (BOSI, 2000, p. 65)

Mesmo com as transformações do mundo atual, a base da tradição de uma cultura permanece a mesma. Isso se deve ao fato da capacidade das manifestações folclóricas se adaptarem ao novo, sem se desfigurar, mantendo sua autenticidade. Como exemplo, pode-se citar o reaparecimento dos grupos de Maracatu na Bahia. São grupos que continuam mantendo os elementos principais da tradição mas que acabam se envolvendo cada vez mais com festejos populares, tendo uma relação maior com a atividade turística. A partir disso, Mello afirma que:

> A cultura popular, por seu turno, antes da explosão urbanística da humanidade era de identificar-se. Correspondia a toda cultura espontânea cultivada pelo povo, isto é, ligada à tradição oral, livre, profana, extravagante e coletiva. Atualmente, nos países industrializados e nos em via de desenvolvimento, a cultura popular compreende não apenas a tradição oral e a literatura oral, mas também a denominada cultura de massa, decorrente da propagação de mensagens veiculadas pelos meios de comunicação modernos. (MELLO, 2008, p. 477).

Como afirmado por Dias (2010), atualmente, por conta da expansão dos meios de comunicação de massa, muitos fenômenos da cultura popular acabam se transformando em cultura de massa quando usados indevidamente pela indústria cultural. O patrimônio cultural e as manifestações folclóricas estão presentes em toda parte, principalmente no Brasil, mas eles não estão ali simplesmente para serem consumidos pelo turista, mas também para servir-lhes de elemento de reflexão.

O folclore pode ser considerado como a expressão cultural mais legítima de um povo, sua alma expressa de forma figurada em mil histórias e rituais que além de encantarem o turista, permitem que se trave contato direto com as muitas manifestações de identidade (FUNARI; PINSKY, 2002, p. 9).

Cruz, Menezes e Pinto (2008) ressaltam que “as festas e comemorações populares sempre fizeram parte da vida do homem. É por meio dessas manifestações que ‘a sociedade homenageia, honra ou rememora personagens,

símbolos ou acontecimentos com os quais ela se identifica'" (BELTRÃO *apud* TRIGUEIRO, 2007 apud CRUZ; MENEZES E PINTO, 2008 p.14).

Por meio dessas manifestações é possível identificar características de uma determinada cultura, pois elas fazem com que as novas gerações tenham contato com a história do seu povo e que a tradição se mantenha. As manifestações culturais fazem parte do patrimônio imaterial de uma cultura. De acordo com a Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, aprovada pela UNESCO, em 17 de outubro de 2003:

> Entende-se por "patrimônio cultural imaterial" as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural. Este patrimônio cultural imaterial, que se transmite de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade e contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. (IPHAN, 2003, p. 3).

Muito se fala sobre as potencialidades e possibilidades do turismo em promover o intercâmbio cultural entre visitantes e visitados, o choque de culturas, a valorização do outro por meio da alteridade, a aculturação, o conflito e a compreensão mútua, a paz mundial. O fato é que muitos estudos enfocam o fenômeno apenas por uma perspectiva, aquela que busca encontrar os efeitos positivos da atividade, ressaltando-se aí os benefícios econômicos; ou a visão contrária, que apresenta o turismo como o grande causador da homogeneização das culturas e outras mazelas sociais. Vê-se que, nos dois casos, há certo radicalismo, e tais análises carecem de maior objetividade. (RICCO, s.d., p.11).

Sabe-se também que, como existem diferentes tipos de turistas, haverá sempre diferentes tipos de relações com as comunidades que são visitadas. Foram feitos ao longo dos anos diversas pesquisas para identificar os diferentes perfis de turistas, podendo estabelecer assim uma possível compreensão de seu comportamento. Na tipologia postulada por Smith (*apud* BURNS, 2002), existem os turistas de massa e os turistas exploradores. Os primeiros compõem um fluxo constante de visitantes classificados como de classe média, que exigem um padrão de conforto e estrutura de serviços ocidentais. Já os exploradores preferem ser

chamados de viajantes, pois não se veem como turistas e participam ativamente do cotidiano da população local, acomodando-se plenamente aos estilos de vida e normas de seus anfitriões.

Outra classificação é a de Cohen (*apud* RICCO, s.d.), que separa os turistas em buscadores de prazer e peregrinos modernos. Os buscadores de prazer procuram fugir de seu cotidiano em lugares que ofereçam muitos equipamentos recreativos e onde haja possibilidade de relaxamento físico. Os peregrinos modernos, ao contrário, procuram por autenticidade, modos de vida alternativos e contato com as culturas visitadas.

É possível perceber, a partir dessas classificações, os principais perfis de turistas. A diferenciação do turista convencional, que quer apenas se desligar da rotina do dia a dia e procura atividades de relaxamento e diversão; e os turistas culturais que, além de buscar outros interesses, desligando-se da rotina, buscam o máximo de contato com a cultura do local visitado. Isso inclui um maior contato com a gastronomia, com os museus, a história, a arquitetura e, principalmente, com o modo de vida dessa localidade, tornando-se assim um turista diferenciado.

O principal objeto de pesquisa desse trabalho é uma manifestação cultural típica do Brasil, especificamente do estado da Bahia e que traz muitas dessas características citadas ao longo deste capítulo.

Tradição originada nos tempos da escravidão, a capoeira representa a conjugação de diferentes manifestações culturais como a dança, a música, a dramatização, o jogo, a espiritualidade e a brincadeira. Discriminada e proibida durante anos, após um longo processo de (re)descoberta de identidade e valorização, passou a ser considerada um dos principais ícones de representação da cultura baiana, expandindo-se por todo o mundo.

No ano de 2014 a Capoeira foi reconhecida pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) como Patrimônio Imaterial da Humanidade com o intuito de tentar preservar a prática não só no país, mas também no mundo. Hoje em dia o Brasil, principalmente a Bahia, recebem centenas de turistas por ano à procura de descobrir e aprender a Capoeira. Dentre esses turistas que procuram a Capoeira, a maioria deles podem ser classificados como exploradores, segundo a tipologia de Smith; e/ou peregrinos modernos, segundo a

classificação de Cohen. Geralmente a relação entre o turista e capoeiristas locais acontece de uma forma sadia, porém, sempre irá existir o outro lado.

Como aponta Barretto (*apud* RICCO, s.d.), tudo varia de acordo com o comportamento dos turistas, que, por sua vez, está condicionado a outros fatores, como nível educacional e motivação para viajar e, também, da atitude dos diversos setores da população local que, igualmente, está subordinada aos efeitos que o turismo provoca na sua vida cotidiana ao longo do tempo.

O presente estudo se encarrega, a seguir, em traçar um breve histórico sobre a manifestação cultural da Capoeira, as suas principais características, o processo de expansão pelo mundo e os reais impactos no que se diz respeito à sua relação com a atividade turística na cidade de Salvador, mais precisamente no Centro Histórico.

3 A CAPOEIRA E O CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR

A partir do referencial teórico abordado no capítulo anterior, e o entendimento de assuntos interligados com a tradição da capoeira, associados à uma preocupação atual, necessita-se entender inicialmente o que é a capoeira, os aspectos principais que a caracterizam como uma tradição secular, tornando-a uma manifestação popular afro-brasileira, praticada hoje em dia por diferentes pessoas, inseridas em diferentes classes sociais e em diferentes partes do mundo.

3.1 Breve histórico da Capoeira no Brasil

Assim como a maioria das manifestações de cultura popular presente no cotidiano e no imaginário da população brasileira, a capoeira faz parte de um conjunto de tradições que nascem de um núcleo cultural de matriz africana. Diversas dúvidas rodeiam a questão sobre a real origem da Capoeira. Segundo Muniz Sodré (*apud* ABIB, 2009, p. 25) o importante não é o começo, mas sim o ‘‘princípio’’, ou seja, quais são as questões que geraram a capoeira e o que a mantêm em expansão até hoje. No caso da Capoeira, pode-se dizer que o começo é brasileiro, mas o ‘‘princípio’’ – tanto o fundamento, quanto o mito – é africano. Como ressalta o Mestre Zoião em seu livro “História e Filosofia da Capoeira”:

> A capoeira é uma mistura de dança, luta e jogo que surgiu nos meios negreiros no período escravista, principalmente escravos vindos de Angola, onde de acordo com suas crenças religiosas, participavam de um ritual através de danças litúrgicas ao som de instrumentos musicais de origem rude. A capoeira encontra a sua verdadeira origem nesse ritual, que usa ginga e agilidade do corpo. (COUTO, 1999, p. 15).

Na época das invasões holandesas no Brasil, os primeiros registros que trazem informações sobre a capoeira são encontrados em arquivos policiais da cidade do Rio de Janeiro, por volta do final do séc. XVIII. Porém isso não confirma que lá foi o seu local de origem.

Segundo ABIB (2009), desde tempos muito remotos, na Bahia, no Recife, no Maranhão, no Pará, em São Paulo, em Minas Gerais e diversos outros lugares, a capoeira aparece quando os escravos fugiam dos cativeiros e senzalas em que eram aprisionados, se juntavam formando quilombos e utilizavam a capoeira para recordar sua terra natal, tocando seus tambores, dançando, ressoando cânticos, louvando seus antepassados, e antes de mais nada, organizando-se para resistir às desumanas condições que eram submetidos pelos seus perseguidores. Segundo Couto (1999), como eles não usavam armas, lutavam no corpo a corpo, usando as habilidades da Capoeira. A Capoeira nasce daí, conforme ilustra a Figura 1.

Figura 1: Capoeira praticada por escravos.

Fonte: Symon (2016).

Além dessas informações, é necessário citar que, hoje em dia, após todas as pesquisas, a influência africana provavelmente não foi a única a contribuir para o surgimento da capoeira. Quando se procura pelo real significado da palavra capoeira, percebe-se a influência indígena que traz o termo *caá-puêra* em tupi-guarani, referindo-se à uma mata que deixou de existir, ou um local com mato ralo e fino, onde os escravos praticavam essa manifestação. “Alguns historiadores também afirmam que a palavra capoeira origina-se da palavra *caa-pua-neira*, nome de uma planta rasteira do sertão, fazendo uma alusão ao estilo de luta de um capoeirista”. (COUTO, 1999, p. 10)

Pelo fato de os índios e negros ficarem em locais comuns, principalmente nos quilombos, suas tradições passaram a se misturar, influenciando práticas uns dos outros. A partir de registros policiais do século XVIII, é sabido que a capoeira, desde os seus primórdios, era praticada por pessoas de diferentes nacionalidades e origens sociais, além dos escravos libertos, de mulatos livres, e pessoas do povo em geral. Segundo Abib (2009), a capoeira nos tempos de origem, principalmente no Rio de Janeiro, se caracterizava como uma expressão de violência e rebeldia contra a opressão para com os escravos e, por vezes, por se organizar como maltas, pelas

ruas da cidade, acabavam tocando terror à população. Além disso, o indivíduo capoeirista era aquele que possuía hábitos e vestimentas peculiares, além de ser considerado marginal e violento, ou seja, a discriminação era forte.

Segundo o site Wikipédia (2016), apesar dos capoeristas terem tido ainda um papel heróico na Revolta dos Mercenários e na Guerra do Paraguai, lutando com seu próprio corpo, sem necessidade do uso de armas, o Governo Republicano instaurado em 1889 continuou a política de repressão à capoeira no período Imperal, deportando os capoeiras considerados criminosos para o Arquipélago de Fernando de Noronha e, em 1890, editou o decreto abaixo referido, criminalizando a prática da capoeira.

> A violenta repressão policial que se sucedeu na capital do Império contra os capoeiristas, durou todo o século XIX e praticamente conseguiu aniquilar a capacidade de organização dos chamados ‘marginais’, principalmente após a publicação do artigo 402 do Código Penal, de 1890, que considerava a prática da capoeira como um crime. (ABIB, 2009, p. 27).

De acordo com Costa (s.d., p.14) o Código Penal: “previa de dois à seis meses de prisão celular, aos praticantes dos ‘exercícios de agilidade e destreza corporal, conhecidos pela denominação de capoeiragem’”.

> Mas por que motivo tão violento, ela teve de ser proibida? Segundo Mestre Nestor Capoeira os motivos são vários: a capoeira dava aos africanos um sentido de nacionalidade, dava ao capoeirista, individualmente auto confiança, formava pequenos grupos coesos, formava lutadores ágeis e perigosos e quando num jogo algum escravo se machucava, acabava sendo economicamente indesejável para o seu ‘’senhor’’. (CAPOEIRA, 1986, p. 14).

Na Bahia, os registros antigos a respeito da capoeira são bem escassos. A manifestação era de fato perseguida, mas a repressão policial no estado era menos violenta do que no Rio de Janeiro. Isso se dava, em parte, pelos aspectos ritualísticos que a capoeira adquiriu, participando muitas vezes das famosas “festas de largo” que, na Bahia, geralmente possuem uma íntima relação com a religiosidade.

Segundo Abib (2009) as festas de largo foram espaços importantes de consolidação e popularização da capoeira baiana, bem como de valorização e reconhecimento público de grandes nomes da capoeira. A roda de capoeira, expressão que se difundiu por todo o Brasil, e posteriormente por todo o mundo, foi

uma construção social ocorrida no final do século XIX, originada principalmente a partir dessas festas de largo. “A roda de capoeira é entendida como o elemento estruturante da capoeira, o ponto de encontro espacial e temporal do canto, da dança, dos golpes, das brincadeiras e dos símbolos e rituais de origem africana.” (TELLES, 2010 *apud* FERREIRA NETO; CUNHA FILHO, 2013, p. 6). Um local onde os capoeiristas se encontram para vadiar e que, comandados pelo Mestre ou capoeiristas mais antigos da tradição, jogam, brincam, lutam, ao som de músicas cantadas pelos Mestres que estimulam, ou retratam alguma situação do jogo que está sendo feito dentro da roda.

As músicas cantadas nas rodas de capoeira acompanhadas pelos instrumentos foram criadas pelos mestres antigos desde os primórdios da arte e seguem até hoje, como um dos elementos mais importantes da prática, servindo por vezes como uma oração, mensagem de início à roda, louvação aos grandes elementos da capoeira e por fim como mensagens ditas aos jogadores que se propõem à entrar a roda para fazer um jogo (Figura 2).

Figura 2: Início do jogo de capoeira.

Fonte: Carybé Capoeira (2016).

O significado social da capoeira se transforma conforme as mudanças do significado do negro na sociedade e, em 1930, Mestre Bimba, baiano, nascido em Salvador, criador da capoeira Regional e um dos principais capoeiristas da história, faz uma exibição para o então governador da Bahia, conseguindo permissão para

abrir uma academia e, a partir dessa época, ensina capoeira no seu “Centro de Cultura Física Regional Baiano”. Pela primeira vez, em 400 anos, a capoeira foi liberada pelo Estado Novo, sendo ensinada e praticada fora da marginalidade.

A capoeira daquela época, segundo Nestor Capoeira (1986), pouco tinha a ver com a que é praticada hoje ou tem sido praticada nos últimos 100 anos. Com o passar do tempo, o jogo de capoeira começa a evoluir e a se modificar, em parte pela própria ação do tempo, em parte pela necessidade de se disfarçar, iludindo a repressão, em parte por influência de danças acrobáticas, e diversas outras características.

Hoje em dia, existem três modalidades de capoeira praticadas no Brasil: a Capoeira Angola – a mais antiga, praticada pelos negros escravizados, posteriormente sistematizada pelo Mestre Pastinha (1889-1981); a Capoeira Regional, criada pelo Mestre Bimba (1900-1974), incrementando golpes, fazendo a capoeira se assemelhar mais à uma luta; e a Capoeira Contemporânea que deriva ou de uma, ou de outra, mas que não alcança a força dos estilos originários.

Porém, Mestre Canjiquinha diz que:

> Não existe capoeira regional, nem angola. Existe capoeira. [...] Eu sou capoeirista. Não sou nem angoleiro nem regional. [...] Agora, capoeira é de acordo com o toque. Se você está numa festa: se toca bolero você dança bolero; se tocar samba você dança samba; - a capoeira é conforme: tocando maneiro você dança amarrado, tocando apressado você apressa. (CANJIQUINHA *apud* BOLA SETE *apud* ESTEVES, 2003, p. 37).

A partir dos anos 1960, já sob um ponto de vista folclórico, a capoeira passou a ser incluída nas escolas públicas e nos espetáculos montados para turistas. Conforme Campos (1990) a partir daí teve seu valor reconhecido como:

> **Capoeira luta** – Representa a sua origem e sobrevivência através dos tempos na sua forma mais natural como instrumento de defesa pessoal genuinamente brasileiro. Deverá ser ministrada com o objetivo de Capoeira combates e de defesa;
> **Capoeira dança e arte** – A arte se faz presente através da música, ritmo, canto, instrumento, expressão corporal, criatividade de movimentos, assim como um riquíssimo tema para as artes plásticas, literárias e cênicas. Na dança, as aulas deverão ser dirigidas no sentido de aproveitar os movimentos da Capoeira, desenvolvendo, flexibilidade agilidade, destreza, equilíbrio e coordenação em busca da coreografia e satisfação pessoal;
> **Capoeira folclore –** É uma expressão popular que faz parte da cultura brasileira e que deve ser preservada, promovendo a

> participação dos alunos tanto na parte prática como teórica; **Capoeira esporte** – Como modalidade esportiva institucionalizada em 1972, pelo Conselho Nacional de Desportos, ela mesma deverá ter um enfoque especial para competição, estabelecendo-se treinamentos físicos, técnicos e táticos; **Capoeira educação** – Apresenta-se como um elemento importantíssimo para a formação integral do aluno, desenvolvendo o físico, carácter, personalidade, influenciando nas mudanças de comportamento, proporcionando ainda um auto conhecimento e uma análise crítica das potencialidades e limites. Na educação especial, a capoeira encontra campo frutífero junto aos deficientes e excepcionais; **Capoeira como lazer** – Como prática não formal através das "rodas" espontâneas, realizadas nas praças, praias, colégios, universidades, festas de largo etc. e **Capoeira filosofia de vida** – Muitos são os adeptos que se engajam de corpo e alma, criando uma filosofia própria de vida, tendo a capoeira como elemento símbolo, e até mesmo usando-a para a sua sobrevivência. (*apud* ESTEVES, 2003, p.37-38).

Além de todas essa riqueza, a capoeira também se torna um mecanismo de ampliação social e também de terapia corporal. Essa é uma arte completa que vai muito além das divisões entre o ataque e a defesa, o social e o marginal, a Angola e a Regional, e provavelmente seja por isso que vem se diversificando e atingindo diversos rumos. De acordo com Esteves,

> a capoeira historicamente se transformou, contudo, continua no seu mimetismo dialético devido a fortes pressões socioeconômico-político-culturais, que as vezes estão em desacordo com seus elementos fundamentais, em diferentes períodos da sua história, como no meio rural (senzalas), nas feiras livres, praças e cais do porto a (grande urbe) e, mais recentemente, em recintos fechados como academias, universidades e associações de bairro. (ESTEVES, 2003, p. 39).

Todavia, por meio do ensino dos mestres Pastinha e Bimba, importantes representantes da Capoeira Angola e Regional na Bahia, a capoeira consegue preservar uma base identitária que se baseia num código de ética muito bem definido que fundamenta-se em acontecimentos simbólicos, éticos e filosóficos muito presentes na vida desses mestres.

Em 2008, a capoeira é registrada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), como Patrimônio Cultural do Brasil. Esse registro segundo a Constituição Federal diz que o poder público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro, por meio de

inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação. (FERREIRA NETO; CUNHA FILHO, 2013).

Segundo Dias (2015), o importante para a maioria dos Mestres e capoeiristas antes de qualquer direito que a capoeira possa ter passado a possuir, é que finalmente uma atividade que era associada à marginalidade, tenha sido reconhecida em todo o mundo como uma cultura de herança africana e instrumento de conscientização étnica e educacional, transformando-se em um dos maiores símbolos de identidade nacional, que poderia finalmente receber um auxílio federal, valorizando a tradição, não esquecendo de protegê-la.

Mas onde encontram-se hoje os recursos voltados para a capoeira? E toda a modificação que vem ocorrendo da capoeira original? O seu registro como patrimônio imaterial não serve para protegê-la? Segundo Ferreira Neto e Cunha Filho (2013), poderia ser dito que a aprovação do registro da capoeira como patrimônio cultural imaterial carrega a esperança de um novo momento para a prática dessa cultura popular, em relação às políticas públicas. Esperança é a palavra certa, pois pelo entendido, o Estado não realizará a sua salvaguarda sem a devida participação da sociedade, em especial, dos capoeiristas. Todos precisam se empenhar na luta pela efetivação desses direitos.

3.2 A tradição da capoeira na Bahia

A capoeira é uma manifestação cultural que tem representatividade em todo o país, mas na Bahia o seu destaque é maior por alguns motivos. Esta seção expõe como aconteceu e começou a tradição da capoeira na Bahia. “Apesar de ser praticada em diferentes estados do país desde o século XIX (Rio de Janeiro, São Paulo, Pará, Recife, Bahia), nos anos de 1940 a Bahia é eleita o berço da capoeiragem jogada no Brasil”. (DIAS, 2015, p.105).

Dias (2015) ressalta que, no século XX, quando J.J. Seabra é eleito Governador, junto com as elites baianas procuraram “desafricanizar as ruas” transformando Salvador em uma cidade arquitetonicamente moldada no estilo europeu. “Essas manifestações, apesar de proibidas pelas posturas municipais e com a capoeira criminalizada nacionalmente em 1890, chamavam a atenção dos

estrangeiros e desagradavam profundamente certos brasileiros". (REIS, 1991 *apud* DIAS, 2015, p. 106).

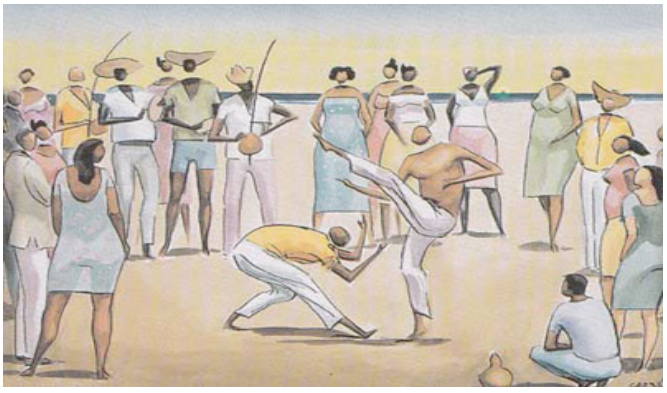
Como se pode observar na canção do Mestre Jogo de Dentro citada a seguir, desde muito cedo, a capoeira já encantava a maioria das pessoas que a assistiam, porém, era discriminada pelo governador e pela elite soteropolitana justamente por ser praticada por afro-descendentes.

Ladeira do Pelourinho
Ladeira do Pelourinho, ora meu Deus
Onde eu comecei a andar
No Forte Santo Antônio
Eu comecei praticar
A Capoeira de Angola
João Pequeno táva lá
Os turistas todos os dias
Iam nos prestigiar
O governador vendo isso
Tratou logo de acabar
Vendo Capoeira Angola
Era dança de matar
Olha, eu disse, governador
Não faça isso mais não
Capoeira de Angola é
Uma grande tradição
Quando eu pego na viola
ora meu Deus
Dói até meu coração
E o jogo de Capoeira
É um jogo de irmão
Quando eu entro na roda
Não tem agressão
Eu jogo a Capoeira
Do fundo do meu coração
Agradeço a meu Deus
E ao Mestre João
Por me ensinar a Capoeira
Com toda dedicação
Ie Viva meu deus…

(Ladainha Ladeira do Pelourinho, Mestre Jogo de Dentro)

Segundo Dias (2015), em meados dos anos 1930 a capoeira era praticada em várias situações, até mesmo como divertimento popular. Nessa época a capoeira era praticada nas ruas e seus praticantes, em sua maioria, eram negros e mestiços (Figura 3). Além disso, havia a associação da capoeira como sendo uma prática de "vadiagem", "vagabundagem" e ocasionando até a prisão dos praticantes.

Figura 3: Roda de capoeira de rua.



Fonte: TNT Escritório de Arte (2016).

O discurso naquele período acusava a capoeira como vetor negativo para a transformação do Brasil numa nação civilizada. “De acordo com as elites soteropolitanas, a capoeira era um dos costumes, assim como o candomblé e o samba, que precisam ser erradicadas das ruas para que a cidade pudesse se ‘desafricanizar’ e se modernizar”. (DIAS, 2015, p. 106).

Ainda nos estudos de Dias (2015) é citado um importante intelectual, Manoel Querino, que em 1916 escreveu o texto “A Bahia de Outrora”, descrevendo e valorizando a capoeira, sendo o primeiro intelectual a defender a capoeira. Mas, somente no governo de Vargas nos anos 1930, com a criação do Estado Novo, foi que começaram realmente a existir políticas públicas de valorização da cultura, fazendo com que a capoeira fosse descriminalizada e obtivesse o reconhecimento e valor que merece.

A partir daí a capoeira é nomeada como símbolo de identidade cultural brasileira, mas não qualquer capoeira, e sim a capoeira baiana, tanto do Mestre Pastinha (capoeira angola) quanto a de Mestre Bimba (capoeira regional). “Nesse momento é inventada a tradição da Capoeira baiana”. (REIS, 2000 *apud* DIAS, 2015, p. 107).

Com o momento de representatividade da capoeira baiana sendo reconhecida, os mestres Pastinha e Bimba trabalhavam para desfazer a imagem da capoeira como uma prática de malandragem e desordem. Nesse momento a capoeira passa a ganhar a fama de esporte. Até as primeiras décadas de século XX, segundo Mestre Pelé da Bomba (2016), a capoeira era praticada na sua maioria por pessoas negras e mestiças. O que ajudou na aceitação da capoeira foi que advogados, médicos, engenheiros e até mesmo governantes públicos tornaram-se adeptos.

Além dos mestres Mestres Pastinha e Bimba, entre os anos de 1940 e 1960, outros mestres passam a criar academias de capoeira na capital baiana. “Na verdade, desde os anos 1940, quando se faz referência à capoeira, esta é imediatamente associada à Bahia, que passa a ser considerada seu berço” (REGO, 1968 *apud* DIAS, 2015, p. 110).

A capoeira baiana torna-se, na década de 1950, referência para diversos artistas como, por exemplo, Pierre Verger (fotógrafo), Carybé (artista plástico), Jorge

Amado (romancista), Mario Cravo (escultor), Alexandre Robatto (cineasta), entre outros. Entre os anos de 1960 e 1970, obras sobre a capoeira baiana passam a fazer parte de movimentos artísticos de vanguarda, como Cinema Novo, Bossa Nova e Tropicália, por meio de filmes e músicas. Entre 1960 e 1980, há um aumento de notícias em jornais e revistas sobre a capoeira baiana. Dentre as notícias, destacam-se dois aspectos que influenciaram os rumos da capoeira, que são: o processo de esportização da capoeira e sua espetacularização.

Segundo Dias (2015) os debates sobre o registro oficial da capoeira como esporte nacional se intensificaram na década de 1960, mas uma das principais preocupações entre a maioria dos capoeiristas era em relação à descaracterização e transformação dos aspectos culturais da capoeira.

> Em 1969 foi criado o departamento de capoeira ligado à Federação Universitária Baiana de Esportes, dirigido por discípulos de Mestre Bimba e começaram as apresentações oficiais nos Jogos Universitários Brasileiros, difundindo a capoeira como esporte e luta nacional. Em 1972 o Conselho Nacional de Desportos submeteu a prática da capoeira às regras do pugilismo, esporte que usa a técnica do ataque e da defesa com os punhos, obedecendo a determinadas regras e restrições; simplificando e modificando toda a real pluralidade cultural da capoeira.(DIAS, 2015, p. 112).

A partir de então, dois grupos acabaram se formando, o grupo das academias que se adaptaram às exigências da prática esportiva e o grupo das academias tradicionais, tanto Regional quanto Angola que não se adaptaram e acabaram ficando à margem do processo sem participar dos grandes eventos e perdendo mais alunos a cada dia que passava. Outra predisposição que a capoeira passou a tomar juntamente com a esportivização foi a sua espetacularização devido ao crescimento da atividade turística em Salvador.

De acordo com Pinto (2001 *apud* DIAS, 2015), além dos monumentos, belezas naturais e arquitetura barroca, o candomblé, a capoeira e o samba passaram a fazer parte do repertório de atrações para a clientela turística.

A Bahia que foi escolhida desde 1930 enquanto o “lugar de tradição”, de “nascimento do Brasil”, terra associada à ideia da mistura harmônica entre brancos, negros e índios, a partir dos anos 1960, passou a investir cada vez mais na cultura do entretenimento e desenvolvimento da cultura. Segundo Dias (2015), no Brasil, Salvador foi a primeira cidade a desenvolver, em 1960, uma política oficial de

Turismo. O governo de Antônio Carlos Magalhães, juntamente com os agentes de turismo, se empenhavam em divulgar uma imagem da Bahia como um lugar exótico, terra da felicidade, tudo graças às suas belezas naturais e riquezas culturais.

Para Pinto (2001 *apud* DIAS, 2015, p. 113), baianidade é um discurso construído para produzir uma cultura do exótico facilmente vendável. Esta política, segundo Dias (2015), busca maquiar a pobreza, as desigualdades sociais e a discriminação racial que existem na Bahia, desde o final do século XIX, dando início ao processo de espetacularização da cultura baiana.

Iniciou-se, então, a criação de grupos folclóricos liderados por capoeiristas, pesquisadores, com membros vindos tanto de academias de capoeira, quanto de grupos de samba de roda, casas de candomblé etc. De acordo com o Jornal Tribuna da Bahia, de 1969, os espetáculos eram apresentados para turistas brasileiros e estrangeiros em diversos dias da semana, e eram compostos de uma roda de capoeira, maculelê e samba de roda. (*apud* DIAS, 2015, p. 114).

Segundo Mestre Lua (2016), mestres importantes como Canjiquinha e Caiçara, da geração sucessora à dos Mestres Bimba e Pastinha, tornaram-se importantes no universo da capoeira baiana, pois mostravam-se com grande capacidade de se ajustar às novas exigências de mercado. Muito provavelmente toda essa preocupação em criar grupos e atender às demandas de mercado turístico têm uma grande ligação, além da valorização, com um valor rentável que isso gerava. Ou seja, sobreviver e poder conhecer o mundo por meio da Capoeira, se tornou uma realidade, o que não era possível só ensinando capoeira nas academias.

Porém, no decorrer do processo, assim como com todos os novos segmentos de mercado, começaram a surgir concorrências. Concorrências essas mais preparadas econômica e organizacionalmente, contribuindo para que os grupos folclóricos e as academias decaíssem, fazendo com os mestres entrassem numa situação de pobreza deplorável.

A partir desse acontecimento é que se começa a denunciar os danos da espetacularização à cultura negra, e projetos de valorização e proteção da originalidade da capoeira começam a tomar a cena. Segundo Dias (2015) esse é o momento de reafricanização da capoeira e sua transformação em instrumento de conscientização étnica e racial.

> A partir de 1990, a prática da Capoeira se transforma num fenômeno mundial, processo iniciado nos anos 1960 quando os capoeiristas, que participavam dos grupos folclóricos, viajavam a princípio para fazer shows em diferentes países e posteriormente, começaram a fundar seus próprios grupos fora do Brasil. (DIAS, 2015, p. 115).

A expansão ocorrida foi positiva no que diz respeito a quem a capoeira conseguiu atingir, sendo capaz de unir diferentes povos e sustentar um diálogo internacional e intercultural mas, por outro lado, continuou não reconhecendo os grandes mestres dentro do Brasil que lutam contra as dificuldades de sobreviver e de se estabelecer com a capoeira.

Atualmente alguns grupos de capoeira de Salvador continuam se mantendo por meio de shows folclóricos em praças e restaurantes localizados principalmente no Pelourinho mas, a maioria dos grupos de academia e de roda tradicional de rua, tentam preservar ao máximo as características da capoeira para que ela persista viva e que não se transforme em mais uma manifestação extinta no meio de tanta riqueza cultural.

Para dar continuidade ao estudo, será feito uma breve contextualização acerca do Centro Histórico de Salvador que acompanhou, ao passar dos anos, a transformação da cidade, sendo considerado desde 1985 Patrimônio Mundial, sede de grandes riquezas históricas, arquitetônicas, local de atuação de diversos grupos culturais e de moradia de personagens importantes da cultura baiana que, assim como a cidade, sempre passam por altos e baixos na sua vida ligada à arte.

3.3 O Centro Histórico de Salvador

A capoeira, como foi observado anteriormente, é praticada em todo o Brasil, mas a Bahia possui o título de berço da capoeira. Na capital baiana, Salvador, por toda a cidade é possível encontrar grupos e associações de capoeira. Muitos deles estão localizados no Centro Histórico.

Antes de iniciar a caracterização do Centro Histórico de Salvador é importante trazer um pouco sobre o desenvolvimento socioespacial acontecido na capital baiana. Bonfim (2010) apresenta a evolução da cidade em cinco períodos históricos: primeiro período de 1549 a 1650; segundo período entre 1650 a 1763; terceiro

período de 1763 a 1850; quarto período de 1850 a 1950; e o quinto período de 1950 até 2009.

No primeiro período (1549 a 1650) o que se ressalva é a fundação da cidade em 1549 e sua consolidação em como capital da Colônia portuguesa, outro destaque é a função portuária muito marcante. Salvador “foi erguida no alto de uma escarpa, caindo em forte declive até a Bahia de Todos os Santos. A escolha do local obedeceu a uma lógica portuária e defensiva”. (ARAÚJO, 2007, p. 33).

O segundo período (1650 a 1763) foi considerado como “idade do ouro” de Salvador, por conta da representatividade econômica apresentada no período. Foi a época que foram construídos a maioria dos edifícios arquitetônicos da cidade.

Porém, “no final do século XVII a atividade exportadora começou a enfraquecer, devido à concorrência do açúcar das Antilhas”. (BONFIM, 2010, p. 45). E com a descoberta do ouro em Minas Gerais e o porto do Rio de Janeiro tornando-se importante, em 1763 a capital da Colônia portuguesa é transferida para o Rio de Janeiro. Essa mudança provocou impactos em Salvador, mas a cidade já tinha um papel de destaque no mercado. No terceiro período (1763 a 1850) os destaques são a vinda da família real ao Brasil após a invasão napoleônica a Lisboa; a abertura dos portos às “nações amigas” e o fim das restrições mercantilista gerando um maior fluxo de riquezas para a economia baiana; em 1822 o Brasil se torna independente, a Bahia luta contra os portugueses e sua independência só acontece em 2 de julho de 1823. No quarto período (1850 a 1950) a economia baiana passa por dificuldade com a queda da produção do açúcar, café, algodão mas, em contrapartida, se inicia o ciclo do cacau, principal produto de exportação da Bahia. O século XX traz a industrialização, mas o setor industrial local não era capaz de competir com Rio de Janeiro e São Paulo. Nesse último período, o quinto (a partir de 1950), o destaque é a retomada do desenvolvimento econômico com o movimento da indústria brasileira para o nordeste e a Bahia é bem representativa nesse desenvolvimento.

Após esse breve histórico do desenvolvimento de Salvador e antes de descrever essa grande relação entre a capoeira e o Centro Histórico de Salvador é preciso compreender o que esse local representa. Bonfim (2010), salienta, num primeiro momento, que o Centro Histórico de Salvador é:

> O maior conjunto colonial urbano tombado do Brasil. Além dos imóveis de notável importância arquitetônica, guarda um excepcional acervo de arte sacra cristã, mobiliário colonial, azulejaria portuguesa, peças de ouro e prata e pedras preciosas, além do arquivo do primeiro bispado do Brasil e importante acervo da biblioteca de são bento. [...] é uma paisagem física e humana que, por sua riqueza e diversidade, constitui-se das mais peculiares que conhecemos. (BOMFIM, 2010, p. 30).

O aspecto geográfico tem um destaque quando fala-se em Centro Histórico de Salvador, pois

> Possui uma área de 76 hectares e está localizado no sudeste do município. O seu extremo oeste termina na escarpa, o paredão natural da chamada “falha de Salvador”, de altura média de 64 metros; ao leste vai até o vale que forma a Avenida Baixa dos Sapateiros e a ladeira do Aquidabã. Limita-se no sentido norte-sul seguindo a encosta, começando desde de Sodré até o Largo de Santo Antônio Além do Carmo. Essa área foi declarada Patrimônio Histórico Nacional em 1984 e inscrito na lista do Patrimônio Mundial da UNESCO em 1985. (BOMFIM, 2010, p. 181).

Encontrando-se próximo a esse paredão natural que liga a Cidade Alta e a Cidade Baixa, os bairros que compõem o Centro Histórico são o Pelourinho, o Santo Antônio Além do Carmo, a Sé e o Pilar mas, em muitas situações, tanto visitantes quanto habitantes locais, referem-se ao Centro Histórico como Pelourinho: “[...] situado na zona que concentra o conjunto arquitetônico colonial de maior significado patrimonial. Este nome – Pelourinho – confunde-se hoje com o próprio Centro Histórico, sendo a sua marca e imagem”. (BOMFIM, 2010, p. 182).

Por conter esse conjunto arquitetônico tão expressivo e ter uma imagem tão representativa, a força do hábito leva a utilizar o termo “Pelourinho” mesmo quando se trata do Centro Histórico.

Antigamente, na época de construção, a área do Centro Histórico de Salvador, era o local de moradia dos nobres da época. Com o passar do tempo e com a expansão da cidade, os nobres foram migrando para a região do Campo Grande, Vitória e Graça e o Pelourinho passou a ser habitado pelas classes mais desfavorecidas. O que ocasionou a desvalorização do local, porque

> [...] o bairro do Maciel é (era) formado pelas ruas João de Deus, Gregório de Matos, Francisco Muniz Barreto, Frei Vicente, Santa Isabel, J. Castro Rabelo e Leovigildo Carvalho. Este nome (Maciel) desapareceu na última reforma do Centro Histórico, quando toda a área passou a ser denominada Pelourinho. O estabelecimento ali do grande meretrício – atividade que depois se espraia para todo o

> Pelourinho – vai marcar de maneira profundamente negativa a imagem do Centro Histórico como um todo: lugar de prostituição, banditismo, e tráfico de drogas, portanto inseguro e que deveria ser evitado. (BOMFIM, 2010, p. 185).

Nos anos 1930, quando o Pelourinho ainda era denominado bairro do Marciel, como relatado por Bomfim (2010), essa região concentrava diversas atividades de prostituição o que passou a provocar o afastamento das pessoas que não tinham interesse nessas atividades e causando o abandono dessa área. Com todos esses acontecimentos, os casarões, as ruas e a infraestrutura dessa localidade foram se degradando. Durante os anos seguintes, o Pelourinho passou a ser associado à degradação moral e física. Milton Santos (1997 *apud* BOMFIM, 2010), ao analisar o fenômeno de prostituição na área Central de Salvador, apresenta a seguinte questão

> Para Milton Santos, a solução para o problema de degradação urbana do centro antigo está na sua recuperação, e acredita que só a substituição das atividades presentes, que degradam o quadro físico e social, por outras capazes de o conservar ou melhorar, pode conduzir ao resultado desejado. (BOMFIM, 2010, p. 187-188).

A imagem negativa causada pelas atividades marginalizadas ocorridas no Centro Histórico só começou a mudar quando

> Em Salvador, o Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) foi o primeiro órgão a adotar medidas de proteção, e "realizar obras em monumentos religiosos de excepcional valor cultural", em 1959. Ao promover o tombamento de significativas edificações protegia-se também a sua área de entorno e vizinhança, e a concentração desses edifícios no Centro Histórico serviu para preservá-lo. (BOMFIM, 2010, p. 201).

Mesmo o IPHAN sendo o pioneiro em traçar medidas para a proteção do Patrimônio Histórico da cidade, foi por meio do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia (IPAC) que as ações governamentais de preservação e revitalização ocorreram. "Saíram das pranchetas desta instituição os principais estudos, levantamentos sociodemográficos, projetos e programas com a finalidade de reabilitação do patrimônio histórico do Centro de Salvador". (BOMFIM, 2010, p. 201).

Em abril de 1967, Michel Parent – inspetor do Ministério da Cultura da França – veio ao Brasil como consultor da UNESCO a pedido da Diretoria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (DPHAN) e elaborou um projeto de turismo cultural

para o Brasil, com diretrizes de intervenção para preservação patrimonial. (BOMFIM, 2010, p. 203).

Segundo Bomfim (2010) entre 1977 e 1979 o IPAC cria o Plano Diretor do Pelourinho (Plandip), com o propósito de recuperar a infraestrutura, os edifícios e até a população do Centro Histórico. Porém, “o Plandip não chegou a ser concluído: o projeto foi interrompido em 1979 e em seguida desativado”. (BOMFIM, 2010, p. 210).

Somente quando o Patrimônio Histórico foi reconhecido como importante para a construção da identidade cultural é que começou a ser visto como uma potencialidade para o turismo e as soluções começaram a surgir:

> Diante dessa concepção que nas três últimas décadas do século XX “sucederam-se aproximadamente 20 planos e projetos” para recuperação do Centro Histórico de Salvador, desenvolvidos tanto por instituições estaduais quanto municipais, “alguns com uma preocupação explicitamente turística, outros nem tanto, mas sem perder de vista esta possibilidade que, de resto, já vinha se desenvolvendo, apesar da degradação cada vez mais acentuada da área”. (BOMFIM, 2010, p. 245).

Após a criação desses planos para recuperar o Centro Histórico de Salvador, Bomfim (2010) mostra que entre os anos de 1980 e 1990 é criado o produto “Bahia”, que se destaca pelos aspectos culturais. Nesse período, o Centro Histórico é recuperado visando atender às atividade de turismo, lazer e entretenimento da indústria cultural.

> Com a posse dessas amplas competências o governo da Bahia vai intervir no Centro Histórico de Salvador, a partir de 1991, com a finalidade de sua recuperação físico-territorial. Elabora-se um **Termo de Referência** e este documento será norteador de toda a operacionalização do programa de recuperação que se inicia. Novecentos imóveis foram escolhidos para intervenção, dividida em 10 etapas, entre 1992 e 1994 foram desenvolvidas as quatro primeiras etapas do Programa de Recuperação. (BOMFIM, 2010, p. 252).

“O sucesso imediato da intervenção mudou radicalmente a imagem do Centro Histórico, que se tornou, a partir de então, o principal símbolo da cidade, a imagem da Cidade do Salvador”. (BOMFIM, 2010, p. 258). O Centro Histórico passou a ser frequentado, tanto pela população quanto por turistas. Diversos shows, manifestações folclóricas e muitas atividades movimentavam essa região. Simplificando, era o local da cidade onde todos gostariam de estar.

A revitalização do Centro Histórico de Salvador teve um destaque tão grande, tanto dentro quanto fora do país, que foi

> considerado por técnicos da Unesco como uma referência mundial para a recuperação de sítios históricos, tornou-se “moda” frequentar o Pelourinho, “consumir” o Centro Histórico. A reintegração sociourbana do Centro Histórico de Salvador ocorre através do que se caracteriza como **indústria cultural** – a mercadorização das condições de produção, circulação e apropriação e consumo dos bens e serviços culturais. (BOMFIM, 2010, p. 259).

O Centro Histórico de Salvador tem uma grande importância histórica e um grande valor cultural. Após todo esse processo de revitalização, houve um período de relevante consumo da área pela indústria cultural, onde o Centro Histórico passou a sediar uma série de eventos culturais, estimulando à valorização do local no que diz respeito à segurança, estrutura e atividades de lazer e, por consequência, atraindo uma grande quantidade de pessoas.

Com a mudança de Governo, o investimento na área passou a ser menor e os eventos passaram a acontecer em menor quantidade, impactando o comércio local, gerando uma situação de decadência. Diversos estabelecimentos estão quase fechando as portas e alguns já fecharam por causa da situação. A região está abandonada, problemas com a segurança, vários casarões antigos encontram-se abandonados ou em reformas intermináveis, alguns a ponto de desmoronar, entre outros fatores. A situação está tão crítica, comercialmente falando, que nem o turismo está suprindo financeiramente os estabelecimentos que ali se encontram.

Com base na realidade em que o Centro Histórico de Salvador se encontra, em 2015 o Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Bahia (CAU/BA), o Departamento da Bahia do Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB-BA) e o Sindicato de Arquitetos e Urbanistas do Estado da Bahia (SINARQ-BA) fizeram uma Denúncia sobre a condição de abandono do Centro Histórico de Salvador ao Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO. O que se solicita, a partir da denúncia, é um monitoramento do Centro Histórico e uma possível inclusão na Lista do Patrimônio Mundial em Perigo. O documento apresenta o estado de abandono do Patrimônio e cita fatores que agravam a condição do local

> [...] duas ruínas caíram em uma das encostas que conectam os dois níveis do Centro Histórico, resultando inclusive na morte de duas pessoas. Isto foi o pretexto para que a Prefeitura de Salvador ordenasse, com a autorização do IPHAN, a demolição de trinta e um

> imóveis, alguns sem risco de cair. O mais preocupante é que as mesmas autoridades anunciam que cem outros imóveis estão em situação de risco e poderão ser demolidos, como noticiam os jornais locais. (DENÚNCIA, 2015, p. 3).

A preocupação dos órgãos denunciantes é, primeiramente, a perda dos importantes monumentos que compõem o visual da localidade e que fazem parte da história da cidade e do país. Uma possível pressão da especulação imobiliária também acaba acontecendo, pois a maioria dos imóveis em risco se localizam em frente à Baía de Todos os Santos, podendo despertar interesse na compra desses terrenos.

Fundamentados pelo cenário apresentado, os órgãos solicitam

> Frente à gravidade da situação e à iminência de novas demolições, as instituições autoras desta denúncia solicitam ao Comitê do Patrimônio Mundial o envio, com urgência, de uma missão de monitoramento com o objetivo de avaliar a situação de arruinamento do Centro Histórico de Salvador e a sua possível declaração como Patrimônio Mundial em Perigo e, assim, provocar uma reação positiva por parte das autoridades para a preservação da primeira capital do país e importante centro de convergência das culturas ameríndia, africana e europeia, já declarada Patrimônio Mundial pela UNESCO. (DENÚNCIA, 2015, p. 4).

Diversas manifestações escolheram o Centro Histórico como local para resistir ao tempo e às mudanças do dia a dia. O que se espera por meio dessa denúncia é que o Centro Histórico de Salvador consiga sobreviver a todas essas circunstâncias e volte a ser referência na preservação de patrimônio.

A capoeira que é praticada no Centro Histórico há bastante tempo, está presente em vários grupos, associações e praças do local e tem uma relação muito forte com a discriminação, a descoberta, a valorização e a decadência pelo qual o Centro já passou e está passando. Assim como qualquer outra manifestação luta para não ser descaracterizada e tenta sobreviver a partir daqueles que ainda sabem valorizá-la.

Para dar continuidade ao trabalho, aborda-se no próximo tópico os principais grupos de capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador que são os objetos principais da pesquisa e que foram escolhidos pelos pesquisadores por estarem localizados em um grande receptor turístico da cidade.

3.3.1 Grupos de capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador

O Centro Histórico de Salvador, como pôde ser entendido, desde seus primórdios, trata-se um lugar repleto de moradores, grandes famílias na sua maioria de baixo poder aquisitivo, mas que antes de mais nada caracterizam a cultura do local. Segundo Mestre Lua, a relação que a Capoeira tem com o Centro Histórico é muito forte, principalmente porque era no Pelourinho que o negro escravo era castigado.

> [...] na realidade pra mim era no Pelourinho, onde o negro ia pro pau, tomar pancada. O Pelourinho significa uma tora de madeira no meio da praça onde os negros eram espancados, eram chicoteados, então de início, o capoeira também se deu mal muito aí nessa história, porque o capoeirista não era um negro escravo, mas era um negro marginalizado, é totalmente diferente, mas se você for analisar, o negro escravo e o negro liberto capoeiristas, eram os dois super discriminados naquele local. (MESTRE LUA, 2016, informação verbal).

Para o Mestre Bamba, nascido e criado no Pelourinho, assim como a maioria dos capoeiristas da época, falar da relação da Capoeira com o Pelourinho é falar da sua vida:

> menino, criança aqui vendo e vivendo tudo, né? Mas, tudo se depara nos apoios e nos acordos. O Centro Histórico cresceu, mas a capoeira não acompanhou. Por que isso aconteceu ? Por que os capoeiristas no momento que era para dar seu grito, sua luta, ele não deu. Cada um procurou ver o seu lado pessoal primeiro do que o coletivo, está entendendo? Do passado veio toda a reforma do Centro Histórico, mas cada um procurou se defender. Procurar seu cantinho de terra, sua casa, querendo sempre o benefício pra si próprio. Então... o Pelourinho cresceu, os capoeiristas na época que estava havendo todo esse processo não fizeram um roda coletiva, uma ajuda coletiva para buscar um patrimônio para a capoeira. Aí você vê a desigualdade no processo de capoeira que é tamanha no nosso estado, FARINHA POUCO MEU PIRÃO PRIMEIRO, essa é a relação do Pelourinho com a Capoeira. (MESTRE BAMBA, 2016, informação verbal).

Segundo Mestre Já Morreu, a presença da Capoeira no Centro Histórico, principalmente as rodas na rua, é de extrema importância tanto para a valorização da própria manifestação quanto de ocupação para o local em si.

> O Pelourinho é um lugar que a gente recebe várias pessoas do mundo inteiro, né? Vários mestres, do Brasil, do mundo. Tem muitas pessoas passando por aqui. E por outro lado, nós vivemos aqui excessivamente de Capoeira, eu não faço outra coisa a não ser

> Capoeira. Eu trabalho com a Capoeira, vivo da Capoeira. Minha verdade toda é essa aqui. (MESTRE JÁ MORREU, 2016, informação verbal).

Para o Mestre Nenel, filho de Mestre Bimba, não se pode falar em Centro Histórico de Salvador, sem lembrar da Capoeira, os dois estão totalmente relacionados.

> A raiz dessa capoeira que está no mundo inteirinho, que se fala, que se ouve, que se enxerga, que se assiste, toda raiz foi aqui no Pelourinho. Meu pai começou a dar aula aqui no início dos anos 40, que foi exatamente nesse período que ele começou a propagar o trabalho dele, também pelo outro lado o Mestre Pastinha nos anos 40 abriu o Centro de capoeira dele e começou a divulgar a capoeira pelo mundo. Então, eu acho que o Pelourinho, podemos dizer, que é a meca da capoeira, que é a raiz dessa capoeira que está pelo mundo todo aí é o Pelourinho, não tem como desenfrear mais o Centro Histórico de Salvador com a capoeira, uma coisa dentro da outra. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

A partir de todos esses depoimentos de Mestres atuais moradores e frequentadores do Centro Histórico, confirmou-se a necessidade de se aplicar o trabalho na área delimitada, por todos os fatos que comprovam a existência de grupos de capoeira importantes no Pelourinho e seu entorno; movimentando a cultura e ocupação do local e por ser o Pelourinho um centro turístico da cidade que todos os turistas buscam conhecer ao visitar Salvador mas que, por outro lado, passa por uma série de problemas.

Para a pesquisa foram delimitados grupos de Capoeira, dentre eles, Academias de capoeira angola e regional, Associação de capoeira angola da Bahia, Bando de capoeira angola de rua, e Roda de Capoeira no Terreiro de Jesus, voltada para a atratividade turística. O intuito agora é fazer uma breve apresentação dos perfis, principais componentes e características desses grupos para que se possa ter uma melhor compreensão acerca do estudo feito a partir deles.

O **Bando Anunciador de Capoeira Angola de Rua,** liderado pelo mestre Lua Rasta não se caracteriza como um grupo, mas sim como um bando. Um bando de pessoas que praticam a capoeira angola de rua e se encontram para fazer rodas na rua, mais precisamente no Terreiro de Jesus, no Pelourinho, todas as sextas-feiras. Gilson Fernandes, foi apelidado como Lua pelo seu mestre Canjiquinha, é filho de mãe solteira, nascido em Salvador, Macaúbas, Barbalho.

Mestre de Capoeira, artesão e pesquisador de instrumentos de percussão afro-brasileira, Mestre Lua, iniciou seu aprendizado de capoeira com Mestre Bimba em 1968. Tempos depois se transferiu para a academia do Mestre Canjiquinha, onde fez parte do Grupo folclórico Aberrê. Seguiu carreira realizando oficinas e palestras sobre capoeira e percussão por diferentes estados do Brasil e diversos países da Europa. Desde 1995 dedica-se de forma especial à capoeira de rua e ao Bando Anunciador de Capoeira Angola, para o reconhecimento da importância histórica da capoeiragem na Bahia e da valorização dos velhos mestres. Como diz o Mestre Lua:

> me inspirei muito no Bando de Besouro Preto, me inspirei também no Bando de Lampião. Bando como bando de pássaros, bando de cavalo, bando de gente também. Por esses motivos coloquei nome do nosso trabalho como Bando Anunciador, Bando anunciador da cultura popular de rua, principalmente a Capoeira que é mais a minha "praia". (MESTRE LUA RASTA, 2016, informação verbal).

A maioria dos participantes do grupo são jovens brasileiros entre 18 e 40 anos, moradores de bairros próximos do centro da cidade, que treinam em diferentes grupos durante a semana e na sexta-feira chegam para participar da roda de rua. Segundo o Mestre, no verão as rodas ficam mais movimentadas pela presença de estrangeiros capoeiristas que é bem representativa.

> nós temos sorte e tem muito capoeirista que vem no verão e nos procura pra oficina de capoeira, oficina de percussão, pra compra de instrumento, e é esse momento que é um momento legal pra gente, que é um momento positivo em relação aos estrangeiros, porque assim conseguimos ter uma renda. (MESTRE LUA RASTA, 2016, informação verbal).

Assim como a maioria dos Mestres de capoeira, Lua Rasta, como artesão e fabricante de instrumentos, possui um ateliê no Pelourinho, onde comercializa diversos instrumentos musicais e oferece oficinas de percussão tendo a sua renda através de sua arte. Com mais de 50 anos de capoeira, segundo o Mestre, todo seu conhecimento adquirido a partir do contato com os grupos folclóricos e capoeiristas antigos, foi o que o impulsionou a criar o ateliê.

Hoje, toda essa vivência foi positiva, pois seu atelier funciona com muita persistência, suas viagens pelo mundo o proporciona novas inspirações (no feitio dos instrumentos e na dinâmica do bando) que coloca em prática quando está de volta ao Pelourinho: "se eu sou capoeira, eu sobrevivo dos meus instrumentos, e da

capoeira que eu trabalho e quem acredita em mim, quem me convida, eu procuro ser o mais coerente nesse sentido.” (MESTRE LUA RASTA, 2016)

A **Associação de Capoeira Angola,** ABCA e o **Grupo de Capoeira Angola Pai e Filho** são dirigidos pelo Mestre Pelé da Bomba. Natalício Neves da Silva, nascido em 1934, Mestre Pelé da Bomba foi nomeado assim pelo fato de ter sido além de capoeirista, bombeiro no Centro Histórico.

Fundador do Grupo de Capoeira Angola Pai e Filho em 1999 e diretor atual da Associação de Capoeira Angola (ABCA), Mestre Pelé dá aulas de capoeira há 15 anos, leciona oficinas de canto, toque, movimentos e também de samba de roda. Bem comunicativo e proativo, o Mestre está sempre promovendo palestras e eventos no Centro Histórico que movimentam e reúnem os antigos mestres da capoeira, fazendo com que a Associação de Capoeira Angola se torne uma referência mundial em termos de preservação das tradições ancestrais desta arte-luta e tentando buscar um entendimento maior de vida por meio da consciência de valores e saberes ancestrais.

Para o Mestre, ter uma academia localizada no Centro Histórico é um privilégio pois ali é o berço da capoeira. Segundo ele todas as pessoas que procuram fazer Capoeira, têm que passar pelo Centro Histórico. Diretor da ABCA, o mestre organiza rodas duas vezes por semanas mantendo o contato com os mestres antigos e estimulando a ocupação no local e, como Mestre do Grupo de Capoeira Angola Pai e Filho, leciona junto com sua esposa aulas para crianças, jovens e adultos no mesmo espaço, contando ainda com ajuda de seu filho que criou uma filial do grupo na Alemanha, para ajudar a expandir a capoeira pela Europa.

Além dos grupos, o Mestre também é proprietário de uma loja de instrumentos e objetos relacionados à Capoeira, como também diversos *souvenirs* da cultura baiana. Segundo ele

> a loja foi criada, para ter uma ajuda para a Associação, porque até hoje, nós não temos projeto pra aqui pra Associação, porque quem tava tomando conta era muito atrasado, mas hoje em dia, nós estamos evoluindo e estaremos aqui até esperar Deus ajudar, e estaremos aqui nessa loja para sempre, para ajudar a Associação! (MESTRE PELE DA BOMBA, 2016, informação verbal).

Par o Mestre Pelé (2016) a capoeira é infinita, não tem fim, o importante é que ela continue se expandindo e atingindo todo mundo que tiver que atingir. Os mais

novos vão assumindo o lugar dos mais velhos. Antigamente a capoeira não tinha valor, os capoeiristas negros só eram apelidados por vagabundos e desordeiros. Hoje em dia os brancos de classes mais privilegiadas estão aprendendo a capoeira para se defender, utilizando também essa arte como forma de renda.

A **Roda de Rua de Terreiro de Jesus** acontece todos os dias na praça Terreiro de Jesus no Pelourinho e é organizada pelo Mestre Já Morreu. José Milton Pereira de Santana, nascido em 05 de maio de 1960 em Maragogipe, começou a praticar a capoeira com Mestre Franscisco, discípulo de Mestre Bimba. Em 1984, começou a dar aula na Palestina, e nos anos 1980, passou a frequentar a capoeira de rua no Terreiro de Jesus com grandes ícones da capoeiragem baiana. Essa roda na verdade era uma reunião de diversos capoeiristas de diferentes grupos que se encontram no local para fazer uma roda aberta onde “qualquer um podia entrar”.

Hoje em dia, por motivos de evasão natural da maioria dos capoeiristas baianos, a roda ainda é um encontro de diversos capoeiristas, porém, em menor quantidade. Se tornou uma demonstração folclórica para turistas do que é capoeira. O que é apresentado basicamente na roda é a formação da “bateria” com alguns dos principais instrumentos, dois capoeiristas no centro da roda demonstrando os principais movimentos da Capoeira para que os turistas possam apreciar, tirar fotos, quem sabe se arriscar a jogar, comprar algumas mídias dos Mestres de capoeira e no final dar alguma contribuição financeira.

> Trabalhar com grupo de rua é complicado, principalmente quando não se ganha a partir de mensalidades de alunos como acontece nas academias, ou não se tem diversos utensílios para oferecer à compra. Segundo o Mestre (2016), a contribuição na roda é feita através de turistas que queiram ajudar decidindo o valor que vale aquela apreciação. Esse valor recebido é então dividido pela quantidade de capoeiristas que estão presentes na roda, o que na maioria das vezes acaba não sendo satisfatório. A gente acaba aqui 5:30, 6:00 horas a Capoeira, cada um, quem tem suas academias, vai dar suas aulas, quem não tem academia tem que treinar para no outro dia estar aqui. Ou às vezes vai cuidar de sua família, né? Tem seus filhos, seus netos, cuidado também que a família cobra muito da gente. Eu mesmo, eu saio daqui, eu vou fabricar meus instrumentos, eu fabrico meus berimbaus, minhas camisas, minhas calças pra vender, pra eu poder sobreviver, porque se não for assim a capoeira mesmo em geral, não dá não pra viver. (MESTRE JA MORREU, 2016, informação verbal).

Como atração turística principal da Praça Terreiro de Jesus durante o dia, Mestre Já Morreu já almejou a hipótese de poder ganhar alguma ajuda finaceira do

Governo para que se pudesse valorizar a atividade e torná-la ainda mais praticada. Porém, isso nunca aconteceu.

> Até aqui, pra mim Mestre Já Morreu que trabalho na rua, há quase 40 anos, o Governo não me ajuda em nada, entendeu? Eu nunca recebi nada do Governo. Posso citar um acontecimento agora: na Copa do Mundo de 2014, saímos em *folders*, tiraram diversas fotos da nossa roda, dos nossos capoeiristas, da presença de turistas. Foi uma grande propaganda, e a gente até agora nada, eu mesmo nunca recebi um centavo do Governo! Na verdade os turistas vêm pra Bahia, e vêm pra ver o quê? A Capoeira, o Samba de Roda, o Maculelê, o Candomblé, Puxada de Rede. Os gringos vêm ver o que é que a Bahia tem. A Cultura da Capoeira. Mas a gente receber alguma verba por inspirar a vinda deles? Eu nunca recebi nada. (MESTRE JÁ MORREU, 2016, informação verbal).

A **Fundação Mestre Bimba** foi criada em novembro de 1994 por Manuel Nascimento Machado (Mestre Nenel), com a finalidade de preservar e difundir a obra do seu pai, o Mestre Bimba. Mestre Nenel começou a trabalhar com capoeira por volta dos seus 13 anos, quando seu pai estava para falecer. Com o falecimento de Mestre Bimba ele se muda para Brasília e abre sua primeira escola lá nos anos 1970, depois de dois anos retorna a Salvador e passa a trabalhar em outros empregos, a fazer capoeira folclórica, capoeira de rua, até abrir sua escola onde trabalha exclusivamente com capoeira até hoje. Mestre Nenel caracteriza sua Escola de formação de capoeirista da seguinte forma:

> A Fundação Filhos de Bimba não é um grupo de capoeira e sim uma escola que funciona dentro da Fundação Mestre Bimba. A escola já existe desde 10 de junho de 1986 que é uma escola de formação de capoeiristas na metodologia e na filosofia de Mestre Bimba, capoeira regional. Então a Fundação Mestre Bimba nasceu em 1994 para abrigar tanto o projeto da nossa Escola de formação, quanto o projeto social de capoeira que atende a crianças e adolescentes. E hoje é a Fundação Mestre Bimba que é o órgão responsável por esses dois maiores projetos com a capoeira, a escola de formação e o projeto social. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

O perfil dos alunos da escola de formação é bem diversificado, com pessoas de variadas idades, gêneros, cor e nacionalidade. O Mestre Nenel diz que “a escola é aberta, tem o perfil de todo tipo de gente, todas a cores, todas a classes sociais, estrangeiros e não estrangeiros, crianças, maior idade, mulher, tem tudo, todo tipo, tem negro, tem amarelo, tem vermelho, tem índio, tem tudo”. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal). Visitando o local é perceptível notar essa diversificação,

pessoas idosas, crianças, homens, mulheres, japoneses, brasileiros de Salvador e de Recife, franceses, enfim, vários tipos de alunos.

A escolha do Pelourinho como local de instalação da Fundação foi pela representatividade que a capoeira tem no Centro Histórico de Salvador e pelo fato de que Mestre Bimba e Mestre Pastinha, nos anos 1940, começaram a propagar a capoeira e seus grupos no Centro Histórico de Salvador.

A Fundação Filhos de Bimba tem uma grande relação com os turistas que vêm para Salvador aprender e ter um maior contato com os grupos de capoeira, para experimentar a capoeira no seu local de origem. De acordo com Mestre Nenel, além de preservar e difundir a memória de Mestre Bimba,

> [...] todas as escolas aqui de Salvador sobrevivem financeiramente muito mais das pessoas que chegam de fora do que os da casa. Se for pesquisar nas escolas daqui você vai ver que as quantidades de alunos são muito poucos para conseguir sustentar um espaço no Centro Histórico. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

A **Associação de Capoeira Ginga Mundo** surgiu em 2004, como uma segmentação da ONG Mandinga (Associação Integrada de Educação, Artes e Esportes), que realiza programas educacionais, culturais e esportivos desde 1998. O Mestre responsável pela Associação é o Mestre Sabiá, formado, com 23 anos de capoeira pelo grupo Abadá Capoeira.

Depois de viajar pela Europa alguns anos, Sabiá iniciou seus trabalhos aqui em Salvador inicialmente com jovens de classe baixa e média. Posteriormente montou uma sede durante doze anos no bairro do Garcia no qual funcionou o Projeto Casa Mandinga onde deu início à ONG. Doze anos foi o tempo de formar uma boa quantidade de alunos, alunos que se tornaram professores, instrutores e que o ajudam atualmente a dar continuidade ao Projeto na sua sede atual no Pelourinho.

O nascimento do Ginga Mundo aconteceu logo após a primeira edição do evento internacional homônimo, que aconteceu na Bahia, tendo Mestre Sabiá à frente como o coordenador do Projeto. A missão do Ginga Mundo é contribuir na formação de valores humanos e éticos, baseados no respeito, na socialização e na liberdade, a partir da transmissão da capoeira, de forma recreativa e disciplinar, em escolas e projetos sociais.

O Projeto Casa Mandinga tem dois perfis de alunos: os primeiros são alunos de escola pública, com idades que variam de dois a oito anos. Estes fazem parte do projeto social do Grupo e fazem aulas de capoeira durante a manhã e à tarde através dessa parceria com a escola; os outros alunos são as pessoas que pagam para praticar a capoeira que acontece no período da noite, sendo jovens e adultos com idades variadas, brasileiros e estrangeiros.

Os turistas que procuram o Ginga Mundo são, além dos turistas avulsos que vêm por conta própria e pela capoeira, turistas de universidades que vêm para aprender de uma forma didática a capoeira, tendo uma aula sobre a história, movimentos, toques, instrumentos e principais fundamentos. Na sede do Ginga Mundo, na parte do subsolo, tem um albergue onde turistas que queiram um maior contato com a capoeira e o local podem ficar, o que ajuda a complementar a renda do projeto. Além desses alunos, Sabiá explica outra forma de renda:

> [...] Fora isso a gente tem umas 23 escolas fora do Brasil, a gente tem na Bélgica, na França, Suíça, Alemanha, Espanha, Austrália, Estados Unidos, Inglaterra, enfim, vários países fora do Brasil que tem um número de alunos bacana que termina dando uma certa ajuda para a gente, porque esses alunos também mandam alunos que ficam as vezes hospedados ou que vêm e se interessam pela causa do projeto social até porque a maioria desses professores que estão lá fora já são frutos do projeto[...]. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

O Mestre Sabiá sempre teve vontade de ter a sede do grupo no Centro Histórico, por toda história e responsabilidade que tem o local e por todo valor que agrega à capoeira. Depois de ter se instalado em outros bairros, retornou ao Pelourinho para montar o QG central, ou seja, a base da sede da Mandinga, não deixando de atender aos jovens do Cabula e todas essas comunidades onde já trabalhavam.

A **Associação de Capoeira Mestre Bimba** surgiu com o antigo nome Centro de Cultura Física Regional, criada pelo saudoso Mestre Bimba. Hoje, mais de 70 anos depois, permanece fiel aos princípios da capoeira regional. Mestre Bamba responsável atual, entrou na associação de Capoeira Mestre Bimba em 1977, final de 1977 e início de 1978, quando o Mestre Bimba já era falecido. Mestre Bamba era criança e também morador do Centro Histórico. O grupo Associação de Capoeira Mestre Bimba foi criado por José Carlos Andrade Bittencourt discípulo de Mestre Vermelho mais conhecido com Vermelho 27 no ano de 1975.

A representação dos alunos presentes na Associação de Capoeira Mestre Bimba é como na maioria dos outros grupos. As idades e nacionalidades são diversificadas. Mestre Bamba diz que “tem tanto criança, como pessoas idosas também, como estrangeiros que vem para aperfeiçoar o seu aprendizado com a capoeira e também para a comunidade”. Ainda explicou que quando alguém de alguma comunidade não tem condições de pagar, a Associação abre as portas para essas pessoas sem custo algum. Isso sem ajuda de nenhum órgão público ou privado.

Mestre Bamba conta que desde pequeno morou no Pelourinho. E desde que entrou na Associação nos anos 1970 ela já se localizava no Centro Histórico da cidade. Pelo fato dos principais Mestres, Pastinha e Bimba, terem iniciado seus trabalhos no Centro Histórico da cidade de Salvador, muitos grupos resolveram abrir seus grupos no mesmo local.

Atualmente a associação oferece treinos todos os dias da semana, em todos os turnos e toda sexta-feira se faz uma roda do grupo, que pode ser assistida por turistas. As pessoas pagam um valor simbólico para ajudar a manutenção do grupo e podem assistir a roda com seus alunos e participantes.

A presença de turistas interessados em aprender capoeira numa escola criado por Mestre Bimba é grande. Há aquele turista que é praticante de capoeira que está em outro país e que vem aperfeiçoar a capoeira com a única e exclusiva vontade de desenvolver e aprender, se reciclar com a capoeira retornando para seu país apto para ensinar, e o outro tipo de turista de lazer que chega ali à procura de uma apresentação folclórica típica da cidade que ele está visitando.

Dentre os seis grupos citados, pode-se dizer que três deles são grupos de capoeira tradicionais das vertentes Angola ou Regional, que lutam para manter a originalidade da capoeira em relação aos fundamentos, cantos, instrumentos e no que os mestres acreditam. Um deles se considera como capoeira contemporânea pois mescla características das duas principais vertentes. E dois são caracterizados como capoeira de rua, porém com características diferentes entre eles, pois uma é desenvolvida com o foco de atrativo turístico modificando algumas características da roda por necessidade e vontade própria do grupo, enquanto a outra é uma roda de capoeira angola de rua aberta para o público e para os capoeiristas que queiram vadiar.

Com base nos grupos apresentados e nas dinâmicas encontradas pode-se entender, de uma melhor forma, a tradição da capoeira; as relações existentes entre esses grupos e o turismo; e questões referentes à expansão da capoeira pelo Brasil e pelo mundo. O capítulo seguinte traz informações, como a capoeira se popularizou ao longo dos anos e atingiu um patamar de destaque, sendo praticada em diversas localidades. Além disso, procura mostrar, nos dias atuais, a relação dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador com os turistas que vêm exclusivamente inspirados pela capoeira. E, por fim, aponta os impactos sócioecônomicos e culturais (positivos e negativos) ocorridos por essa relação, tanto para os grupos, quanto para a tradição da capoeiragem.

4 A POPULARIZAÇÃO DA CAPOEIRA E SEUS IMPACTOS SOCIOECONÔMICOS E CULTURAIS CULTURAIS PARA A TRADIÇÃO DA CAPOEIRAGEM

Este capítulo apresenta de que forma aconteceu da expansão capoeira pelo Brasil e pelo mundo. Traz a relação existente entre o turismo e a capoeira, seguido das análises dos questionários aplicados aos capoeiristas locais e turistas capoeiristas e embasados, principalmente, pelas contribuições dos mestres entrevistados. Por último, há o reconhecimento, por parte dos pesquisadores, acerca dos impactos gerados por meio da relação entre visitante e capoeirista local.

4.1 A popularização da Capoeira pelo Brasil e pelo mundo

Como citado no capítulo anterior, praticada nos seus primórdios somente por escravos, a imagem da capoeira na sociedade era totalmente negativa. O período seguinte em que a mesma começa a se expandir, abarcando também os livres, libertos, mestiços e brancos; brasileiros, estrangeiros e principalmente os portugueses, é o período que ela começa a tomar outro rumo. O grande historiador Liberac Cardoso (*apud* PEREIRA, 2010, p. 9) interpreta a expansão da prática da capoeira como o uso da tradição escrava por esses homens livres. Para ele, essa troca cultural é feita no cotidiano e vivenciado pela sociedade. Com isso, constata a prática da Capoeira como cultura da classe trabalhadora, sugerida por alguns testemunhos de que se utiliza.

Díficil é entender a passagem da imagem negativa da capoeira para a sua grande valorização como luta nacional. Segundo Letícia Reis (*apud* PEREIRA, 2010), alguns intelectuais tiveram um papel fundamental neste processo. Para deixar de ser suspeita, a Capoeira precisou se civilizar, se desvinculando das ruas e do uso de “armas” nas rodas de capoeira.

A criação do Almanaque de Ginástica Nacional Metodizada e Regrada publicado no ano de 1928 por Annibal Burlamaqui que continha regras para a aprendizagem de “leigos” e capoeiristas, tinha como objetivo “civilizar” a capoeira

para que ela pudesse ser reconhecida como esporte, de acordo com a legislação desportiva exigida pelo Comitê Olímpico Internacional. (REIS *apud* PEREIRA, 2010).

De acordo com Reis (*apud* PEREIRA, 2010, p. 11), Burlamaqui contribuiu também para o processo de construção de um discurso a favor da legalização da capoeira que sucessivamente contribuiu para a sua popularização. Segundo Reis,

> [...] a construção por parte dos intelectuais dessa capoeira como "esporte branco" faz com que desapareça a ambiguidade da prática, marcada também pela dança, música e, principalmente, seu caráter ofensivo e imprevisível. Já que, através dessa resignificação, esta vai obter regras esportivas que entre outras coisas, estipula o início e fim dos combates. (*apud* PEREIRA, 2010, p. 11).

Complementando, Reis (*apud* PEREIRA, 2010) afirma que o Estado, em 1930, com a chegada de Getúlio Vargas ao poder, buscou a transição do Império para a República, buscando para o país uma nova identidade cultural, embasada na história do mestiço. Nesse contexto, no ano de 1937, a capoeira finalmente é descriminalizada, sabendo-se que a capoeira que passa a ser apoiada é aquela ligada ao esporte, em detrimento de uma capoeira malandra associada às ruas e à desordem, camuflando a descriminação racial.

Ainda assim, era esse processo de apoio do Estado que teria garantido àquela prática um espaço legítimo de efetivação. Alguns capoeiristas como Manoel Machado dos Reis, Mestre Bimba e o Mestre Pastinha, foram responsáveis na década de 1960 pela disseminação da capoeira dentro do Brasil. A expansão dos capoeiristas por estados brasileiros como São Paulo e Pernambuco inicialmente começou a se dar pela necessidade e interesse do capoeirista em procurar emprego e tentar se estabelecer com capoeira em locais onde ela não era muito praticada.

Na década de 1970 o Grupo Folclórico Viva Bahia foi o primeiro grupo a sair do país para desenvolver um trabalho em Nova York, levando diversos artistas, entre eles dançarinos, percussionistas, capoeiristas e mestres que apresentavam um show folclórico com diversas manifestações. A partir disso, diversos outros mestres e pesquisadores que possuíam grupos folclóricos nas principais capitais do país, passaram a levar apresentações de capoeira, samba e maculelê, para fora do país, estilizando o fazer da cultura brasileira, vinculado fortemente à dança.

Com o movimento de idas e vindas, alguns capoeiristas decidiram ficar e tentaram reforçar o fluxo migratório que se intensificou nos anos seguintes. As

primeiras levas de emigrantes capoeiras eram indivíduos das classes médias baixas, que traziam na bagagem um certo conhecimento sobre a capoeira, mas que não necessariamente eram mestres ou professores. Por volta da década de 1980 começam então a se enviar representantes de grupos para o exterior afim de difundir o grupo brasileiro entre os entrangeiros. Dentre esses integrantes, a maioria fazia parte do Grupo Senzala, com sede no Rio de Janeiro, que se estabeleceram inicialmente na França e começaram a se difundir para a Holanda e Alemanha. De acordo com Mestre Lua Rasta,

> a capoeira, de 30, 40 anos atrás na real, é uma capoeira em que a gente era capoeirista mas não tinha consciência no que a capoeira poderia chegar, não tinha a consciência no que a capoeira seria nos dias atuais. A gente não contava que a capoeira ia ser profissão, como hoje. E para muitos de nós a capoeira virou profissão. Através da capoeira foi que eu aprendi a fazer os instrumentos, foi através da capoeira que eu participei de vários grupos folclóricos. Foi através da capoeira que eu viajei boa parte do mundo, tentando difundir ela por onde eu passava. (MESTRE LUA RASTA, 2016, informação verbal).

Segundo o Mestre, na sua época poucas eram as pessoas de fora do Brasil envolvidas na capoeira, mas quando a capoeira começou a chegar no cenário internacional, e que os brasileiros começaram a disseminá-la, a procura pelas raízes, pelos grandes Mestres, e locais dessa prática, passou a ser muito grande. No final da década de 1990 os grupos de capoeira no exterior passaram a ter um número considerável de praticantes.

O emigrante capoeirista levou o Brasil para além das suas fronteiras e transmitiu uma arte que, sem margens de dúvidas, começa a pertencer a tantos milhares de indivíduos por todo o mundo. Para o Mestre Nenel, a Capoeira passou a ter um apelo mundial forte por influência de toda uma mistura de caracteristícas que a manifestação engloba: o trabalho com o corpo, a musicalidade, a dança, o bem-estar, a socialização, entre outros pontos. “A capoeira não é uma coisa estática, não é uma coisa sem alma. Ouço muitas pessoas falando: ‘olha o que eu gosto mais na capoeira é a história, outros falam que o que mais gostam na capoeira é que ela socializa’.” (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

Toda essa expansão e estruturação da prática da capoeira fora do território brasileiro gerou algumas complicações no que diz respeito à originalidade e proteção da capoeira, características muito discutidas nos dias de hoje. O que percebe-se é que a capoeira atingiu rapidamente diversos países do mundo,

levando um certo tipo de incremento cultural para o estrangeiro suprindo uma necessidade inexistente de comunicação e socialização numa forma de viver totalmente oposta da vivida no Brasil. Segundo o site oficial do Senado Federal, hoje a capoeira se encontra espalhada em 152 países do mundo.

> [...] hoje a gente pode chegar em qualquer lugar assim, na casa do chapéu, e falar “aqui tem capoeira? Aqui tem capoeira”, são coisas que você talvez não visse há 30 anos atrás. Eu fui morar há 30 anos atrás na Europa. Para você ver capoeira, você chegava lá, era difícil você ver capoeira, hoje em dia você chega lá, todo mundo joga capoeira. Então, existe hoje um mercado econômico muito favorável para o capoeirista. A capoeira virou uma forma de sobrevivência em termo profissional muito bacana, mas ao mesmo tempo, também tem o outro lado, de nem sempre as pessoas que trabalham com ela fazerem um trabalho digno e produtivo, isso acaba sendo perigoso. Mas a capoeira também é muito sábia, ela peneira com o tempo, aí só fica quem resiste, o resto vai ficando na peneira. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

É sabido por todos, principalmente pelos capoeiristas brasileiros residentes no exterior, que transmitindo a capoeira para outros povos, automaticamente eles passam a se apropriar da cultura, o que pode resultar em diferentes modificações e usos. O que já vem acontecendo cada vez mais, com o passar do tempo, como exemplo citado no trabalho de Nascimento (201?) no qual diz que, mesmo no Brasil, existem grupos de diferentes grupos sociais que usam a capoeira para diferentes propósitos, como exemplo citado no estudo realizado por Brito (*apud* NASCIMENTO, 201?) que explica como a população evangélica no ABC Paulista utiliza as práticas rituais da capoeira modificando-as com fins de evangelização e propagação do seu culto religioso.

Outro exemplo é um grupo original da cidade de Tallin, Estônia, que conheceu a capoeira por meio de filmes, livros e pesquisas na internet e deu início à criação de uma Federação de Capoeira. No trabalho desenvolvido pelo líder Ramid Niftalijev, várias mudanças foram feitas na tradição, pois lhe pareciam mais adequadas à cultura local como a não adoção de apelidos aos membros do grupo, uma vez que para ele os apelidos afrontam as normas morais de batismo por parte das famílias europeias. Ramid afirma que não concorda com o fato de se fazerem na capoeira gestos pertencentes ao domínio religioso, como o uso do sinal da cruz à entrada da roda, bem como cantarem-se músicas em que se pronuncia o nome de Deus e de santos católicos ou de outras religiões. Refere-se ainda à possibilidade de introduzir-

se, na roda, músicas de outros domínios, como Michael Jackson e outros cantores afro-americanos. (NASCIMENTO, 201?).

Para Mestre Nenel,

> as pessoas no mundo é que evoluem e como eu disse a você a capoeira é uma coisa solta, que serve para a humanidade, ela acompanha essa evolução das pessoas, mas o sentido de ser capoeira tem que sempre o mesmo, os princípios. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

Para alguns capoeiristas brasileiros residentes no exterior, ensinar e divulgar a capoeira é uma imprevisível fonte de sustento e renda, mesmo que secundária e realizada juntamente com outros trabalhos. Porém, acredita-se que o resultado dessa popularização daqui a alguns anos será uma geração inevitável de mestres europeus formados por mestres brasileiros, que não necessariamente terão o mesmo zelo pelos elementos da cultura afro-brasileira, por não perceberem a grandiosidade da ferramenta que têm em mãos. Segundo Nascimento (201?)

> [...] estamos em condições de afirmar que, neste momento, a Europa constitui-se num centro de incremento e, podendo-se até mesmo dizer, de produção da prática da capoeira, um verdadeiro laboratório para o seu possível crescimento cujos agentes, já são cada vez mais os seus cidadãos nacionais. Se por um lado temos os "bons exemplos" dos que perseguem a capoeira tratando de conhecê-la no Brasil e de reconhecê-la enquanto elemento de uma cultura mais vasta e ampla, realizando os seus percursos no âmbito de um grupo cuja legitimidade não se discute, por outro lado temos, como vimos, as experimentações endógenas que constituem uma forte tendência nas práticas dos capoeiristas europeus. A título de exemplo, cabe mencionar que muitos profissionais brasileiros, mal preparados, criam os seus grupos, os seus sistemas de graduação e por vezes até se auto graduam atribuindo a si próprio uma graduação que ninguém lhes reconheceu, prática que ocorre tanto no Brasil, como mais facilmente fora dele. (NASCIMENTO, 201?, s.p.).

Em uma entrevista feita pela pesquisadora Neves (2009), Mestre Lua Rasta alerta sobre os cuidados que se deve ter ao ensinar a capoeira "a gente tem que ser cabeça, não entregar tudo de mão beijada". Confirmando o que Nascimento disse, o Mestre afirma que vai chegar um ponto em que os europeus serão os Mestres, assim como aconteceu com diversas outras artes, espalhadas pelo mundo.

> Europeus Mestres, Hãn?, para você ter uma idéia já existem grupos na Europa, só deles, estrangeiros, que não querem nem brasileiros, agora o porque é que eu ainda não sei, uns atribui isso à arrogância dos brasileiros, à ignorância dos brasileiros, porque 'estes' se acham os melhores do mundo. Aí os estrangeiros passam a ter uma atitude

> seletiva em relação a com quem conviver do Brasil. (*apud* NEVES, 2009, p. 39).

Chega-se, assim, à conclusão de que essa geração de novos mestres europeus já chegou e a preocupação agora é: como se controlar a prática dessas pessoas em relação à preservação da tradição em locais tão longe da sede da capoeira? Como se podem ter mestres de capoeira que, por vezes, primeiramente nem sequer falam a língua portuguesa? Têm eles domínio acerca do conhecimento dos fundamentos da capoeira para poderem se tornar mestres?

Anjos (*apud* NEVES, 2009), apresentou em 2011 um mapa sobre a dinâmica da capoeira no Globo que vinha acompanhado do seguinte comentário/questionamento:

> A capoeira, expressão de resistência étnica e cultural, organização social e reverência concreta às matrizes africanas sobreviventes no Brasil, passa, neste momento atual por um contexto de apropriação pelo sistema dominante e se constitui na principal matriz afro-brasileira globalizada. A dinâmica da expansão por todos os continentes do planeta, expresso em 108 países, com registro oficial, revela a dimensão global do processo e nos reportam algumas questões básicas: qual o lugar da África neste movimento mundial? Quais os riscos de descaracterização e apropriação indevida dessa matriz cultural africana desenvolvida no Brasil? A população brasileira tem conhecimento real da dimensão das questões que se colocam em torno desse tema? Em quantas outras línguas oficiais ou não a capoeira está sendo praticada e assimilada? Esta primeira configuração dinâmica da capoeira no mundo é uma tentativa de mostrar cartograficamente esta outra diáspora de matriz africana referenciada no Brasil e suas principais articulações. Não podemos perder de vista a forma marginal e proibitiva como a capoeira foi e é tratada no Brasil. Mesmo com o tratamento secular discriminatório, o que está colocado para população é rever sua postura para um fenômeno que alarga de forma crescente, os horizontes do país, da nossa língua, portanto, da nossa matriz cultural africana'. (NEVES, 2009, p. 32).

Origem, fundamento, comércio, intercâmbio, gente, manipulação, dinheiro, valorização, "tomar conta". Estas palavras aparecem na maioria dos discursos dos mestres e pesquisadores sugerindo a complexa relação existente na temática da expansão da capoeira e a preocupação com práticas de pessoas que muitas vezes se acham no direito de adentrar no meio de uma cultura e posteriormente propagam uma arte, sem nem ao menos ter total entendimento acerca de seus fundamentos.

4.2 A CAPOEIRA E SUA RELAÇÃO COM O TURISMO

Eu aprendi capoeira, Lá na rampa do cais da Bahia.
O gringo filmava, me fotografava, E eu pouco ligava,
meu Deus, não sabia (!),
Que minha foto ia sair no jornal, na França,
na Rússia e, também na Hungria (!).

(Cantiga de domínio público)

No Brasil, a partir de toda essa popularização mundial, a capoeira atrai muitos estrangeiros de todos os continentes, que vêm ao país com o intuito de aprender ou aperfeiçoar o entendimento da capoeira e da língua portuguesa. Com isso, eles acabam aprendendo muito sobre a história do local e presenciando diversos outros tipos de manifestações culturais. Somente no estado da Bahia existem hoje cerca de 367 grupos de capoeira subdivididas entre as suas três vertentes de prática. “Essa história do turista na capoeira sempre existiu, existia na roda de mestre Valdemar, existia na roda de mestre Pastinha, existia na roda de mestre Bimba, sempre existiu, isso é uma coisa bacana.” (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

Uma considerável quantidade de pessoas informadas, que reconhecem a capoeira enquanto elemento de uma cultura, se esforça para vir ao Brasil aprender sobre a manifestação no seu país de origem com os principais mestres que a desenvolveram, por influência de capoeiristas brasileiros instalados no exterior.

A capoeira hoje em dia estimula um turismo de experiência e cultural muito grande. Essas pessoas que buscam a capoeira não vêm para passar um curto período de tempo e vão embora. Pelo contrário, os viajantes capoeiristas circulam na comunidade, compram coisas que os turistas convencionais não compram, se interessam por artesanatos diferentes, vão nas feiras típicas da cidade, vão nas casas dos Mestres que ficam no meio de comunidades, vão para outras regiões da cidade conhecer os locais menos visitados, entre diversas outras atividades. Para Mestre Sabiá,

> o turismo da capoeira é um turismo de pessoas diferenciadas, é um turismo que às vezes o cara fica 6 meses e é um turismo que tanto traz quanto leva. O cara que leva e que de repente fala lá, daqui a pouco tá dançando forró lá, e tá dançando samba lá, e tá promovendo uma festa de jongo lá, e tá vendo uma forma de vender coisas do Brasil lá, e na maioria das vezes isso tudo de forma informal, de forma não declarada, isso tudo é um dinheiro que entra

> para o Brasil a nível informal. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

Mas quem são esses turistas? Como descobriram a capoeira e com quem praticam nos seus países de origem? Com que frequência vêm à Bahia e por quanto tempo costumam ficar? Para eles é difícil aprender uma arte de outro país, de cuja língua inicialmente não têm conhecimento?

4.2.1 Conhecendo o turista capoeirista

Com base em questionários aplicados aos turistas capoeiristas nacionais e internacionais que visitaram a cidade de Salvador, entre dezembro de 2015 e fevereiro de 2016, considerado período de alta estação para os grupos de capoeira no Centro Histórico de Salvador, se pôde entender um pouco mais que tipo de turista é esse que vem à cidade afim de aprender a capoeira com os mestres e professores mais conceituados da história. A seguir, apresentam-se os resultados coletados por meio da pesquisa de campo feita com 33 turistas através de questionários.

- **Local de residência**

Os capoeiristas turistas que visitam a cidade de Salvador com o intuito de aprender capoeira estão divididos entre: turistas internacionais, correspondendo a 60,6% dos entrevistados; e os nacionais, 39,4% (Figura 4).

Figura 4: Gráfico referente ao local de origem dos turistas capoeiristas.

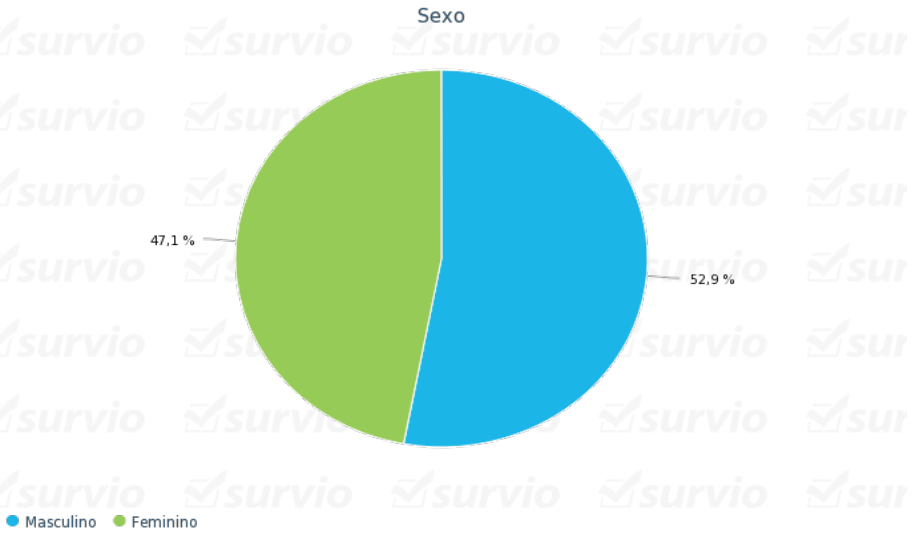
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Com base nos resultados qualitativos dos questionários aplicados foi possível verificar a diversidade nas localidades de origem desses capoeristas. Sendo os internacionais divididos por continente: vindos da Europa (Alemanha, França, Inglaterra, Itália e Suíça), das Américas (Argentina e Estados Unidos) e da Ásia (Israel e Japão). E os nacionais divididos pelas regiões do país: vindos do Norte (Pará), Nordeste (Maranhão, Pernambuco e interior da Bahia), Centro-Oeste (Cuiabá) e Sudeste (São Paulo e Minas Gerais). Percebe-se assim o quão diversificado são os locais de origem dessas pessoas e o quanto a capoeira é representativa em outros locais, além de Salvador.

- **Gênero**

Em relação ao gênero dos capoeiristas entrevistados é possível ver uma paridade entre praticantes do sexo masculino, equivalente à porcentagem de 52,9%; enquanto o sexo feminino corresponde a 47,1% (Figura 5).

Figura 5: Gráfico referente ao gênero do capoeirista turista.



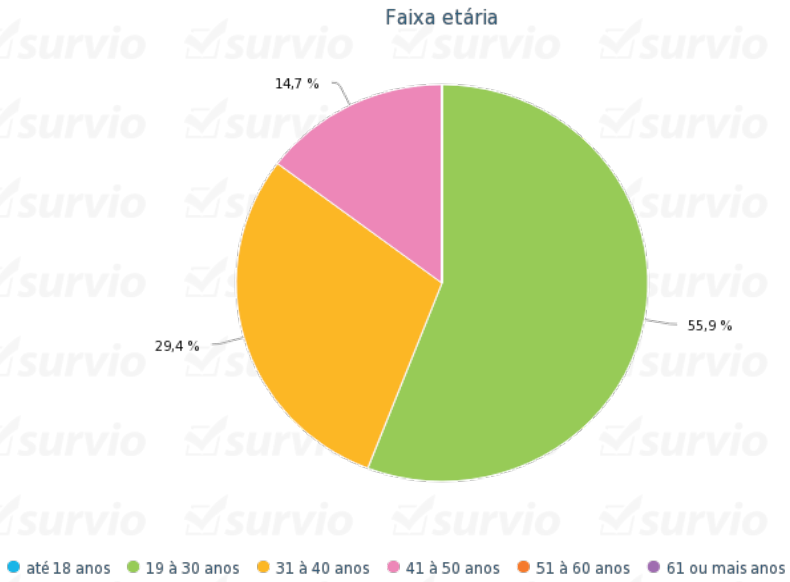
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Como é comprovado no gráfico anterior, há um pouco mais de praticantes do sexo masculino, mas a diferença entre ambos os sexos é pouco representativa. Há alguns anos era difícil observar essa quase igualdade entre os gêneros na capoeira, mas agora, com a popularização e expansão, essa igualdade entre os gêneros têm se tornado cada vez maior, sendo que desde sua origem a capoeira foi praticada por homens, escravos que durante o trabalho ou lazer faziam suas rodas de capoeira ou, por vezes, usavam a capoeira como forma de luta para se defender dos senhores.

- **Faixa etária**

A faixa etária predominante dos turistas capoeiristas que visitam o Centro Histórico por causa da capoeira é a de jovem/adulto entre 19 e 30 anos (55,9%), seguido pelas idades entre 31 a 40 anos (29,4%) e logo depois pela faixa etária entre 41 e 50 anos (14,7%), conforme demonstra a Figura 6.

Figura 6: Gráfico referente à faixa etária dos capoeiristas turistas.



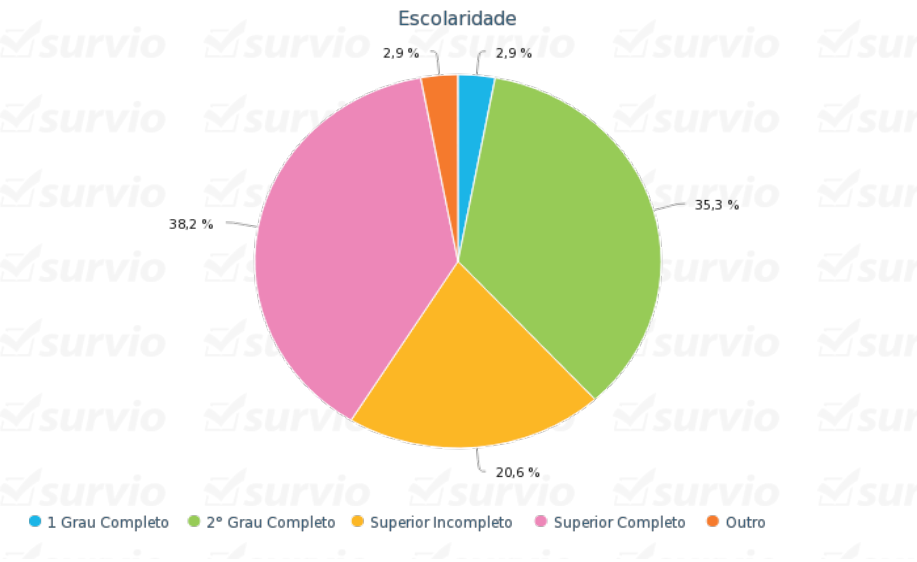
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Comprovado pelo gráfico acima, a maioria desses capoeiristas (mais da metade dos informantes) tem idades entre 19 a 30 anos, o que demonstra o interesse dos jovens pela prática da capoeira. Sem menosprezar a representatividade das pessoas adultas com idade acima de 31 anos o que corresponde a uma diversidade de público em diversas faixas etárias.

- **Escolaridade**

A questão de escolaridade desses turistas capoeiristas está representada da seguinte forma, de acordo com a Figura 7, a seguir: superior completo com 38,2%; Ensino Médio com 35,3%; superior incompleto com 20,6%; Ensino Fundamental 2,9% e outros (pós graduação, mestrado) com 2,9%.

Figura 7: Gráfico referente ao nível de escolaridade dos capoeiristas turistas



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

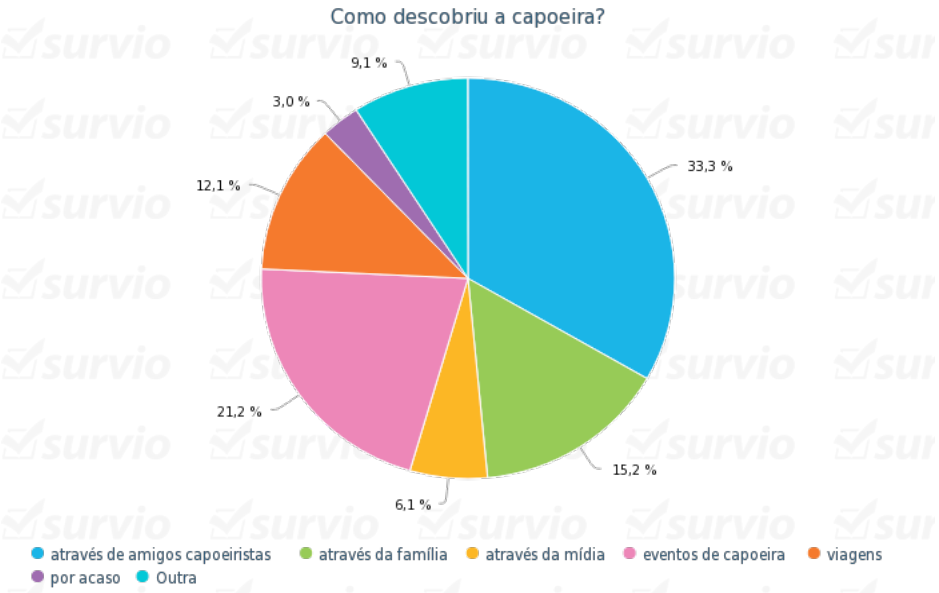
Nota-se que a maioria (38,2%) possui nível superior completo e que outra parte (20,6%) possui nível superior incompleto, o que demonstra que um número siginificativo desses capoeiristas tem um nível educacional elevado, por já ter concluído ou estar cursando uma instituição de ensino superior. Além disso, a categoria outros (2,9%) é composta por pessoas que fazem ou fizeram pós-graduação. Totalizando 61,7% desses capoeristas com escolaridade superior (completa ou incompleta). As outras categorias correspondem aos que possuem Ensino Médio (35,3%), o que caracteriza uma boa relevância; e os que possuem somente Ensino Fundamental com 2,9%.

- **Descoberta da Capoeira**

A descoberta da capoeira por parte dos turistas foi, em primeiro lugar, por meio de amigos, na sua maioria também praticantes da arte da capoeira, o que foi expresso por 33,3% dos entrevistados. Em segundo lugar, por meio de eventos de capoeira nacionais e internacionais, com 21,2% respostas. E, em seguida, por influência de pessoas da família com 15,2%; por meio de viagens 12,1%; por alguma

outra forma particular 9,1%; por meio de mídias com 6,1%; e por acaso com 3% (Figura 8).

Figura 8: Gráfico referente à descoberta da capoeira por parte dos capoeiristas.



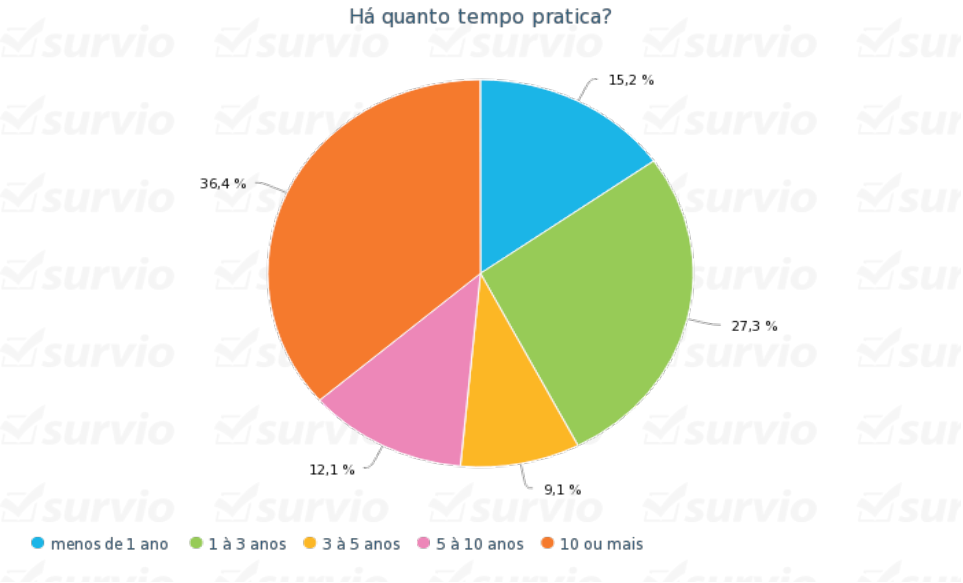
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Analisando qualitativamente os dados percebe-se que a descoberta da capoeira, na maioria dos casos, é feita por meio de pessoas próximas, principalmente amigos e familiares dos praticantes, o que comprova uma rede de praticantes fora do país que difunde a capoeira por seus entes próximos. Destaca-se também que 21,2% dos entrevistados conheceu a capoeira por meio de eventos de capoeira, isso porque os grupos de capoeira de todos os lugares organizam eventos para celebrar e difundir a capoeira, atraindo diversas pessoas. Além também de empresas e instituições convidarem os grupos de capoeira para participar de eventos comemorativos, muitas vezes para fazer demonstrações de capoeira, através de viagens pelo Brasil ou outros países que tenham a prática da capoeira. Ocorre também a influência por meio de mídia englobando TV, internet, filmes, documentários, entre outros. E há ainda os capoeiristas que responderam que conheceram a capoeira por acaso ou de outras formas, não tendo especificado como isso aconteceu.

- **Tempo de prática de capoeira**

O tempo de prática dos turistas capoeiristas é apresentado da seguinte forma: menos de 1 ano com 15,2%; de 1 ano a 3 anos 27,3%; de 3 a 5 anos com 9,1%; 5 a 10 anos expressos em 12,1%; entre 10 anos de prática ou mais tem-se 36,4% dos entrevistados (Figura 9).

Figura 9: Gráfico referente ao tempo de prática de capoeira dos capoeiristas.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O tempo de prática foi um dado que chamou a atenção, pois a maior parte dos capoeiristas (36,4%) pratica capoeira há mais de 10 anos, ou seja, mesmo os capoeiristas internacionais estudam e praticam a capoeira no seu local de residência e retornam para Salvador periodicamente para se aperfeiçoar. Em segundo lugar vêm os capoeiristas que praticam de 1 a 3 anos, o que indica que, além dos mais antigos, Salvador recebe também turistas capoeiristas que acabaram de começar a praticar a capoeira, mas que já sentiram a necessidade de visitar a ‘‘Meca Sagrada da Capoeira’’. Já 12,1% dos entrevistados correspondem aos praticantes entre 5 a 10 anos; e os que praticam de 3 a 5 anos representam 9,1%. E, por fim, 15,2% praticam a menos de 1 ano, ou seja, isso demonstra que os mais novos na capoeira

também correspondem a um número significativo, o que indica que a capoeira continua se popularizando fora da Bahia na atualidade.

- **Local de treino em seu local de origem**

Em seu local de residência, cada capoeirista treina em um grupo que se identifica ou que começou a praticar capoeira. No Quadro 1 apresenta-se a lista de grupos e seus respectivos mestres ou contra-mestres com os quais os capoeiristas informaram que treinam no seu local de residência:

Quadro 1: Relação dos grupos de capoeira que os turistas capoeiristas participam fora da cidade de Salvador.

Local	Grupo	Mestre
França	Angoleiros do Mar	Contra-Mestre Fubuia
França	Angoleiros do Mar	Mestre Marcelo
França	Grupo Capoeira Angola Liberdade de Vadiar	Mestre Dirceu
França	Grupo Malungos	Contra-Mestre Pedigree
Israel	Cordão de Ouro	Mestre Surfista
Israel	Cordão de Ouro	Contra-Mestre Nimi
Israel	Cordão de Ouro	Mestre Cueca
Israel	Capoeira Jerusalém	Contra-Mestre Maculêle
Suíça	Grupo CTE Capoeiragem	Mestre Papa
Estados Unidos	CTE Capoeiragem	Mestre Dilaho
Estados Unidos	Capoeira Mestre Bimba	Professor Helio Sereno
Japão	Tribo da Lua	Mestre Mandela
Japão	A.C.M.B	Mestre Tony
Londres	Grupo Senzala	Contra-Mestre Sanhaço
Alemanha	Grupo Capoeira Angola Irmãos Guerreiros	Grupo Capoeira Angola Irmãos Guerreiros
São Paulo	Associação de Capoeira Angola Senhor do Bomfim	Mestre Ananias
São Paulo	Grupo Herança Cultural	Contra-Mestre Catitu
Pará	Bando Maré de Março	Treinel Pinóquio
Pernambuco	Grupo São Salomão	Mestre Mago

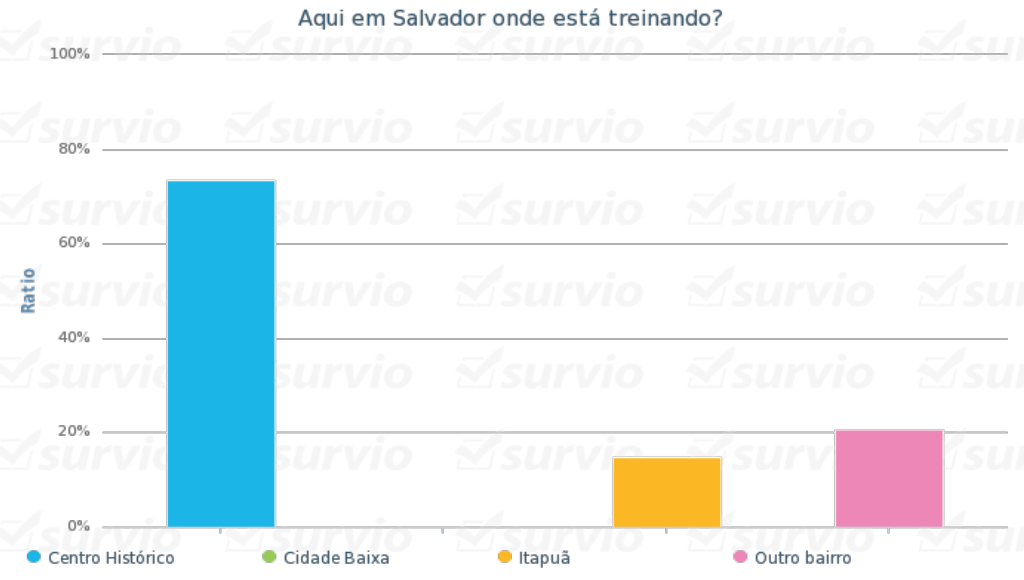
Fonte : Dados da pesquisa (2016).

Esta lista demonstra uma expressiva quantidade de grupos existentes pelo mundo, a partir das respostas de apenas 33 pessoas entrevistadas, o que nos indica que a capoeira está presente em diversas cidades, de diversos países, conquistando cada vez mais praticantes ao redor do mundo.

- **Local de treino em Salvador**

Foi perguntado também em qual o local da cidade eles passaram a treinar assim que chegaram de viagem. Dentre as localidades respondidas o Centro Histórico teve um destaque com aproximadamente 70% dos capoeiristas, enquanto outros bairros como Boca do Rio, Dois de Julho e Cosme de Farias corresponderam a 20%, e Itapuã a 10%, conforme mostra a Figura 10.

Figura 10: Gráfico referente ao local de treino de capoeira na cidade de Salvador.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Ao chegar em Salvador o turista capoeirista busca ter o maior contato possível com a capoeira e, por isso, participa do maior número de rodas e treinos possíveis. Foi perguntado em que local da cidade eles estavam treinando, o que foi identificado no gráfico acima. O Centro Histórico teve um destaque com

aproximadamente 75% dos capoeiristas praticando no local, Itapuã foi representado por 10% e em outros bairros 20%. O Quadro 2, a seguir, lista os grupos nos quais os capoeiristas apontaram como tendo maior participação ao estarem em Salvador:

Quadro 2: Relação dos grupos de capoeira visitados pelos turistas capoeiristas, sediados em Salvador.

Bairro	Grupo	Mestre
Santo Antônio	Academia de Capoeira Angola	Mestre Boca Rica
Pelourinho	Bando Anunciador de Capoeira Angola	Mestre Lua Rasta
Pelourinho	Filhos de Bimba	Mestre Nenel
Pelourinho	A.C.M.B	Mestre Bamba
Pelourinho	Escola de Capoeira Angola Irmãos Gêmeos	Mestre Curió
Dois de Julho	FICA	Mestre Valmir
Dois de Julho	FICA	Mestre Zimba
Itapuã	Bando Maré de Março	Contra-Mestre Guaxini
Cosme de Farias	Filhos de Angola	Mestre Roberval
Boca do Rio	CTE Capoeiragem	Mestre Balão
Ilha de Itaparica	Angoleiros do Mar	Contra-mestre Brisa do Mar e Treinel Alessandra

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

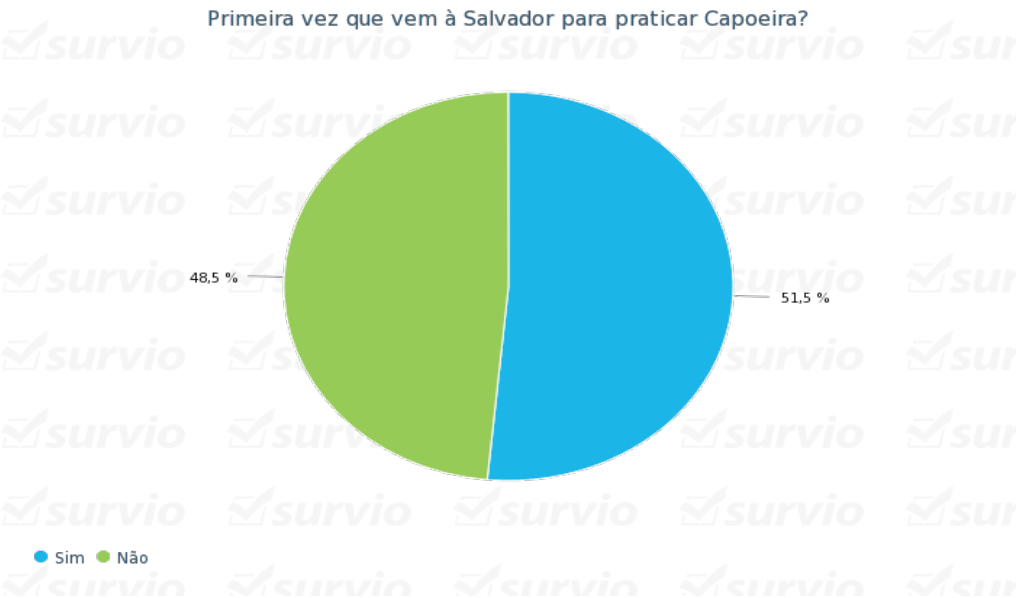
A partir do quadro pode-se perceber que muitos dos grupos visitados estão sediados no Pelourinho ou no seu entorno, como os bairros de Dois de Julho, Santo Antônio e Cosme de Farias, o que gera uma maior facilidade para os turistas conseguirem chegar até o local, podendo visitar mais de um grupo por dia a depender de sua disponibilidade e interesse em ter contato com diferentes tipos mestres e metodologias.

- **Primeira vez na cidade?**

Na pergunta feita em relação à quantidade de visitas feitas a Salvador com o intuito de praticar Capoeira a resposta correspondente ao sim, ou seja, que o

entrevistado estava pela primeira vez em Salvador para aprender capoeira, foi expressa por 51,5% das pessoas; enquanto 48,5% responderam que não era a sua primeira vez na cidade (Figura 11).

Figura 11: Gráfico referente à vinda a Salvador.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

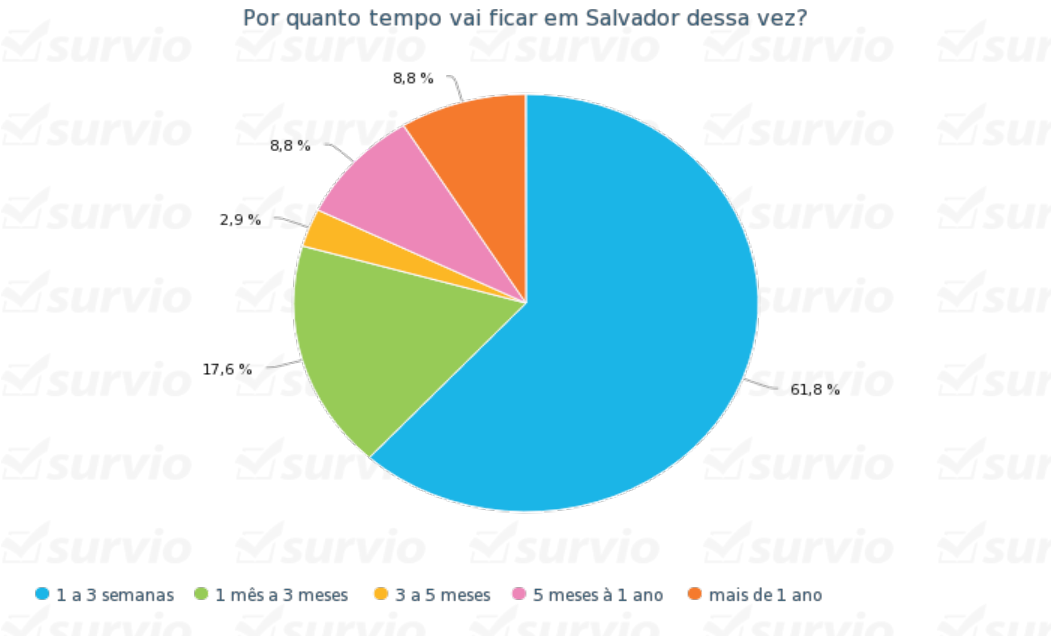
Analisando qualitativamente, essa resposta indica relação com a questão sobre o tempo de prática de capoeira: os mais antigos provavelmente já vêm ao Brasil com mais frequência para poder pegar inspirações e aprender cada vez mais, enquanto os mais jovens, que estão começando a capoeira agora ou praticam há menos tempo, estão mostrando o interesse em conhecer o país e a cidade de Salvador a partir do seu contato com a capoeira. Segundo os que já visitaram a cidade outras vezes, a maioria deles informou também que tentam vir com bastante frequência, a cada seis meses ou de ano em ano, mas frisam que o importante é vir para “beber da fonte’’.

- **Tempo de permanência**

Sobre o tempo de permanência dos turistas capoeiristas (Figura 12): os que ficaram de 1 a 3 semanas corresponderam a 61,8% dos entrevistados; de 1 a 3

meses foram 17,6%; de 3 a 5 meses 2,9%; de 5 meses a 1 ano 8,8%; enquanto os que permaneceram mais de 1 ano somaram 8,8%, tornando-se não mais turistas, e sim residentes.

Figura 12: Gráfico referente ao tempo de permanência em Salvador.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O tempo de permanência foi emblemático pois 61,8% permaneceram pouco tempo em Salvador, de 1 a 3 semanas, o que é pouco em comparação aos outros capoeiristas que normalmente passam mais tempo. Apesar de ser verão no Brasil, trata-se de época de férias de inverno mais curtas no exterior, o que faz com que as pessoas tenham que ficar menos tempo, seja por conta dos estudos ou de trabalho no seu local de residência. Os capoeiristas que somados correspondem a 38,2% são aqueles que ficaram de 1 mês a mais de 1 ano e são esses os capoeiristas que conseguiram entender a grandiosidade da capoeira e possuem a intenção de se dedicarem mais à prática para conhecê-la melhor. Assim, passam mais tempo em Salvador, participando de vários treinos e rodas, aprendendo ou melhorando seu português, conversando com diversos mestres, vivenciando o máximo possível da tradição que lhes inspirou a vinda e que, por vezes, acabam gostando tanto que passam a querer morar na cidade.

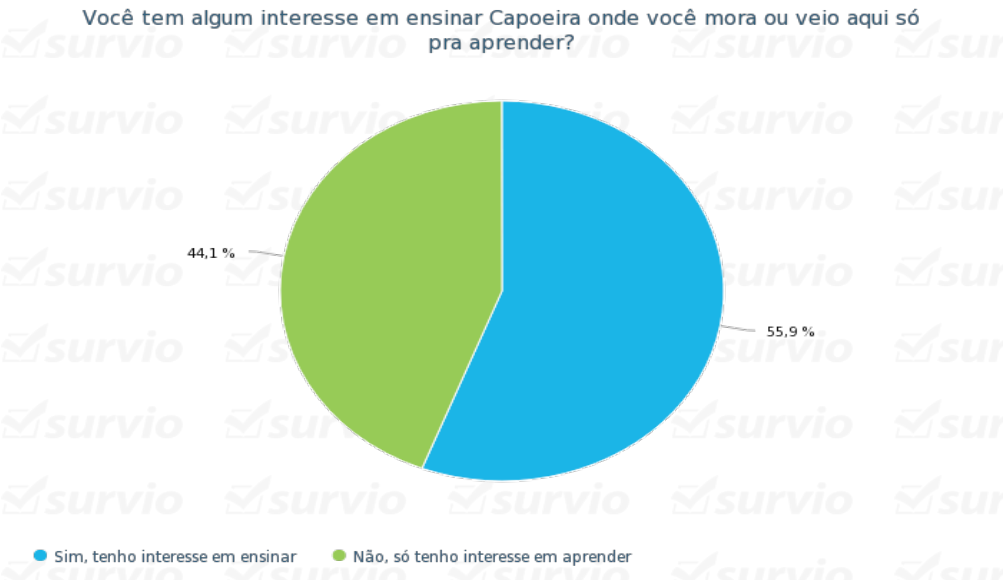
- **Capoeira como principal motivação para visitar Salvador**

A motivação do turista capoeirista para vir a Salvador é a capoeira. Tanto que 100% dos capoeiristas entrevistados confirmaram essa afirmação. Por mais que esses turistas treinem e pratiquem no seu local de residência, Salvador tem uma representatividade muito grande na capoeira e é isso que os traz para a cidade. Por conta disto, vários capoeiristas nacionais e internacionais vêm para Salvador pela capoeira. Cada um tem sua história e um motivo específico mas, no final, a capoeira traz todos a um lugar único: Salvador.

- **Interesse em ensinar capoeira no seu local de residência**

Os capoeiristas entrevistados estão divididos entre os que querem ensinar quando chegar no local de residência 55,9% e os que só querem aprender 44,1%, conforme pode ser observado na Figura 13.

Figura 13: Gráfico referente ao interesse de ensinar capoeira no seu local de residência.



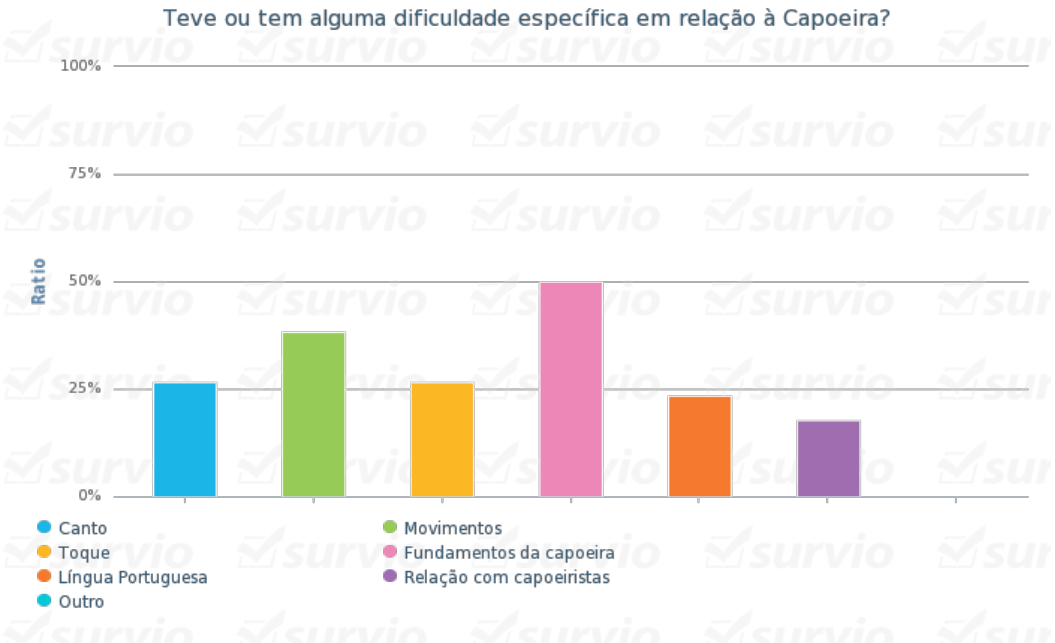
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Dos capoeiristas entrevistados 55,9% tem interesse em ensinar quando chegar ao seu local de residência, ou seja, a maioria vai repassar o que aprendeu estando em Salvador. Por isso a importância de se compreender a capoeira e transmiti-la de forma correta. Os outros 44,1% não pretendem ensinar, mas serão referência ao chegar no seu grupo, ao retornar para casa. Então, indiretamente estarão transmitindo os conhecimentos da capoeira obtidos em Salvador.

- **Dificuldades na Capoeira**

Na questão sobre as dificuldades em relação à capoeira o turista capoeirista poderia marcar mais de uma opção. Das alternativas marcadas, 50% dos entrevistados sentem dificuldade nos fundamentos da capoeira, na história; 37% sentem dificuldades em executar os movimentos; 26% sentem alguma dificuldade nos cantos e toques de instrumentos, principalmente os estrangeiros; 24% dificuldade com a língua portuguesa (capoeiristas estrangeiros) e 20% com dificuldades em relação com os capoeiristas locais, como, por exemplo, dificuldades de comunicação ou alguma outra (Figura 14).

Figura 14: Gráfico referente às dificuldades do aprendizado da capoeira.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

O que demostra o quão complexo é a capoeira e suas histórias. Capoeira não é só o corpo, ela está associada totalmente à mente. Há uma dificuldade grande dos estrangeiros em entender cantigas tão peculiares que envolvem tantos detalhes. Poucos professores de capoeira no exterior têm capacidade de esclarecer seus alunos sobre esse universo. Primeiramente por causa do pouco domínio da língua estrangeira. Também, por falta de intimidade com um passado já tão diferente do tempo atual. Muitas cantigas não são tão cantadas quanto eram antes. Muitos capoeiristas preferem cantar cantigas modernas e composições próprias. Dezenas de CDs são lançados no "mercado" da capoeira anualmente.

- **Diferença entre praticar capoeira no seu local de residência e na Bahia**

Uma questão importante e de grande relevância foi entender qual a diferença entre praticar a capoeira no local onde o capoerista reside e praticar em Salvador. Todos acham que em Salvador é diferente, é melhor, é mais verdadeiro e gratificante. Percebem a originalidade da manifestação. Dentre os principais motivos relata-se a questão da forte tradição, a relação de união entre as pessoas, a grande quantidade de mestres e diferentes metodologias de aprendizado, a diferença no ritmo, a veracidade, originalidade, estilo e diversidade da prática, a energia, essência, vivência junto aos mestres, quantidade de rodas para serem visitadas, entre diversos outros motivos que relatam a prática da capoeira como melhor em Salvador do que em qualquer outro lugar. A seguir alguns depoimentos citados nas respostas:

> ''Faz toda diferença, Salvador é a raiz da capoeira.''
>
> ''Na Bahia é muito mais estilo, no meu país não existe Capoeira Angola''
>
> ''Aqui tem mais motivação pela capoeira e as pessoas sabem muito a tradição''
>
> ''A diversidade da Capoeira é o me atrai''
>
> ''Diversidade e quantidade de grupos aqui é muito maior''
>
> ''Aqui posso beber da fonte com bons capoeiristas''
>
> ''Capoeira no Japão é muito metódica''
>
> ''O capoeirista apanha mais aqui''
>
> ''Aqui podemos entender o real significado da capoeira e suas músicas''

‘‘Aqui é mais forte, porém mais comercial’’

‘‘Aqui você é Capoeira todo o tempo’’

‘‘A Capoeira aqui é uma arte, lá fora um esporte’’

‘‘Com Mestres mais antigos a capoeira se torna mais autêntica’’

‘‘Vir aqui faz toda diferença’’

‘‘A capoeira aqui é feita para se proteger e como parte da cultura’’

(DADOS DA PESQUISA, 2016).

Para complementar as informações colhidas por meio dos turistas capoeiristas, ainda se fez questionamentos aos mestres acerca desses capoeiristas que estão de passagem. Para esses mestres e capoeiristas terem atingindo esse turismo altamente diferenciado é uma vitória, pois antes a capoeira era uma prática criminalizada e hoje é uma manifestação cultural que ajuda a economia de uma cidade e um país atraindo turistas de diversos locais. A capoeira ainda ajuda a propagar outras manifestações que estão, direta ou indiretamente, atreladas a ela. Essa propagação de diversas manifestações culturais pelo mundo afora, graças à capoeira é sem sombra de dúvidas uma conquista, como afirma Mestre Sabiá:

> a capoeira com sua forma informal, alegre, contagiante, rica culturalmente, sua forma de agregar todas as outras culturas, puxando o samba, jongo, maculelê, puxada de rede, ela vai levando todo mundo, ela não leva só ela, ela leva todas as culturas que transversalizam ela. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

A partir do momento em que a capoeira começa a ter uma maior visibilidade em outros locais, muitos turistas passam a ter um interesse em conhecer a Bahia, principalmente Salvador, pela representatividade na capoeira. O Centro Histórico de Salvador, como já mencionado, por ter sido o local dos grandes Mestres (Pastinha e Bimba) terem iniciado seus respectivos trabalhos e por concentrar diversos grupos e eventos de capoeira, atrai uma grande quantidade de turistas. Com isso, os grupos passam a ter uma frequente presença de turistas. Para o Mestre Bamba, que lida diariamente com a presença de visitantes na sua academia no Pelourinho,

> tem aquele turista que é praticante de capoeira que está em outro país e que vem aperfeiçoar a capoeira. Ele vem no nosso país com a única e exclusividade de desenvolver e aprender, e se reciclar com a capoeira e voltar para seu país que lá ele também está ensinando. Com isso, ele vem, traz o recurso financeiro e deixa os recursos financeiros no nosso estado. (MESTRE BAMBA, 2016, informação verbal).

Essa relação com o turismo, para alguns mestres, é uma possibilidade de se fazer filiações fora do Brasil e manter o grupo sede. Mestre Sabiá diz na entrevista que hoje possui cerca de 23 escolas filiais do Ginga Mundo fora do Brasil, englobando os países como Bélgica, França, Suíça, Alemanha, Espanha, Austrália, Estados Unidos, Inglaterra, entre outros. Esses grupos acabam tendo um número considerável de alunos que diretamente dão uma ajuda financeira para o Grupo Mandinga sediado no Pelourinho, seja estimulando capoeiristas a vir ao Brasil, se hospedando no hostel do grupo, se interessando pelo projeto social, e dando apoio para que o trabalho tenha continuidade.

Além dessa rede que se cria com os grupos estabelecendo filiais em outros países, os turistas, tendo contato com os grupos, ajudam a divulgá-los para que outros turistas possam vir e trazer uma ajuda financeira, já que percebem que muitos grupos não conseguem se manter exclusivamente com os alunos e capoeiristas locais. Para Mestre Nenel, o turismo traz uma gama de benefícios para a Capoeira:

> cada pessoa que passa aqui leva um pedacinho das informações nossa para o mundo, então isso é de grande valor para nós. Por outro lado, também, todas as escolas aqui de Salvador sobrevivem financeiramente muito mais das pessoas que chegam de fora do que os da casa. Se for pesquisar nas escolas daqui você vai ver que as quantidades de alunos são muito poucos para conseguir sustentar um espaço aqui no Centro Histórico. Então, essas pessoas também para o lado financeiro são de grande valia para o trabalho de todo mundo aqui no Centro Histórico, além dessa coisa da divulgação, da propagação da nossa cultura. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

Porém, um dos problemas graves dessa relação com o turismo, citada pelo Mestre Bamba, pode ser considerado como decorrente do descaso do Governo, que não se preocupa em fortalecer os grupos de capoeira receptores dos turistas e não fornece nenhum apoio financeiro para estes se manterem e continuarem vivendo da capoeira.

> O retorno para a capoeira e para os capoeiristas é que não há. A SALTUR, BRATUR, seja lá de TUR do nosso estado, ficam com esses recursos que é dos capoeiristas e não repassam para esses capoeiristas, tá entendendo? O lado social inexiste, inexiste. E essa é uma outra problemática que o governo também não quer tratar, ele desconhece e fim de papo. Você faz um evento internacional, você chama sessenta estrangeiros de diversos países para o seu estado e você não é valorizado, você não tem nenhuma representatividade, sabe por que? Porque o próprio governo diz “você vai vender

> capoeira aonde?" "Onde é que vende?" "Eu quero é vender o produto", "porque eu preciso de recurso", você tá entendendo? É isso, a gente se depara com vários entraves que o governo força você para que você fique quieto, sem se movimentar. (MESTRE BAMBA, 2016, informação verbal).

A crítica ao governo em relação à falta de apoio financeiro aos grupos de capoeira, principalmente aos mestres, foi um assunto mencionado por todos eles com bastante indignação. Concordando com a opinião do Mestre Bamba, Mestre Lua Rasta complementa dizendo que,

> [...] o governo poderiam dar mais apoio, a essa coisa do turismo, que seria legal não somente pra eles mas também pra nós. Nós que somos da cultura popular, que participamos da cultura popular brasileira, da cultura popular da Bahia; do afoxé, da capoeira, do candomblé, tudo isso, né? O turismo acaba sendo uma faca de dois gumes, entendeu? É interessante e também não é interessante. Por exemplo a gente faz uma roda de rua que na realidade, não é uma roda pra turista, é uma roda da gente mesmo, mas queira ou não queira a gente contribui, para o estado, a gente contribui pra Prefeitura, a gente contribui para o sistema em geral do turismo, na Bahia, sendo capoeirista. Sim, porque tem gente atualmente que vem pra Bahia só pra Capoeira, as pessoas que praticam capoeira, vem à Bahia pra Capoeira, entendeu? E a gente gosta disso por um lado [...] (MESTRE LUA, 2016, informação verbal).

A grande questão que se observa na falta de apoio do governo para com os grupos de capoeira é o diálogo, que não existe entre as duas partes. O governo utiliza a imagem da capoeira para a divulgação do turismo local, contudo, não dá nenhum suporte financeiro, algo que os grupos necessitam e merecem. Mestre Nenel alega a falta de um representante da capoeira no governo para fazer o intermédiação destas duas partes,

> [...] eu acho que é válido o turismo estar usando a imagem da capoeira para o mundo, mas eu acho também que a gente deve reunir mais, se encontrar mais, conversar mais com os representantes dessa capoeira, [...] a Secretaria de Turismo deve procurar um pouco mais as pessoas que estão envolvidas diretamente na capoeiragem aqui no Centro Histórico, até mesmo para se fortalecer para apresentar uma coisa bacana. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

Segundo Mestre Sabiá, quando se divulga a imagem da Bahia, seja na mídia, em redes sociais, revistas ou jornais, a presença de um berimbau ou de dois capoeiristas jogando são típicos para se representar o local divulgado. O que não

deveria acontecer é o turista chegar no local e não encontrar o que lhe foi apresentado.

> O que eu acho que é triste, é quando você chega na Bahia e você não tem esse link, por exemplo, há um tempo atrás a gente fez uma pesquisa o museu de capoeira que tinha é um Portugal, a TV de capoeira que tem é no Rio de Janeiro, a Rádio de capoeira que tem é em São Paulo, a revista de capoeira que tem é em São Paulo, então, você utiliza a imagem da capoeira e das coisas que estão ao redor da capoeira, o berimbau, os instrumentos, mas você não tem aqui na Bahia que é a sede, nenhum apoio em relação a isso. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal)

Mestre Já Morreu que trabalha com seu grupo diariamente na Praça Terreiro de Jesus fazendo demonstrações de Capoeira para os turistas que chegam no Centro Histórico, tem muito a falar sobre esse retorno inexistente do Governo para com os capoeiristas:

> [..] para mim como Mestre Já Morreu que trabalho aqui na rua, há quase 40 anos, o Governo não me ajuda aqui em nada, entendeu? Eu nunca recebi aqui nada do Governo. Como teve aqui agora a Copa do Mundo, saimos no folder, tudo, foi propaganda, e a gente até agora, eu mesmo nunca recebi um centavo do Governo. Na verdade os turistas vêm pra Bahia, mais pra ver o quê? A Capoeira, o Samba de Roda, o Maculelê, o Candomblé, Puxada de Rede, os gringos vêm ver o que a Bahia tem. A Cultura da Capoeira. Mas a gente receber alguma verba por ajudar nisso? Eu nunca recebi nada. (MESTRE JÁ MORREU, 2016, informação verbal).

Mestre Sabiá reforça:

> É contraditório com a propaganda que se faz, Bahia meca da capoeira. Quando chega aqui não tem nada de capoeira; é altamente contraditório, não é fomentado, se o governo incentiva que a Bahia seja isso, que o cartão postal seja esse, ele tem que ser fomentado, ser incentivado nas comunidades, porque senão o jovem quer e a criança quer um telefone, mexer num aplicativo, quer ficar na internet, então se você não pega o jovem e vai direcionando ele para incentivar ele na sua cultura ele vai quer dançar Hip-hop, quer ouvir Rock ‘n Roll e não vai ouvir o samba, se você não direciona, faz um trabalho de base com a criançada sobre a importância da cultura, sobre valorizar, sobre como é bacana, como a capoeira desenvolve a criança com o equilíbrio, com a flexibilidade, com coordenação motora, com percepção lateral, com o desenvolvimento global da criança, você vê através daí o leque que a capoeira tem. (MESTRE SABIA, 2016, informação verbal).

Infelizmente não é possível estimar, quantificar e qualificar, o peso da capoeira na promoção cultural e turística do Brasil. Supõe-se que a capoeira, a custo zero para o governo brasileiro, realizou até hoje muito em relação à promoção turística do Brasil.

A criação de uma entidade de capoeira separada entre suas vertentes Angola e Regional, com administração de capoeiristas que compreendem a grandiosidade da tradição, reconhecendo qual o apoio que precisa ser dado principalmente aos mestres, poderia facilitar e pressionar setores do governo sobre a valorização e incentivo para pessoas que tanto fizeram pela cultura popular do país e que, por vezes, passam por grandes dificuldades, não tendo direito nem de obter espaço para dar suas aulas e transmitir seus conhecimentos. Porém, essa falta de uma entidade ou associação com esse objetivo também acontece por uma questão muito mais interna, entre as pessoas envolvidas na capoeira, que é a falta de união entre os capoeiristas, o que acaba por criar um afastamento entre eles, evitando relações de amizade, o que dificulta ainda mais uma luta que deveria ser feita por todos e por meio da união.

Dando continuidade ao estudo, os capoeiristas baianos dos grupos pesquisados também tiveram importância na pesquisa, para que se pudesse retratar como se dá essa relação do turista com o grupo local, já que eles acabam tendo o maior contato com os capoeiristas visitantes, até mais do que os mestres, por serem os que treinam junto aos turistas, têm contato com outras línguas e diferentes tipos de pessoas.

4.2.2 O Capoeirista local

Mas, afinal, quem são esses capoeiristas que treinam com os mestres conceituados do Centro Histórico de Salvador? Há quanto tempo praticam capoeira e como se dá a relação “temporal” com esses turistas capoeiristas que chegam aos treinos e rodas de seus grupos?

Dentre os 30 capoeiristas pesquisados que treinam no grupo localizado no Centro Histórico de Salvador muitos deles, ou praticamente a maioria já foram estimulados por vezes a ir para o exterior por meio da capoeira, ou até mesmo já passaram pela experiência de viver fora do país e, atualmente, decidiram voltar ao seu país de origem. Para essas pessoas, se apresenta de fundamental importância a compreensão do que o capoeirista turista vem buscar aqui e de quais são as

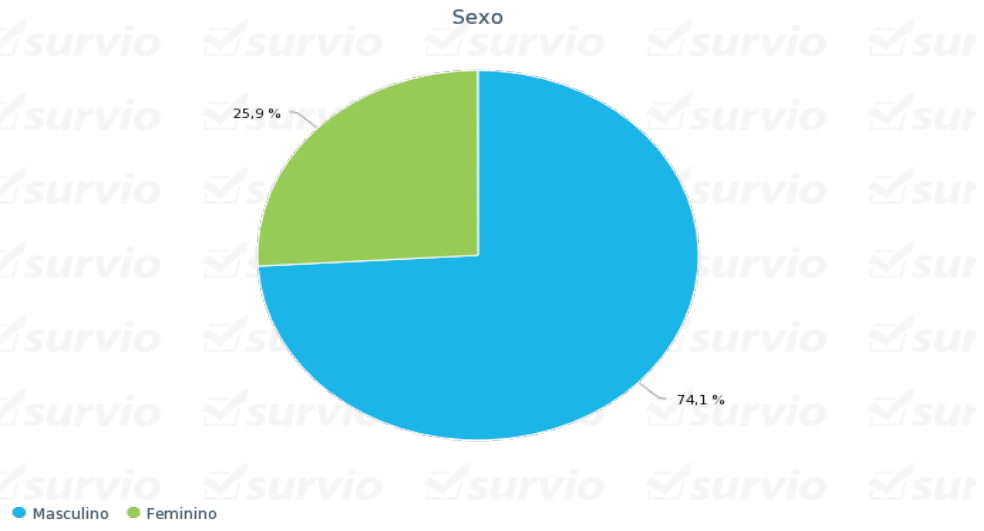
precauções que se deve ter em relação à tradição da capoeira e a presença desses novos participantes.

Segundo os dados coletados durante a pesquisa, os capoeiristas baianos participantes de grupos no Centro Histórico, não necessariamente moram no centro, mas estão dispersos pelos bairros de Salvador e acabam vindo treinar no CHS porque os seus mestres têm as sedes dos seus grupos no local.

- **Gênero**

Dentre os capoeiristas locais, praticantes dos grupos de capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador, a sua maioria (74,1%) é composta por pessoas do sexo masculino e as representantes do sexo feminino (25,9%) ainda estão em menor número (Figura 15).

Figura 15: Gráfico referente ao genêro dos capoeiristas baianos.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

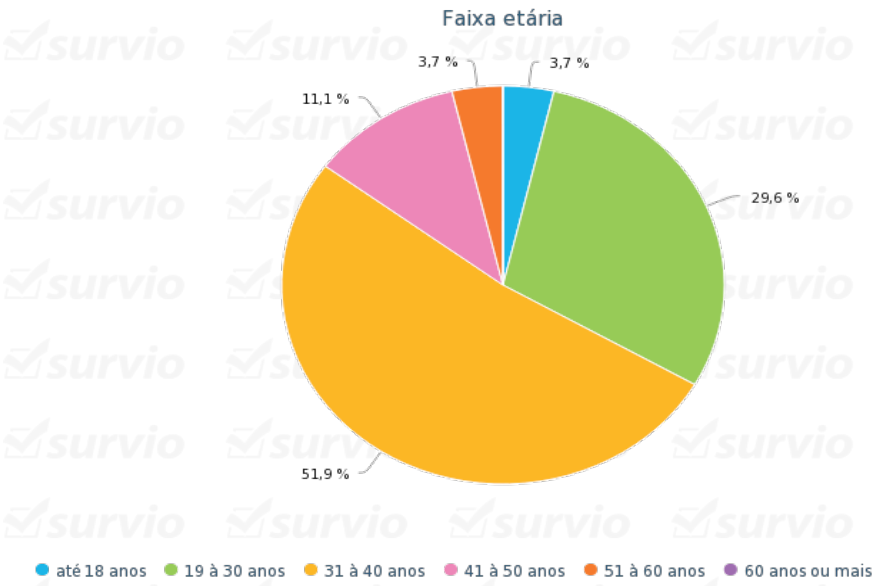
Diferente do capoeiristas turistas, os capoeiristas locais não possuem uma igualdade de gênero representativa. O que pode, por um lado, expressar que a maior parte dos praticantes de capoeira na cidade de Salvador ainda sejam do sexo

masculino, mesmo que no decorrer da história a presença da mulher na capoeira tenha crescido consideravelmente.

- **Faixa etária**

A faixa etária desses capoeiristas é representada da seguinte forma: 3,7% tem até 18 anos; 29,6% está entre 19 a 30 anos; 51,9% correspondem aos entrevistados de 31 a 40 anos; 11,1% os de 41 a 50 anos; e 3,7% alunos acima de 51 anos (Figura 16).

Figura 16: Gráfico referente à faixa etária dos capoeiristas baianos.



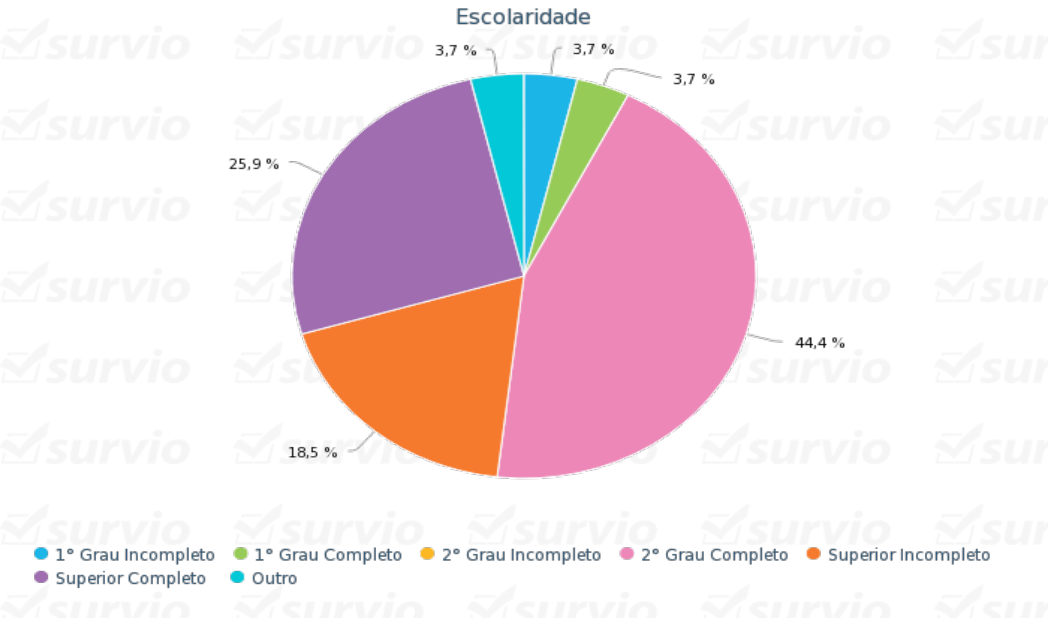
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A faixa etária dominante dos capoeiristas baianos é de adultos. Atestando uma quantidade maior de pessoas mais experientes em relação à idade. Mas, em seguida, há uma quantidade de praticantes jovens também com relativa representatividade.

- **Escolaridade**

Na Figura 17, a seguir, observa-se a escolaridade dos capoeiristas baianos que é representada da seguinte forma: Ensino Médio 44,4%; superior completo 25,9%; superior incompleto 18,5%; Ensino Fundamental incompleto 3,7%; Ensino Fundamental 3,7% e outros (alguma pós-gradução) 3,7%.

Figura 17: Gráfico referente ao nível de escolaridade dos capoeiristas baianos.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A escolaridade dos capoeiristas baianos surpreendeu pela quantidade significativa com ensino superior: 18,5% desses capoeiristas estão na faculdade, mas ainda não a concluíram o curso e 25,9% já possuem o nível superior completo e, na maioria das vezes, trabalhando na sua área de atuação, tendo uma forte relação com o ensino da capoeira, principalmente em escolas, como poderá ser visto no próximo gráfico. Já 44,4% dos entrevistados correspondem a pessoas que concluíram o ensino médio e que provavelmente estarão encaminhando-se, assim como os outros, para algum curso superior.

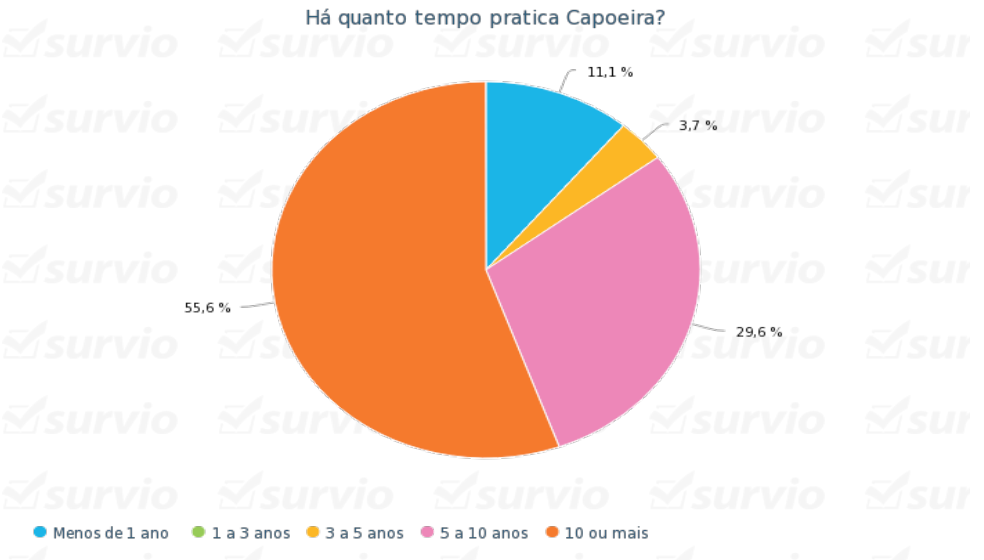
- **Profissão**

Dentre as principais profissões tem-se as de professores de capoeira ou de alguma outra atividade física, como dança, educação física, entre outros. Em seguida tem-se os artesãos, que acabam sendo normalmente profissionais autônomos; biólogos e, em menor quantidade, os capoeiristas que trabalham com vendas em empresas terceirizadas ou são funcionários públicos do estado, trabalhando como professores em redes de escolas públicas ou como militares.

- **Há quanto tempo pratica capoeira?**

No quesito há quanto tempo pratica capoeira, 55,6% dos entrevistados possuem 10 ou mais anos de prática de capoeira; 29,6% é a porcentagem de pessoas que praticam de 5 a 10 anos; e 11,1% praticam há menos de um ano, o que demostra uma significativa quantidade de alunos novatos na capoeira em Salvador também; enquanto de 3 a 5 anos corresponde a apenas 3,7% (Figura 18).

Figura 18: Gráfico referente ao tempo de prática da capoeira pelos capoeiristas baianos.



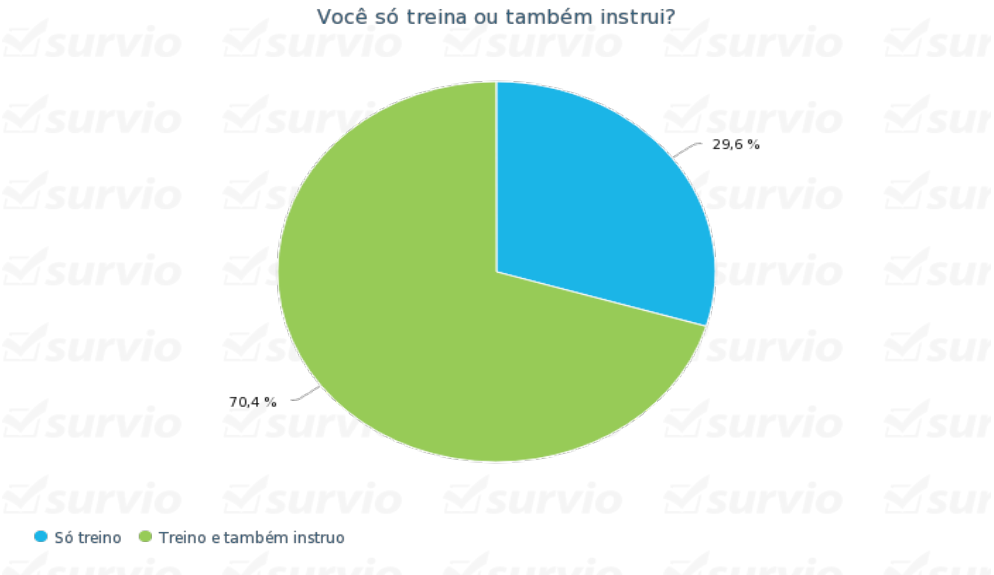
Fonte: Dados da pesquisa (2016).

Nota-se um percentual expressivo de capoeiristas que praticam a capoeira há mais de dez anos, já a considerando como parte de suas vidas, o que faz deles bons capoeiristas, com entendimentos acerca dos fundamentos, movimentações, toques e cantos da capoeira e que, consequentemente, por vezes se tornam aptos a passarem seus conhecimentos para as demais pessoas, sendo o mestre do grupo quem decide essa tarefa.

- **Só treina ou também instrui?**

A Figura 19 demonstra que 70,4% dos entrevistados capoeiristas confirmam que treinam com seu mestre e também instruem outros capoeiristas no grupo ou em outros locais; enquanto 29,6% dos entrevistados só treinam, seja por opção própria ou por serem menos experientes.

Figura 19: Gráfico referente à aptidão em lecionar.



Fonte: Dados da pesquisa (2016).

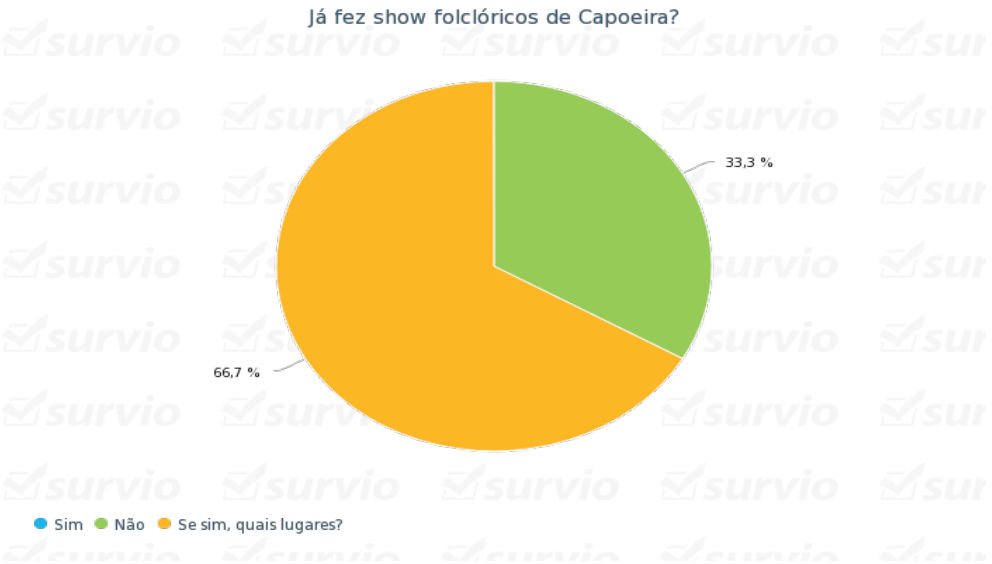
Essa é uma pergunta ligada à anterior, onde o tempo de prática de capoeira reflete na quantidade de alunos capoeiristas que, além de treinar nos seus grupos, também instruem treinos da capoeira no seu próprio espaço, quando o mestre não está presente, ou em outras academias espalhadas pela cidade, pois, por uma questão de hierarquia nos grupos, diante da ausência do mestre o mais velho é quem comanda o treino. Além de poder instruir os treinos dos grupos, muitos dos capoeiristas que cursam ou concluíram uma graduação fizeram o curso de

Educação Física justamente para estarem aptos a dar aula de capoeira em outros espaços e poder se sustentar por meio de sua arte. Os 29,6% dos que não instruem na maioria das vezes ainda não possuem um nível avançado suficiente para tal atividade ou também não têm vontade ou aptidão para tal.

- **Já fez shows folclóricos de Capoeira?**

Em relação a ter feito shows folclóricos de capoeira, 66,7% dos capoeiristas entrevistados já fizeram esses tipos de apresentações; enquanto 33,3% ainda não tiveram a oportunidade, ou simplesmente não quiseram (Figura 20).

Figura 20: Gráfico referente à quantidade de capoeiristas que participam de shows folclóricos.



Fonte : Dados da pesquisa (2016).

Houve a necessidade durante o trabalho de se informar acerca dos capoeiristas baianos e sua relação com a apresentação de show folclóricos, feitos muitas vezes em eventos de capoeira, ou em teatros, ou restaurantes especializados em oferecer serviços e atrativos para os turistas, e acabou sendo comprovado que a maioria dos capoeiristas baianos já fizeram apresentações folclóricas de capoeira, sendo na maioria das vezes um *free lance*, ou um trabalho temporário para se adquirir dinheiro com algo que eles sabiam fazer muito bem. Há algum tempo, quando começaram as apresentações folclóricas na cidade de

Salvador, os grupos pretendiam ajudar a melhorar a imagem da capoeira, que era associada à criminalidade e à vagabudagem. Nos dias atuais, os show e eventos que a capoeira participa buscam a divulgar e enaltecer a prática da capoeira. Dentre os principais locais e estabelecimentos de apresentação citados pelos pesquisados, estão as escolas, universidades, teatros, eventos de capoeira e música, nacionais e internacionais, entre outros.

- **Centro Histórico é de difícil acesso?**

Mesmo com a problemática da falta de alunos nos grupos, citada pelos mestres residentes no Centro Histórico de Salvador durantes as visitas dos pesquisadores, a maioria dos capoeiristas (89,9%) afirmou que o Centro Histórico não é de difícil acesso; enquanto 11,1 % afirmaram que o Centro Histórico é um local de difícil acesso (Figura 21).

Figura 21: Gráfico referente à acessibilidade do Centro Histórico de Salvador.

Fonte: Dados da pesquisa (2016).

A pergunta relacionada à acessibilidade do Centro Histórico foi feita para esse tipo de entrevistado, por ser um assunto que surgiu durante as conversas com mestres, em relação à escassez de alunos baianos nos grupos. Alguns mestres citaram que o Centro Histórico encontra-se num estado de abandono, com falta de

segurança, o que por vezes dificulta a vinda de alguns capoeiristas, principalmente para aqueles que não possuem seu próprio veículo e dependem de transportes coletivos. Porém, a partir da pesquisa percebe-se que o acesso ao local não deve ser considerado com um empecílio para a presença de alunos nos grupos de capoeira.

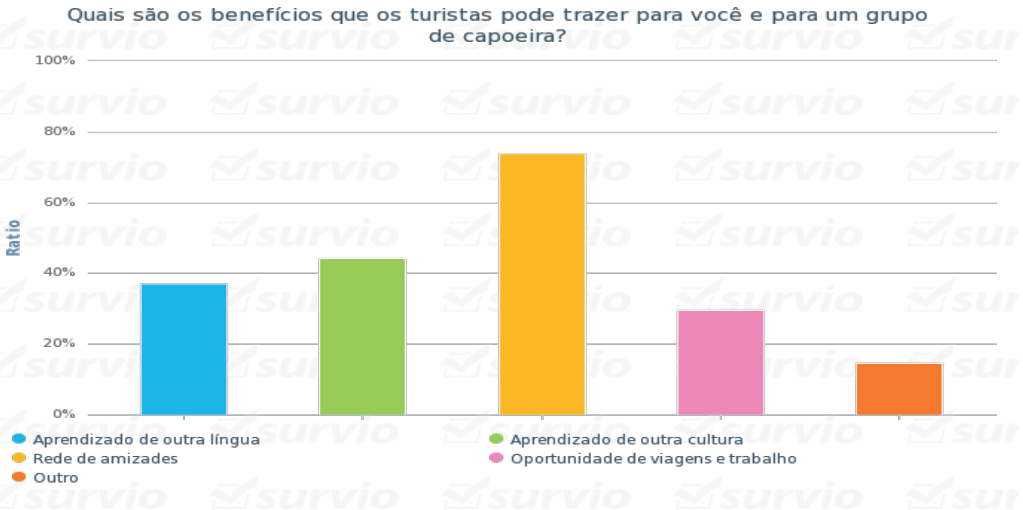
- **Época de maior quantidade de turistas**

Com 100% das respostas coletadas, o período do ano que os grupos recebem maior quantidade de turistas é entre dezembro e março. Sejam os capoeiristas que querem aprender a capoeira, convivendo com os mestres e capoeiristas, fazendo treinos; ou turistas que estão na cidade a lazer e querem apreciar um pouco da cultura do local, é entre os meses de dezembro a março, verão no Brasil, e considerado pelos baianos período de alta estação, que se rebece a maior quantidade de visitantes na cidade.

- **Benefícios que o turista pode trazer para o grupo**

Para os capoeiristas locais, com 70% das respostas, o turista que chega benefia uma rede de amizade com os habitantes do local e participantes do grupo; 43% acham que eles trazem o aprendizado de outra cultura, sendo que na maioria das vezes são os estrangeiros que estão interessados na cultura brasileira; 35% acham que estimulam o aprendizado de outra língua estrangeira; e 25% acreditam que os turistas beneficiam oportunidade de viagens e trabalhos, mais especificamente no exterior (Figura 22).

Figura 22: Gráfico referente aos benefícios advindos da presença de turistas.



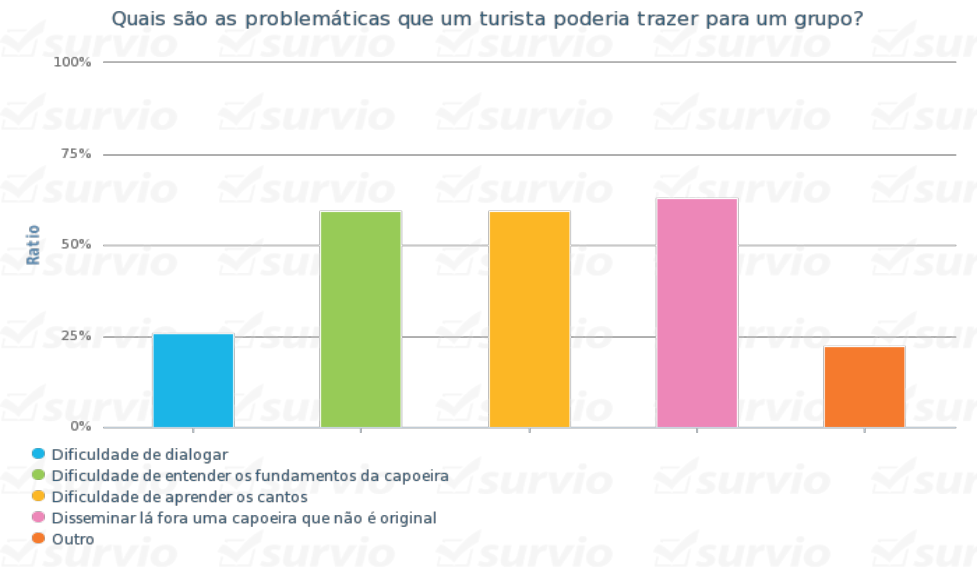
Fonte : Dados da pesquisa (2016).

Essa é uma das perguntas que interessa muito aos pesquisadores, pois demonstra um pouco a opinião desses capoeiristas baianos acerca dos benefícios da relação entre o turista e o grupo de capoeira situado na cidade de Salvador, já que essa relação acaba se tornando parte do ciclo de amizade na maioria desses turistas. E, como é expresso no gráfico, a rede de amizades é um dos maiores benefícios trazidos pelos turistas para os capoeiristas locais, seguido do aprendizado de outra cultura e de outra língua.

- **Aspectos negativos que o turista pode trazer para o grupo e para tradição da capoeira**

Com 60% das respostas a maioria dos capoeiristas respondeu como aspecto negativo gerado pela presença de turistas, a auto decisão do viajante em disseminar uma capoeira genérica no seu local de residência, após ter passado tão curto período de tempo no Brasil. Em sequência trata-se em valores igualitários de 55% da dificuldade dos turistas em entender os fundamentos da capoeira e de aprender os seus cantos, situações geradas principalmente pelo não entendimento da língua portuguesa por parte dos turistas estrangeiros e com 25% cita-se também a dificuldade de dialogar com os turistas estrangeiros (Figura 23).

Figura 23: Gráfico referente às problemáticas geradas pela presença de turistas



Fonte: Dados da pesquisa (2016)

Essa pergunta traz então uma opinião que se contrapõe à anterior e retrata quais seriam os possíveis aspectos negativos trazidos pelos turistas capoeiristas em relação ao grupo de capoeira visitado. A preocupação acerca da disseminação justifica-se pelo fato de, na maioria das vezes, essa capoeira ensinada pelos estrangeiros não ser a capoeira considerada tradicional, pois para fazer isso é preciso ter muito conhecimento acerca da capoeira e principalmente dos seus fundamentos.

A dificuldade de compreender os fundamentos da capoeira e os seus cantos específicos também se torna uma problema para o grupo, pois acaba dificultando muito o aprendizado da capoeira, que contêm características típicas da língua e que, muitas vezes, se torna impossível fazer a tradução para uma língua estrangeira que permaneça com o mesmo significado.

Em relação à grande preocupação dos capoeiristas em disseminar uma capoeira no exterior que não é a autêntica, Mestre Nenel diz o seguinte:

> [...] independente se essa pessoa for turista ou não, se tem pouco tempo ou muito tempo na capoeira, a capoeira é muito grande e muito forte. Isso vai ser uma gota no oceano, não vai afetar a capoeira em nada. Se chegar aqui centenas de turista e chegar lá no seu país e abrir academias e dizerem que são mestres de capoeira e falar isso e aquilo, a própria capoeira vai cobrar deles, vai chegar um momento em que eles vão tomar uma rasteira por si próprio. (MESTRE NENEL, 2016, informação verbal).

Ou seja, mesmo havendo uma preocupação dos capoeiristas de como a capoeira será levada e apresentada em outras localidades, percebe-se que a grandiosidade da capoeira faz com que ela seja mais forte e permaneça na sua tradição. Evoluindo, se expandindo, mas sempre conservando a base da tradição.

Porém, é claro que existem outras opiniões a partir dessa questão, pois assim como diversos estudiosos afirmam, a partir o momento em que uma prática cultural começa a entrar em contato com elementos novos, ela automaticamente se modifica. Nesse sentido, a prática cultural pode sofrer determinada descaracterização ao afastar-se da tradição ou estabelecer táticas de sobrevivência e adaptação sem perder as suas raízes originais.

Dentre essas e outras problemáticas, cita-se também a dificuldade em reconhecer o valor cultural, pois uma quantidade significativa desses turistas tratam a capoeira apenas como uma luta, na qual o que importa são apenas os golpes de capoeira e as rodas, sendo que isso é só um terço da manifestação; e outra dificuldade é a desse capoeirista turista continuar treinando e que, por mais que continue treinando, existe a preocupação de como se absorvem as informações passadas pelos mestres em um período curto de tempo, ou seja, como disse o Mestre Pelé em uma das visitas à associação:

> É difícil considerar um turista como um aluno! Eles chegam, pagam por um treino, aprende um pouco aquele dia ali e depois some. Só vem aparecer outro mês, outro ano, ou na maioria das vezes nunca mais aparece. Então como posso considerá-lo meu aluno? Aluno você ensina, acompanha seu crescimento! Não posso considerá-lo como meu aluno, uma pessoa que aprende comigo em tão pouco tempo [...] (MESTRE PELÉ, 2016, informação verbal).

Para o Mestre Sabiá, o público de turistas capoeiristas é um público muito incerto, um público que o mestre não consegue ver um resultado no que diz respeito ao desenvolvimento da prática aprendida.

> [...] eu trabalho com você e eu vejo o andamento do seu trabalho, você vê o crescimento, o vínculo de uma relação, às vezes vem um aluno paga 30 conto e vai embora, às vezes vem um cara e quer participar da roda e pergunta “quanto é para participar da roda?”. Mas o treino é pago, a roda não. Eu aprendi a capoeira de uma outra forma, quando eu comecei capoeira tinha um apelo para você ir numa roda para você jogar e se saciar, a grana sempre foi uma coisa secundária. Claro que dinheiro é necessário, mas tem que ter algo a mais do dinheiro senão você pira a cabeça também, você não é movido pelo dinheiro, o dinheiro lhe move porque você sobrevive

> dele, se você for movido pelo dinheiro você fica maluco. “Seu dinheiro é importante, mas agora ele não significa nada para a gente”, o dinheiro tem que ter o lugar dele certo, tem lugares que o dinheiro ele não penetra, numa relação lá dentro da capoeira ele não tem muito, ele não vai muito além, uma relação da capoeira que o dinheiro não penetra (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

Um grande risco considerado pela maioria dos mestres de capoeira é que o estrangeiro tem um apelo financeiro muito forte, o que faz com que ele perca sua sensibilidade pelo fato de ser muito materialista. Porém, nem tudo tem preço. Os grupos que dependem diretamente do estrangeiro contam com a alta e baixa tanto da moeda estrangeira quanto da alta e baixa estação da atividade turística, o que acaba desfavorecendo os grupos do Centro Histórico.

Segundo Mestre Já Morreu, essa relação com o turista, seja ele capoeirista, ou na maioria das vezes o próprio turista de lazer, acaba sendo um pouco difícil entre ambas as partes.

> [...] a gente sobrevive do que o gringo queira dar pra gente, porque na verdade se eles chegam aqui, os gringos chegam aqui botam um canhão aqui, uma máquina grande, aí eles não querem pagar o nosso valor normal, ele querem simplesmente usar a imagem da gente e fazer o que eles querem, e a gente já está cansado, essa semana mesmo, teve um gringo aqui, que filmou, filmou, filmou, aí eu fui cobrar a ele, ele disse que não tinha direito nenhum de pagar, então eu deixei ele pra lá. Deixei pra lá mas aí ele foi, chamou a polícia pra mim. Chamou a polícia, e aí eu fiquei na minha tranquilo, porque se a gente for procurar o nosso direito, na verdade, nós capoeiras, ainda é errado. Porque você sabe que, os turistas eles tem toda proteção da Polícia. E a gente que vive aqui não temos proteção nenhuma. Se a gente for cobrar mesmo, como deve cobrar a Capoeira, e chegamos aqui dizendo quanto é o valor, a gente é errado, eles dão o que eles querem, R$ 2,00; R$ 3,00; R$5,00, R$ 10, mas a gente aqui não pode cobrar um valor fixo, porque se a gente for cobrar eles vão lá dentro e vai dizer que é roubo e a gente que passa mal aqui na situação. (MESTRE JA MORREU, 2016, informação verbal).

A situação descrita pelo Mestre Já Morreu demostra como a imagem da capoeira é usada pelo turismo como apropriação. E que isso já está tão enraizado que o turista acredita que tem o direito de fotografar e filmar os grupos sem autorização dos mesmos e, quando os capoeiristas tentam cobrar pela sua imagem e da sua apresentação, ainda são considerados como errados. Além disso, comprova que ainda há um estigma negativo na capoeira, pois as autoridades privilegiam os turistas ao invés dos capoeiristas que estão tentando garantir o direito de imagem deles.

Quando o turismo constata a potencialidade em determinada manisfestação cultural ele passa a usar essa manisfestação como um diferencial da localidade e uma forma de atrair mais turistas. Isso não é algo necessariamente negativo. Mas é preciso tomar alguns cuidados para que essa manifestação não se plastifique e perca sua autenticidade. Para o Mestre Lua, quando a manifestação começa a ficar muito turística, a cultura acaba perdendo parte de sua característica tradicional, porque automaticamente acaba tendo que se modificar.

> Você não vai dizer que a capoeira de hoje é a mesma coisa da capoeira que há 30, 40 anos atrás. É uma capoeira totalmente estilizada, seja ela qual for [...] A capoeira cresceu e evolui muito, mas com essa evolução a gente perde muita coisa da tradição, entende? (MESTRE LUA, 2016, informação verbal).

Para Mestre Olavo (*apud* NEVES, 2009), quando o estrangeiro entra na tradição da capoeira, muitas questões passam a se envolver. Primeiro, ele cita que essa relação pode ter algumas vantagens, como boas amizades e a intensa convivência em outros espaços, pois para ele a expansão da capoeira o ajudou a se tornar um bom conhecedor dos territórios diversos da capoeira pelo Brasil e pelo mundo afora. Porém, traz também algumas desvantagens que acabam prejudicando prioritariamente e posteriomente a tradição da capoeira em si.

> Alguns dos entrangeiros que começam a aprender capoeira e não entendem a sua originalidade não fazem nem questão de vir pra ca. Já tem capoeira lá, não precisa vir pra cá, através de capoeira. Não compra instrumento na minha mão, nem na mão dos outros mestres, pelo contrário fazem instrumento por lá e com isso, eles fazendo isso por lá, a gente não tem como pegar um dinheirinho, ter uma rendazinha para poder sobreviver, né ?! (MESTRE OLAVO *apud* NEVES, 2009, p. 38).

Segundo os questionários aplicados pelos pesquisadores com os capoeiristas locais e turistas capoeiristas, muitas questões podem se confirmar e outras se contradizerem no que se diz respeito à relação do turismo com a capoeira. O ponto que mais se destacou, após a análise dos dados, foi que no início da pesquisa achava-se que a relação entre o turismo e capoeira era na sua maior parte negativa. Mas, pôde-se perceber, por mais que o turista em determinados aspectos tragam influências negativas, que ele pode e traz aspectos positivos que, na opinião dos mestres, estão mais ligados à questão financeira. E são eles que, no final da contas, têm condições de pagar pelos treinos, instrumentos oferecidos pelos mestres, isso é, quando entendem que a relação entre a capoeira e toda a sua fundamentação está

totalmente entrelaçada. O fato é que deve-se aproveitar o que há de positivo nesta relação com o turismo e tentar ao máximo minimizar os impactos negativos.

Segundo Neves (2009) a atitude de alguns estrangeiros, orientados por bons mestres, demonstram hoje uma consciência maior acerca da problemática social brasileira, vivida pelos grupos e pelos mestres.

> Estrelinha conseguiu de forma criativa tornar-se mantenedora, juntamente com seus alunos canadenses, de um núcleo do Capoerê, projeto de ensino de capoeira para crianças em risco social criado por Mestre Nenel. Mestre Ivan de Santo Amaro viu o seu projeto para construção do Barracão da Capoeira de Angola de Santo Amaro começar a tornar-se realidade por intermédio de doações de um grupo de capoeira do Japão – "Tribo da Lua" – um mutirão realizado por capoeiristas da Ilha de Vera Cruz e estrangeiros que estavam, na época, visitando o Brasil. Luciano já obteve ajuda de capoeiristas da Suíça para realização de seus eventos de capoeira anuais por três vezes. Com isso, mais uma vez pelas palavras de Mestre Lua, é necessário saber diferenciar "o gringo que é reacionário, mercenário" do "gringo que chega junto, que ajuda". (NEVES, 2009, p. 40).

Mestre Sabiá complementa que acha que falta ainda uma melhor relação da capoeira com o turismo, porém, acha o turismo positivo de certa forma.

> o turismo pode deixar alguma coisa aqui e pode levar alguma coisa daqui, mas todos os dois lados são mal instruídos, tanto quem traz quanto quem recebe, as duas partes mal instruídas. E ainda tem um outro fator muito forte que é o fator financeiro, um cara vira mestre, engana e vende uma coisa e vende outra, que o berimbau é bom, e outro não é, que o verdadeiro é esse, aí em terra de cego quem tem olho é rei, aí o cara é direcionado pro lugar ruim, ele sai levando aquela imagem da capoeira ruim, daquela imagem do instrumento que ele acha que é bom, ruim e aí vende gato por lebre. E aí a responsabilidade é de quem? Da Secretaria de Turismo ou do capoeirista? Eu não sei, mas a imagem que fica ruim é da capoeira, o prejuízo quem paga é a capoeira, porque a Secretaria de Turismo e o Governo em 4 em 4 anos troca, o capoeirista se ficou ou não vai embora, mas a capoeira vai continuar. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

O que se pode perceber por meio de todas essas afirmações é que a capoeira se desenvolve acompanhando a evolução do ser humano e muitas questões estão envolvidas na sua história. A capoeira de anos atrás não é a mesma capoeira de hoje, mas isso não significa que ela esteja descaracterizada. Significa que ela acompanhou o desenvolvimento do ser humano (que se adapta ao local e ao tempo), só que se mantendo nas raízes, na base da sua tradição. Mestre Sabiá (2016) trata de exemplicar essa afirmação da seguinte forma,

> [...] eu acho que há 30 anos atrás a gente tinha coisas assim que a gente cuidava com mais carinho, que tinha mais cuidado, que era menos descartável, a relação do aluno com o mestre, a relação da escola da onde eu vim, quem foi minha escola, quem foi que me formou, quem foi meu mestre, no dia da minha formatura, quem é esse capoeirista, o suspense. Hoje o cara jogou aqui, digitou ali no youtube aí na mesma hora, ou melhor, daqui a 5 minutos o cara já tá aparecendo. Então, não existe aquela perspectiva de quem é esse capoeirista, aquele cara quem é, como é que joga, a gente se vê momentaneamente não existe um prazo de se conhecer, hoje o cara cria uma fama pela internet, não cria uma fama pelo que ele vivencia. Outra coisa que é essa coisa do mundo descartável, hoje a gente é muito descartável, os valores da gente foi ficando meio louco. De alguma forma foi criando algumas facilidades também, a facilidade da informação. Quem poderia imaginar que qualquer aluno teria acesso a ver o mestre Pastinha jogar? Quando falava antigamente, quando eu queria ver uma fita de capoeira eu tinha que ir na casa de um aluno que tivesse uma condição bacana para ter um VHS e aí ainda o cara tinha que ter alguém que tivesse a fita, então criava um mistério. Eu conseguir ver uma fita era um grande presente, mas hoje em dia o cara não dá nem importância a isso, o cara pratica 2 meses e já se sente autossuficiente, ele já adquiriu informação, ele já leu não sei quantos livros pela internet, ele viu não sei quantos vídeos, então ele tem um leque de informação muito grande e tem um pouco período de vivência ou ele viveu pouco e se informou muito. (MESTRE SABIÁ, 2016, informação verbal).

Porém, mais uma vez a cultura, e mais especificamente a capoeira, muda para permanecer. Será essa mesma a essência da capoeira? É assim que se pode garantir a não descaracterização da arte? Até que ponto se modifica uma tradição para atender aos padrões turísticos, não descaracterizando a mesma?

A partir do que foi observado no decorrer da pesquisa, percebe-se que não se pode colocar a culpa da descaracterização da capoeira somente na relação da capoeira com o turismo. Muitos outros fatores podem acarretar uma descaracterização e esta está ligada a todas as pessoas que a capoeira atinge, ou seja, todas as pessoas envolvidas na manifestação, quer sejam os mestres, os alunos dos grupos, os capoeiristas estrangeiros, os turistas convencionais, os historiadores, entre diversos outros, que têm relação direta com a existência e prática da arte.

Contudo, o turismo impacta positiva e negativamente tanto os grupos que têm uma ligação direta com a atividade turística quanto para a tradição da capoeira. É necessário uma atenção redobrada nessa relação Capoeira *versus* Turismo para que a capoeira não se modifique totalmente e para que pessoas de fora não se

achem no direito e autonomia de fazer mudanças numa manifestação cultural que não lhes pertence. A seguir serão retratados quais são esses impactos, além de trazer sugestões acerca da preservação da capoeira.

4.3 Os impactos socioeconômicos e culturais da popularização da capoeira para os grupos localizados no Centro Histórico de Salvador e para sua tradição

Dentre os diversos questionamentos acerca da relação entre o Turismo e a Capoeira, surge a preocupação em relação aos impactos da popularização da arte para os grupos localizados no Centro Histórico de Salvador e a tradição da capoeiragem em si. Quais impactos poderiam surgir para os grupos que mantêm contato direto com esses capoeiristas de passagem? Seriam mais impactos positivos ou negativos? Impactos sociais? Econômicos ou culturais?

A partir do momento que a capoeira foi conquistando o mundo ela vem sofrendo influência do exterior. A capoeira tem um apelo muito grande fora do Brasil, e a maioria dos mestres locais que são verdadeiramente reconhecidos, vivem hoje do mercado do estrangeiro; ministrando cursos no exterior, recebendo pessoas em seus grupos, vendendo instrumentos, e isso é o que os reestrutura financeiramente no Brasil.

Dentre alguns pontos positivos que se podem citar a partir da popularização da capoeira é que ocorre primeiramente uma extensa rede de amizades entre os mestres, capoeiristas locais e capoeiristas turistas, o que pode estimular diversos tipos de trabalhos e oportunidade de viagens para pessoas que têm interesse e necessidade de trabalhar com a capoeira fora do país.

A partir dessa rede de amizades criada, pode-se dizer que a divulgação do trabalho do grupo local é feita de uma forma mundial, estimulando cada vez mais a receber pessoas interessadas na metodologia e historicidade da capoeira na Bahia. Essa divulgação ajuda a manter viva a história dos grandes Mestres do passado, como Bimba e Pastinha, e tantos outros que lutaram pelo reconhecimento da capoeira como luta, arte, cultura, esporte, filosofia de vida, enfim, como uma

manifestação cultural que engloba todas essas características e que faz parte da história da Bahia e do Brasil.

O principal impacto, que pela maioria dos capoeiristas é considerado positivo porém, com algumas controvérsias, é o fator financeiro. Como já retratado anteriormente, muitos dos grupos localizados no Centro Histórico sobrevivem com a ajuda dos turistas, pois sem eles não conseguiriram arcar com as suas despesas. A falta de apoio do governo para a capoeira faz com que os grupos encontrem meios próprios para se manter funcionando. E os turistas, como alunos visitantes, acabam contribuindo para essa manutenção e resistência.

A manutenção da existência da capoeira em Salvador é outro impacto positivo que a popularização pode ofecer aos grupos. A partir das visitas aos grupos, os pesquisadores observaram que a população local da cidade muitas vezes não pratica capoeira e possui pouco interesse pela manifestação, pelo menos em alguns dos grupos visitados do Centro Histórico. Atitude esta que poderia causar a transformação irreversível da manifestação cultural. Só que, com a popularização da capoeira, esta acaba sendo mais valorizada, consequentemente atraindo mais praticantes.

A valorização internacional da cultura brasileira é outro ponto que chama atenção, pois o Brasil tem um comportamento equivocado de valorizar mais o patrimônio de fora do que o patrimônio próprio. Então, a popularização por este lado acaba agregando valor internacional e garante a resistência da capoeira.

Como aspecto positivo pode-se citar também a capoeira como grande propagador da língua portuguesa do Brasil no mundo além, é claro, de músicas populares brasileiras, livros, entre outros. Por meio da disseminação da capoeira, os praticantes de língua estrangeira são quase que obrigados a aprender o português para que se entenda inicialmente os nomes dos golpes, se familiarize com as letras das músicas e se tenha posteriormente a capacidade de se comunicar na língua, sem ter dificuldade de compreensão.

A questão do local de referência também é algo que agrega valor tantos aos grupos quanto ao local onde o grupo está inserido, por mais que a capoeira já esteja espalhada e popularizada pelo Brasil e pelo mundo, a Bahia e Salvador sempre serão referência para qualquer pessoa que queira praticar a capoeira. Além do que,

os mestres mais antigos que ainda vivem na cidade de Salvador (uma grande maioria no Centro Histórico) ainda são tidos como as maiores referências, sendo convidados para eventos, trabalhos e pesquisas ou simplesmente para passar conhecimentos. Por mais que a capoeira já esteja em diversos lugares, Salvador será sempre, como exemplificado por vários mestres citados nesse trabalho acadêmico, a ‘‘Meca Sagrada’’ da capoeira.

Por um outro lado, a popularização da capoeria também pode vir a gerar pontos negativos para os grupos e para a tradição em si. Dentre esses aspectos pode-se citar a disseminação de uma capoeira genérica (diferente da original), feita pelos capoeiristas turistas que não conseguem entender os fundamentos da capoeira em sua totalidade e acabam se achando na autoridade de propagar a tradição no seu local de moradia, muitas vezes não tomando o cuidado que se deve e modificando caracterísiticas essenciais da tradição.

Outro ponto negativo é uma falta de estímulo para os mestres que acabam não tendo alunos fixos, pois a maioria dos capoeiristas dos grupos são alunos passageiros que querem aprender e vivenciar capoeira em um curto período de tempo, não permitindo ao mestre acompanhar o resultado contínuo de seus ensinamentos.

A transformação dos cantos de capoeira também é citado como um grande aspecto negativo quando se refere aos impactos gerados principalmente pela presença de estrangeiros na capoeira que, na maioria das vezes, não se preocupam em aprender e compreender o português em primeiro lugar, para posteriormente fazer parte da tradição, não conseguindo entender um elemento básico da tradição da capoeira que é o canto.

Esse aspecto foi presenciado diversas vezes pelos pesquisadores durante as rodas dos grupos. Uma situação em especial foi em visita à roda da Escola de Capoeira Filhos de Bimba, do Mestre Nenel que, além dos seus alunos, tinha também um grupo de capoeiristas japoneses. Em determinado momento começou a se cantar um corrido (canção da capoeira na qual o Mestre canta algo associado ao jogo e obtém a resposta do coro como refrão) de saudação ao Mestre Bimba e todos os capoeiristas locais passaram a cantar de uma forma mais intensa, demonstrando o sentimento da falta que o Mestre Bimba faz. Porém, os japoneses pronunciavam as palavras de uma forma totalmente errada e sem sombra de dúvidas não

conseguiam entender o que se dizia no corrido, nem qual era a mensagem passada pelo Mestre que emocionava a todos os outros capoeiristas.

Como é exemplificado no trabalho de Neves, Mestre Lua também conta sobre músicas que ouviu durante suas viagens.

> Chegar no Chile é uma loucura! Eles jogam capoeira e cantam. Agora trocam também 'o macaco e o leão' por 'macaco Julião'. Começa. Dá um lê daqueles e O macaco Julião. Aí o Mestre fala: "pô, tem aluno aqui que canta pra c.!" Como assim canta bem, cantando o macaco Julião, pô?? O ''bumbum de Deus é grande'' ao invés de o mundo de Deus é grande? Os caras nos Estados Unidos cantam "O bumbum de Deus é grande'' e com certeza não tem idéia do que é que estão cantando. (MESTRE LUA RASTA apud NEVES, 2009, p. 47).

Complementando sua fala, o Mestre ainda alerta para a importância de um profissional competente para conduzir o aprendizado nestes lugares: "[...] se não tiver ninguém pra dar a idéia, ele vai cantar o 'bumbum de Deus é grande' mesmo, 'o macaco Julião'". E, finaliza, acrescentando que não existe o controle dos capoeiristas em relação às mudanças que aconteceram e acontecem na capoeira daqui por diante.

Além de não saber cantar as letras das músicas, ocorre também a falta de compreensão, interpretação do que é cantado pelo Mestre, que por meio de suas músicas, estimula ou dá um recado sobre determinada situação do jogo. Na maioria das vezes o estrangeiro que está jogando não consegue entender a mensagem dada, o que acaba deixando o seu jogo somente mecânico, sem o entendimento da malícia e brincadeira estimuladas pelo mestre; e que, consequentemente, quando voltar para seu país, onde provavelmente irá instruir outras pessoas, não vai conseguir repassar um dos fundamentos essenciais da capoeira que é a relação entre a o jogo e a música.

E por que o fator financeiro pode se tornar um impacto negativo para a tradição da capoeira? Assim como foi dito diversas vezes pelos mestres entrevistados, tem lugares e situações da capoeira em que o dinheiro não entra e o turista na maioria das vezes não consegue ter essa sensibilidade, tornando a manifestação um produto totalmente econômico , na qual o turista quer forçar uma participação na tradição não pela sensibilidade e admiração que a maioria dos capoeiristas tem, mas sim por questão monetária, pois ele pratica a arte, tem o

recurso e quer a satisfação de sua necessidade da forma mais fria e objetiva possível. Como cita a capoeirista Estrelinha,

> [...] eu vejo uma grande riqueza no intercâmbio entre culturas – isso abre a mente de todos. Porém fico preocupada com a comercialização da capoeira, um fato generalizado, principalmente nas capoeiras Contemporâneas, pois acho os valores muitas vezes vazios e o conhecimento cultural pobre. Na verdade, isso reflete os problemas mundiais da globalização. (ESTRELINHA *apud* NEVES, 2009, p. 65).

Para Mestre Balão (*apud* NEVES, 2009), o capitalismo modifica muito a tradição em si,

> [...] Hoje, com profissão da capoeira e todos os atributos que o capitalismo proporciona para o ser humano, a parte mística ficou um pouco em desuso, ou seja, muitos capoeiristas que começaram a treinar ou jogar há menos de dez anos atrás não conheceram este lado místico, mandingueiro, lúdico, perigoso... A influência da 'demanda' mercadológica, faz com que os capoeiristas atuais não sejam tão cuidadosos com o que se faz com a capoeira. Sei, também, que somos os principais culpados por esta perda do lado místico, por conta do lado financeiro. (BALÃO *apud* NEVES, 2009, p. 44).

Outro aspecto negativo que está correlacionado com o fator financeiro traz também a dependência dos mestres pela alta e baixa estação em relação à atratividade de turistas no Centro Histórico de Salvador, o que os faz terem que se organizar com suas economias durante o ano para que, quando a baixa estação chegue, não passem por dificuldades e consigam ter condições de se alimentar e pagar as suas contas mensais, pois como já pôde ser entendido, até hoje o Governo não oferece apoio a esses mestres da cultura popular que tanto fizeram para a promoção do turismo no estado e no país.

Além das aulas oferecidas pelos mestres, os mesmos têm a produção de instrumentos como berimbaus, atabaques e pandeiros que complementam a sua renda mensal. Mas, mediante esse aspecto, também existem algumas problemáticas. Com a popularização da capoeira muitos artesãos e fabricantes que não têm nenhum envolvimento com a capoeira passam a produzir instrumentos com uma qualidade inferior e com o interesse unicamente econômico, para obter mais lucro a partir dos turistas capoeiristas. Isso atinge o mestre de uma forma negativa, pois compromete a renda de pessoas que, além de produzirem um produto de qualidade maior, também transmitem na construção do instrumento uma essência

diferenciada e conhecimentos específicos que influenciam até mesmo no som produzido. Essa apropriação feita por pessoas de fora da capoeira propaga, para quem não conhece, instrumentos de qualidade inferior associado à capoeira.

Diante de todos os impactos analisados que mais servem de reflexões acerca da situação atual que se encontra a capoeira, o interessante é que os participantes locais, ao contrário da maioria dos estrangeiros, mostraram-se cientes em relação a todas as questões abordadas, porém, não mostram soluções para alguns dos problemas apresentados, simplesmente os reconhecem e acompanham, mas têm consciência da dificuldade em relação a impedir que algo indesejado ocorra por meio da expansão. Melhor dizendo, convivem com os aspectos e procuram, em seus espaços de atuação, trabalhar para a manutenção do que acreditam serem os fundamentos primordiais da arte. Como diz Mestre Nenel (2016), o tempo é o maior mestre e vai colocando tudo no lugar, a vida é o trem e nós somos apenas os passageiros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho monográfico apresentou um estudo sobre os impactos socioeconômicos e culturais causados pelo turismo que afetam os grupos de capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador e a tradição da capoeiragem, a partir da relação dos capoeiristas com os turistas que vêm para Salvador motivados pela prática da capoeira.

O problema que esta monografia se propôs a responder foi até que ponto os grupos de capoeira localizados no Centro Histórico de Salvador e a tradição da capoeiragem são impactados positiva e negativamente pelo contato com os turistas que visitam a cidade motivados pela capoeira. Para buscar essa resposta, houve aproximação dos pesquisadores com alguns grupos que foram selecionados nesta localidade para observar a relação existente entre os visitantes e os moradores locais membros desses grupos. Foi apresentado também, de forma sintética, o surgimento e o histórico da capoeira, desde a escravidão, até aos dias atuais, quando a prática se tornou muito popularizada.

Com a conclusão do trabalho pode-se perceber que a hipótese trazida, foi em parte refutada, pelo fato da descaracterização da capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, não ocorrer de forma tão agressiva como suposto no início da pesquisa. Percebeu-se que a descaracterização ocorre principalmente no retorno dos turistas para o seu local de residência, onde passam a praticar e instruir uma capoeira com modificações essenciais nos seus fundamentos. Parte da hipótese que pode ser confirmada é quando a presença de turistas passa a modificar alguns aspectos da tradição, impactando negativamente a prática de determinados grupos e mestres. Como por exemplo a dependência da alta e baixa estação para se conseguir obter renda a partir de treinos e venda de instrumentos; a transformação da estrutura da roda de capoeira e da quantidade de instrumentos utilizados; a mecanização dos jogos onde os turistas não compreendem os cantos; a concorrência entre os mestres e fabricantes comerciantes, entre alguns outros aspectos.

A maior inspiração dos pesquisadores era conseguir entender o que poderia ajudar na preservação da capoeira, associada à sua popularização e relação direta

com o turismo. Delimitar o Centro Histórico de Salvador e os grupos mais influentes inseridos nesse local ajudou os pesquisadores a entender sobre as diversas problemáticas, embasados pelo fato dos participantes serem estudantes de Turismo, e entenderem quais os riscos de descaracterização da arte. Como pôde ser demonstrado, à proporção que a arte vai se expandindo, é necessário uma atenção redobrada, para que, com o passar do tempo, ela mantenha sua tradição. Quando uma manifestação começa a ter visibilidade, desperta o interesse de pessoas do mundo todo e, a partir daí, é que se começam as transformações.

Por meio desse estudo, foi possível perceber que a quantidade de impactos negativos gerados mediante a relação Capoeira *versus* Turismo, é tão representativa quanto os impactos positivos, o que alerta a todos os envolvidos acerca de um cuidado, para que isso não se torne irreversível. O que se propõe, como forma de preservar a tradição da capoeira nesse mundo tão globalizado, depende de princípios básicos, que, em primeiro lugar, estão relacionados ao respeito que deve-se ter pelos príncipios e fundamentos da capoeira, seguindo os ensinamentos dos mestres mais antigos, pois foram eles que ajudaram a construir e conservar a capoeira até a atualidade.

Para isso, é necessário que todos os envolvidos na tradição estudem sobre a história da capoeira, os seus principais mestres; a história de resistência que a capoeira representou; o significado das músicas, dos movimentos; o respeito à roda e os instrumentos; enfim, é necessário que se compreenda o passado da capoeira, e a valorize, para que se possa fazer um belo trabalho no presente e transmitir a capoeira de forma fundamentada no futuro.

Um aspecto de grande relevância para a preservação da capoeira é a questão do registro da mesma como patrimônio imaterial da humanidade realizado pelo IPHAN no ano de 2014, que trouxe à tona diversos conflitos, relacionados às diferentes maneiras de se pensar a capoeira e as políticas de patrimônio. Esse registro, segundo a Constituição Federal, ajudar à promover e proteger as memórias e as tradições dessa manifestação cultural, frisando a importância que ela representa para a história e cultura do país, dando apoio e estimulando sua valorização pressupondo a participação das comunidades produtoras e detentoras da cultura.

A tentativa de garantia de preservação passa então a ser preocupação tanto dos capoeiristas como das entidades federais, que devem ou deveriam ter o poder de intervir ou controlar as transformações pela qual a arte vem passando. Porém, o que se procura é perceber se há real apoio e incentivo à prática dessa manifestação cultural após o reconhecimento como patrimônio cultural?

Outro assunto co-relacionado com a preservação da tradição é a tentativa de esportivização da arte. Um projeto de lei que quer transformar a capoeira em um esporte olímpico, preocupando os capoeiristas no que diz respeito à sua plastificação. Se ocorrer a esportivização, mudanças nos princípios e fundamentos da capoeira poderão acontecer, transformando uma manifestação tão complexa em apenas um esporte praticado em ginásios.

A capoeira fora do país é um dos aspectos mais preocupantes, pois mesmo com a presença de capoeiristas brasileiros trabalhando no exterior, a capoeira é influenciada pelos costumes locais. A mudança dos nomes de golpes, a inclusão de características de outras lutas, a mudança nos cantos ou utilização de músicas que não fazem parte da capoeira, assim como mudanças nos instrumentos e na bateria, ou seja, mudanças por questões de adaptação a uma cultura diferente, causam sucessivas descaracterizações.

A figura principal da capoeira e grande responsável pela conservação da tradição é o mestre, pois transmite os ensinamentos, os princípios, e conduz os seus discípulos. A nova geração de capoeiristas, mesmo no Brasil, tem contato com novidades a todo momento e isso pode influenciar negativamente a capoeira deles. Além disso, os novos capoeiristas estão mais preocupados com a beleza dos movimentos, esquecendo dos princípios básicos, de estudar sobre capoeira e seguir aquilo que o mestre lhe ensinou.

Se o mestre tem o papel de direcionar seus discípulos a se manterem na tradição, evitando as influências negativas, por que então a figura do mestre está sendo abandonada pelos capoeiristas mais novos? Não importa se seja baiano, brasileiro, estrangeiro, mestre, historiador; mas qualquer pessoa envolvida na capoeira pode descaracterizá-la de alguma forma se não tratá-la de forma adequada, respeitando seus princípios e suas raízes. Os mestres que ainda lideram grupos têm que cuidar para que seus discípulos estejam sempre pesquisando e estudando a capoeira na sua essência.

Se isso não ocorrer, como se encontrará a capoeira daqui há alguns anos? Quais características se manterão para que ela ainda possa se caracterizar como capoeira? Será que ela terá o mesmo destino de outras lutas como o Karatê e Kung Fu que hoje se encontram espalhadas por todo o mundo, com características totalmente diferentes de sua origem? Será que os professores atuais dessas lutas têm domínio suficiente da arte para poder ensiná-las e criar seus próprios espaços de atuação? Não se deve esquecer que a capoeira vai muito além de uma luta, é uma tradição, uma manifestação cultural que retrata a história de luta de um país, fazendo com que hoje o mesmo se tornasse conhecido mundialmente, inspirando pessoas a viajarem o mundo com intuito de conhecer mais sobre a prática da capoeira e as pessoas envolvidas na arte.

Essa monografia deve ser considerada assim um estudo inicial, mas que pode possibilitar caminhos para diversas outras pesquisas que ajudem a contribuir e inspirar outros trabalhos que, assim como esse, destacam o olhar e a voz dos envolvidos com a capoeira em seu dia a dia. A Capoeira é uma cultura complexa, e cultura sempre se reinventa, logo, a preocupação em relação à mesma deve ser constante. Espera-se, com esse trabalho, tentar esclarecer o entendimento de capoeiristas e das pessoas envolvidas com a capoeira de forma geral, acerca de impactos positivos mas, principalmente, o perigo dos impactos negativos, que podem futuramente levar a uma transformação irreversível. Para isso os pesquisadores pretendem promover encontros, seminários entre estudantes, capoeiristas, mestres de capoeira apresentando os resultados da pesquisa, dando espaço para discussão e maior aprendizado. O dever de todos os que valorizam a capoeira é tentar potencializar os impactos positivos gerados por meio da popularização e minimizar ao máximo os pontos negativos para que essa tradição tão importante para história do país nunca se perca.

A ligação ou laço entre capoeiristas, mestres e grupos que têm tantas características e preocupações em comum, mas que por questões indíviduais não conseguem se unir para fortalecer e melhorar a prática de uma arte que tanto amam, seria uma das prioritárias atitudes a serem tomadas pelos envolvidos na capoeira, para que, quem sabe, seja possível mudar uma boa parte das problemáticas que a envolvem.

REFERÊNCIAS

ABIB. Pedro. **Mestres e Capoeiras Famosos da Bahia.** Salvador: Edufba, 2009.

ARAÚJO, Heloisa de Araújo de. **Geografia e literarura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho**. Dissertação de Mestrado – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Geociências. Salvador, 2008.

AVENA, Biagio Mauricio. **Por uma pedagogia da viagem, turismo e do acolhimento: itinerário pelos significados e contribuições das viagens à (trans)formação de si.** Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, 2008.

BALLABIO, Sati Albuquerque. **O CONCEITO DE CULTURA NO TURISMO: O APORTE ANTROPOLÓGICO.** 14 f. Universidade Estadual Paulista "Julho de Mesquita Filho", São Paulo.

BAMBA, Mestre. **A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos sócioeconômico e culturais para a tradição da capoeiragem.** Salvador, UNEB, 18 jan. 2016. Entrevista feita com os Mestres de Capoeira do Centro Histórico de Salvador.

BARRETTO. Margarita. **Turismo e legado cultural: as possibilidades do planejamento**. Campinas, SP: Papirus, 2000.

BRASIL. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

BOMFIM, Juarez Duarte. **O Centro Histórico da Cidade do Salvador: uma integração sociourbana.** Feira de Santana: UEFS Editora, 2010.

BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Burns PM. **Turismo e antropologia: uma introdução.** São Paulo:Chronos; 2002.

CAPOEIRA, Nestor. **O pequeno Manual do Jogador de Capoeira**. 2.ed. São Paulo: Ground, 1986.

IPHAN, **CONVENÇÃO PARA A SALVAGUARDA DO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL** Paris, 17 de outubro de 2003 . Documento originalmente publicado pela UNESCO sobre o título Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage, Paris, 17 October 2003. Tradução feita pelo Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 2006.

COUTO, Adyjolvã A. **História Arte & Filosofia da Capoeira Nacional.** Bahia: Copyright, 199?.

CRUZ, Mércia Socorro Ribeiro; MENEZES, Juliana Santos; PINTO, Odilon. **Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações.** I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador, 2008.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: Edusc, 1999.

DA COSTA, Lamartime P. **Capoeira sem Mestre.** 13. ed. Rio de Janeiro: Ediouro, s.d.

DENÚNCIA SOBRE A CONDIÇÃO DE ABANDONO DO CENTRO HISTÓRICO DE SALVADOR, BAHIA, Brasil, 2015. Disponível em:

<file:///C:/Users/Casa/Downloads/Denuncia%20de%20abandono%20do%20C.H.%20de%20SSA_Traduzido%20(1).pdf>. Acesso em 23 mar. 2016.

DIAS, Adriana. **Trajetórias da capoeira baiana: do mundo das ruas a símbolo da identidade nacional**. In: FREITAS, Joseania Miranda (org). Uma coleção biográfica: os mestres Pastinha, Bimba e Cobrinha Verde no Museu Afro-Brasileiro da UFBA. Salvador : Edufba ,2015.

DIAS, Reinaldo. **Introdução ao turismo**. 1. ed. 4. reimpr. São Paulo: Atlas, 2013.

DIAS, Reinaldo. **Sociologia do turismo**. São Paulo: Atlas, 2003.

DIAS, Reinaldo. **Introdução à Sociologia**. 2. Ed. 5. Reimpr. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

EMBRATUR, Turismo Histórico-Cultural diretrizes para o desenvolvimento Ministério do Turismo, Brasil. Disponivel em: <http://www.leonarde.pro.br/diretrizesturismocultural.pdf>. Acesso em 23 mar. 2016.

ESTEVES, Acúrsio Pereira. **A "Capoeira" da indústria do entretenimento: corpo, acrobacia e espetáculo para "turista ver".** Salvador: A. P. Esteves, 2003.

FERREIRA, Luís; AGUIAR, Lídia; PINTO, Jorge Ricardo. **Turismo cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos.** In: **CULTUR**, ano 06, n. 02, jun. 2012. Disponível em: <http://www.uesc.br/revistas/culturaeturismo/ano6-edicao2/7.turismo-cultural.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2016

FERREIRA NETO, José Olímpio; CUNHA FILHO, Francisco Humberto; **Capoeira, Patrimônio cultural imaterial: críticas e reflexões.** 16 f. 201?

FERREIRA, Vitor Henrique Moreira. **Teoria Geral do Turismo.** 2.ed. Palhoça: UnisulVirtual, 2007.

FLORIANÓPOLIS. **Noções Básicas de Turismo**. Site oficial da Prefeitura de Florianópolis. Disponível em: <http://portal.pmf.sc.gov.br/arquivos/documentos/pdf/11_11_2009_12.49.07.432d004c9d8ab2ee89f865e5710b8bd7.pdf>. Acesso em: 07 jan. 2016.

IGNARRA, Luiz Renato. **Fundamentos do turismo**. 2. ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

JA MORREU, Mestre. **A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos sócioeconômicos e culturais para a tradição da capoeiragem.** Salvador, UNEB, 21 jan. 2016. Entrevista feita com os Mestres de Capoeira do Centro Histórico de Salvador.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia cientifica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 27.reimpr. Rio de Janeiro: Zahar, 2015

LEAL, Rosana Eduardo da Silva. VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo. **A Etnografia no Estudo Turismo sob a Perspectiva Antropológica.** São Paulo: UAM. 2010.

LUA, Mestre. **A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos sócioeconômicos e**

culturais para a tradição da capoeiragem. Salvador, UNEB, 20 jan. 2016. Entrevista feita com os Mestres de Capoeira do Centro Histórico de Salvador.

MELLO, Luiz Gonzaga de. **Antropologia Cultural: iniciação, teoria e temas**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008

MOTA, Keila Cristina Nicolau. **Marketing turístico**: promovendo uma atividade sazonal. São Paulo: Atlas, 2001.

NASCIMENTO, Isabella; MAIA, Adiel Ferreira; DIAS, Priscila Olivia de Oliveira. **A experiência como produto turístico: a emoção e a sensação do novo e diferente**. In: **Turismo**: Estudos e Práticas - UERN, Mossoró/RN, vol. 1, n. 2, jul./dez. 2012. Disponível em: <http://periodicos.uern.br/index.php/turismo/article/viewFile/342/231>. Acesso em: 11 jan. 2016.

NASCIMENTO, Ricardo; **Dilemas Existenciais de uma Arte Transnacional: A Capoeira no Velho Mundo.** 13 f., Portugual.

NENEL, Mestre. **A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos sócioeconômicos e culturais para a tradição da capoeiragem.** Salvador, UNEB, 23 fev. 2016. Entrevista feita com os Mestre de Capoeira do Centro Histórico de Salvador.

NEVES, Maria Luísa Bastos Pimenta; **Mosaico de uma expansão: malambas de capoeira**. Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

OMT, ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DO TURISMO. Turismo Histórico-Cultural diretrizes para o desenvolvimento Ministério do Turismo, Brasil. Disponivel em: <http://www.leonarde.pro.br/diretrizesturismocultural.pdf>. Acesso em 15 jan. 2016

PELÉ, Mestre. **A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos sócioeconômicos e culturais para a tradição da capoeiragem.** Salvador, UNEB, 19 fev. 2016. Entrevista feita com os Mestre de Capoeira do Centro Histórico de Salvador.

PÉREZ, Xerardo Pereiro. **Turismo cultural: leituras da antropologia.** 20 f. Departamento de Antropologia Aplicada, Universidade de Trás-os-montes e Alto Douro (utad), Portugal.

PEREIRA, Ana Beatriz de Oliveira; **A capoeira como espetáculo: Sentimento nacional, esporte e identidade (1909 – 1938).** Departamento de História Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

PEZZI, Eduardo; SANTOS, Rafael José dos. A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing. In : **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul** – Turismo e Paisagem : relação complexa. Mestrado em Turismo, Universidade de Caxias do Sul. 16 e 17 de novembro de 2012. Caxias do Sul, RS.Disponível em: <http://www.ucs.br/ucs/tplVSeminTur%20/eventos/seminarios_semintur/semin_tur_7/gt02/arquivos/02/09_Pezzi_Santos. Acesso em: 13 jan. 2016

RICCO, Adriana Sartório. **O turismo como fenômeno social e antropológico**. 21 f.

RODRIGUES. Marly. **Preservar e consumir: o patrimônio histórico e o turismo**. In: FUNARI, Pedro Paulo e PINSKY (orgs). Turismo e Patrimônio Cultural. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2002.

REDAÇÃO DOUTÍSSIMA. **Pensando em viajar?** Descubra o turismo de experiência. Disponível em: <http://doutissima.com.br/2014/12/19/pensando-em-viajar-descubra o-turismo-de-experiencia-14669822/. Acesso em 13 jan. 2016

SABIÁ, Mestre. **A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos sócioeconômicos e culturais para a tradição da capoeiragem.** Salvador, UNEB, 10 de fev. 2016. Entrevista feita com os Mestre de Capoeira do Centro Histórico de Salvador.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 2. ed., 2 reimpressão. São Paulo: Contexto, 2009.

WIKIPÉDIA. **Malta (capoeira).** Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Malta_(capoeira)>. Acesso em 15 abr. 2016

VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2012, Caxias do Sul. **Turismo e Paisagem: relação complexa - A experiência turística e o turismo de experiência: aproximações entre a antropologia e o marketing**. Caxias do Sul: Issn, 2012. 13 p.

VII SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 2012, Caxias do Sul. **Turistas e moradores locais: Uma reflexão teórica dessa relação.** Caxias do Sul. Issn, 2012.13 p.

APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA FEITA COM OS MESTRES DE CAPOEIRA

1. Nome
2. Nome do Grupo
3. Há quanto tempo dá aula ou formou o grupo no Centro Histórico?
4. Qual o perfil de alunos, participantes do grupo? Jovens; crianças, adultos. Alunos brasileiros? Estrangeiros? De comunidades próximas?
5. Para o Sr. o que é Capoeira? E dentro daquela conhecida pergunta: O Sr. considera que a Capoeira é um esporte, uma dança ou luta?
6. Quais mudanças se pode citar da capoeira de 30 anos atrás e a de agora?
7. Qual a relação da Capoeira com o Centro Histórico?
8. Acha que a Capoeira é devidamente valorizada? O que acha que poderia melhorar?
9. O que acha do Turismo utilizar a capoeira como imagem da Bahia?
10. Vocês recebem muitos turistas no grupo para treinar? Se sim, porque acha que a Capoeira tem um apelo mundial tão forte?
11. Acha que o Turismo beneficia o senhor ou os grupos localizados aqui no Centro Histórico? Em quais aspectos?
12. O que um Turista pode trazer de positivo e/ou negativo para a tradição da Capoeira?
13. O que poderia descaracterizar a Capoeira? Acha que ela está se descaracterizando? Por que?

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO FEITO COM OS CAPOEIRISTAS BAIANOS

“A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos culturais para a tradição da capoeiragem.”

Nome: _____ Data: __/___/____

Local de residência (bairro, cidade): _____

1. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

2. Faixa Etária: ( ) até 18 anos ( ) 19 a 30 anos ( ) 31 a 40 anos ( ) 41 a 50 anos ( ) 51 a 60 anos ( ) 61 anos ou mais

3. Escolaridade:

( ) 1° Grau Incompleto ( ) 1° Grau completo ( ) 2° Grau incompleto ( ) 2° Grau Completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo ( ) Outro _____

4.Profissão: _____

5. Há quanto tempo pratica Capoeira? ( ) menos de 1 ano ( ) 1 a 3 anos ( ) 3 a 5 anos ( ) 5 a 10 anos ( ) 10 anos ou mais

6. Você só treina ou também instrui? ( ) Só treino ( ) Treino e também instruo

7.Já fez show folclóricos de Capoeira? ( ) Sim ( ) Não

Se sim, quais foram os principais? _____

8. Acha o Centro Histórico um local de difícil acesso? ( ) Sim ( ) Não

9. Por participar de um grupo no Centro Histórico de Salvador, qual a época do ano percebe maior quantidade de turistas?

( ) Dezembro a Março. ( ) Abril a Agosto ( ) Setembro a Novembro

10. Quais são os benefícios que os turistas pode trazer para você e para um grupo de capoeira?

( ) Aprendizado de outra língua ( ) Aprendizado de outra cultura ( ) Rede de amizades ( ) Oportunidade de viagens e trabalho ( ) Outros _____

11. Quais são as problemáticas que um turista poderia trazer para um grupo?

( ) Dificuldade de Dialogar ( ) Dificuldade de entender os fundamentos da capoeira ( ) Dificuldade de aprender os cantos ( ) Outros _____

APÊNDICE C - QUESTIONÁRIO FEITO COM OS TURISTAS CAPOEIRISTAS

"A Capoeira dos grupos localizados no Centro Histórico de Salvador, sua relação com os turistas e os impactos culturais para a tradição da capoeiragem."

Nome: _____Data: ___/___/___

Local de residência (cidade, estado e/ou país) _____

1. Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

2. Faixa Etária: ( ) até 18 anos ( ) 19 a 30 anos ( ) 31 a 40 anos ( ) 41 a 50 anos ( ) 51 à 60 anos ( ) 61 anos ou mais

3. Escolaridade: ( ) 1° Grau completo ( ) 2° Grau Completo ( ) Superior Incompleto ( ) Superior Completo

Profissão: _____

5. Como você descobriu a Capoeira? E há quanto tempo pratica?

6. Com que grupo você treina em sua cidade? Qual Mestre?

7. Aqui em Salvador onde está treinando?

( ) Centro Histórico ( ) Cidade Baixa ( ) Outro bairro _____

Nome do Grupo ou Mestre: _____

8. É a primeira vez que vem a Salvador para praticar capoeira? ( ) Sim ( ) Não

Caso não seja a primeira vez, você costuma vir para Salvador com que frequência?

9. Por quanto tempo vai ficar em Salvador desta vez? ( ) 1 a 3 semanas ( ) 1 mês a 3 meses ( ) 3 a 5 meses ( ) 5 meses a 1 ano ( ) mais de um ano

10. A Capoeira foi a principal motivação para visitar Salvador?

( ) Sim ( ) Não Por quê? _____

12. Você tem algum interesse em ensinar Capoeira onde você mora ou veio aqui só pra aprender?

( ) Sim, tenho interesse em ensinar ( ) Não, só tenho interesse em aprender

13. Teve ou tem alguma dificuldade específica em relação à Capoeira? ( ) Canto ( ) Movimentos ( ) Toque ( ) Fundamentos da Capoeira ( ) Língua Portuguesa ( ) Relação com Capoeiristas

14. Qual a diferença em praticar a capoeira em seu local de residência e em praticar aqui em Salvador?